

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES- CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**“Aqui o nativo é o caboclo...”: O processo de construção da identidade cabocla em
Mirandas/RN.**

Susana Rolim Soares Silva

Natal, 2011.

Susana Rolim Soares Silva

**“Aqui o nativo é o caboclo...”: O processo de construção da identidade cabocla em
Mirandas/RN.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof^a. Dra. Luciana de Oliveira Chianca.

Natal/RN, 2011.

A José Emiliano Fernandes (in memoriam),
que “criava umas galinhas, umas vacas,
mas gostava mesmo era de gente”.

E a Raimunda de Oliveira Fernandes, por
ter me feito sentir o doce sabor que a vida
tem quando gostamos de “gente”.

SUSANA ROLIM SOARES SILVA

**“Aqui o nativo é o caboclo...”: O processo de construção da identidade cabocla em
Mirandas/RN.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Data da defesa: 24 de outubro de 2011.

RESULTADO: APROVADA

BANCA EXAMINADORA

Luciana Chianca

Prof^ª. Dra. Luciana de Oliveira Chianca - UFPB
(Orientadora)

Juliana G. Melo

Prof^ª. Dra. Juliana Gonçalves Melo - UFRN
(Membro interno)

Maria Patrícia Lopes Goldfarb

Prof^ª. Dra. Maria Patrícia Lopes Goldfarb - UFPB
(Membro externo)

Prof^º. Dr. Edmilson Lopes Júnior – UFRN
(Suplente)

AGRADECIMENTOS

A todos os mirandenses, por terem gentilmente aberto as portas de suas casas e as frestas de suas vidas, compartilhando comigo aquilo que têm de mais precioso, suas subjetividades. A todos eles, o meu profundo e sincero agradecimento.

De maneira muito especial, à dona Raimunda de Oliveira Fernandes, pelo exemplo de força, garra e sensibilidade que me foi ofertado. Por ter me hospedado em sua residência e, principalmente pelo carinho e zelo que sempre me despendeu.

Aos caraubenses de modo geral e mais especificamente a todos aqueles que me concederam minutos e até horas de suas vidas. De maneira muito especial a Marcos Roberto Fernandes, por mais uma vez ter se mostrado tão gentil e disposto a contribuir com esse trabalho. E ao senhor Deusdete Fernandes Pimenta, pelas muitas “histórias” contadas e pela gentileza.

Ao meu esposo Vanderlan, pelo amor, pelo companheirismo, pela força, e pelo sentimento de plenitude que ele traz à minha existência. Ao seu lado a vida se tornou muito mais bela. E também a “Vitinho”, pelo carinho, pela alegria que sua presença proporciona e pela confiança em mim depositada.

À minha família, em especial à minha mãe, pela certeza que tenho de que sempre estará ao meu lado e também por ela nunca ter deixado de acreditar em minha capacidade de realização. Às minhas irmãs e sobrinhas, simplesmente por existirem. Agradeço ainda ao meu cunhado Neuzo, por todas as gentilezas concedidas ao longo dos anos e de forma muito especial, pelas vezes que facilitou minhas idas a comunidade e ao município de Caraúbas.

Ao meu tio ‘Toinho’, sua esposa Célia e seus filhos, Dayan, Hilda Helena e Débora, por terem me hospedado tantas vezes em sua residência, facilitando assim minhas estadias em Natal. Agradeço também à Karla e a pequena “Lêlê”, por sua graciosidade e firmeza.

Aos meus padrinhos, tio Naldir e tia Conceição, por sempre terem se colocado prontos a ajudar no que fosse preciso.

Aos amigos Adeilson Tavares e Melânia Farias, por todas as gentilezas, pela amizade nos últimos anos e pela força que me foi ofertada durante o período de elaboração desse trabalho.

Ao artista Marcelo “amarelo”, pela elaboração do croqui desse trabalho e principalmente pela sua boa vontade.

Aos colegas de sala de aula, entre eles, Jociara, Carlos, João Paulo, e de maneira muito especial a Emma Maria, pelo carinho, atenção e amizade. Também aos colegas de universidade, em especial à Joana Regis, Marluce, Juliana e Élcio (companheiros do “grupão”), pelas discussões e apoio aos “desabafos”. Gostaria de agradecer ainda a Janaina Henrique, por ter se revelado uma boa amiga ao longo desses últimos anos.

À secretaria do PPGAS, em especial a Natasha, pela simpatia, boa vontade e pela eficiência com que tem realizado seu trabalho. Agradeço ainda a Adriano, secretário do DAN, pela gentileza, simpatia e educação.

Ao programa REUNI, pela bolsa de estudos concedida e pela experiência que pude acumular. Em especial, ao professor Gabriel Vitullo e às colegas do componente curricular, Andréa e Eva Melo.

À professora Julie Cavignac, por ter participado da qualificação desse trabalho e por ter se colocado à disposição em ajudar desde o meu ingresso no programa. A Mércia Batista, também por ter participado da qualificação desse trabalho, pela leitura atenta que realizou, pelas boas proposições e, sobretudo, pela atenção despendida ao longo dos últimos meses.

Como não poderia deixar de ser, agradeço a Luciana de Oliveira Chianca por ter aceitado o convite para orientar esse trabalho e, mais do que isso, por ter acreditado em sua realização. Agradeço também pelos bons caminhos sugeridos, por ter me ajudado a desvendar elementos que pareciam encobertos na pesquisa e por ter me mostrado a necessidade de questionar aquilo que, à primeira vista, parecia-me óbvio. Sem dúvida, ela tem sido um bom exemplo de orientadora que induz o orientando a pensar. O meu sincero agradecimento.

RESUMO

Esta dissertação é resultado de três anos de pesquisa junto à Mirandas, localidade distante 22 quilômetros do município de Caraúbas, região Oeste do estado do Rio Grande do Norte. Durante esse período, percebemos que os mirandenses se identificam e são identificados por outros grupos como “caboclos”, categoria essa que no discurso corrente tanto em Mirandas quanto no referido município, está relacionada à versão de que os antepassados mirandenses teriam chegado à região advindos da cidade do Cabo em Pernambuco. No entanto, o uso que é feito dessa versão termina encobrendo ou mesmo relegando elementos definidores da identidade dos mirandenses, tal como a possível descendência indígena dos mesmos, que é acionada, sobretudo, através de narrativas que apontam para a existência de uniões entre portugueses e índias “pegas a casco de cavalo” (MACÊDO, 2010; CAVIGNAC, 2003). Assim, essa etnografia traz à tona os elementos a partir dos quais os mirandenses definem sua identidade, que pode ser mais bem visualizada tanto a partir o uso que os “caboclos” fazem de sinais diacríticos (BARTH, 1998; OLIVEIRA, 1976) quanto das relações estabelecidas entre mirandenses e caraubenses. Relações essas que tornam manifestas as afinidades e tensões existentes entre os habitantes dos dois grupos e nos ajudam a entender como a identidade cabocla se atualiza a partir do paradoxo união/oposição aos caraubenses, tanto nos campos territorial e econômico quanto (e mais expressivamente) no campo religioso.

Palavras-chaves: Caboclos, identidade, Mirandas, Caraúbas, sinais diacríticos.

RÉSUMÉ

Ce travail de dissertation (Master) est le résultat de trois ans de travail auprès de Mirandas, endroit situé à 22 kilomètres de la ville de Caraúbas, région ouest de l'Etat du Rio Grande do Norte. Pendant cette période, on a compris que les habitants de Mirandas se identifient et sont identifiés pour les autres comme des "caboclos", catégorie de classification que dans le discours courant, soit à Mirandas ou dans la siège de la municipalité, a des rapports avec la vision que les tous premiers habitants de Mirandas sont venus de la ville du "Cabo", dans l'Etat de Pernambuco. Et pourtant ; l'usage qu'a été fait de cette version a fini pour cacher des éléments qui ont défini l'identité de Mirandas, tel comme la probable descendance indigène que parfois est actionnée dans les narratives qui montrent des rapports entre les portugais et des femmes indiens qu'ont été pris à "casco de cavalo (cheval)". (MACÊDO, 2010; CAVIGNAC, 2003). Donc, cette ethnographie porte à la lumière des éléments que sont utilisés pour les "mirandenses" pour définir leur identité. Cette identité peut être bien visualisé a partir des éléments que les caboclos font des signes diacritiques (BARTH, 1998; OLIVEIRA, 1976), bien comme des rapports établis entre les habitants de Mirandas et ces de Caraúbas. Des rapports qui ont rendu possible les manifestations d'affinité et de conflits et que, donc, nous aide à entendre comme cette identité se réactualise dans ces rapports d'union et opposition que les mirandenses construisent avec les caraubenses. Cela arrive dans les rapports territoriaux, économiques et de façon plus marquante, dans les rapports religieux.

Mots-Clés : Caboclos, Identité, Caraúbas, signes diacritiques.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO N° 1: Croqui de Mirandas.....	62
--	----

LISTA DE MAPAS

MAPA N° 1- Limites geográficos do município de Caraúbas e de Mirandas.....	26
MAPA N° 2- Mapa do Rio Grande do Norte com a localização geográfica de Mirandas...	32

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA Nº 1- Carnaubeira em flor.....	23
FOTOGRAFIA Nº 2- Igreja Matriz de São Sebastião.....	24
FOTOGRAFIA Nº 3- Pátio da igreja matriz de Caraúbas em dia de procissão (1936).....	24
FOTOGRAFIA Nº 4- Antigo forno utilizado na produção da farinha de mandioca.....	36
FOTOGRAFIA Nº 5- O “samba dos caboclos”.....	42
FOTOGRAFIA Nº 6- Retrato do senhor José Dias Júlio.....	50
FOTOGRAFIA Nº 7- Modelo de habitação mirandense.....	55
FOTOGRAFIA Nº 8- Terreno baldio e despejo de lixo em Mirandas.....	56
FOTOGRAFIA Nº 9- Passeio por Mirandas.....	58
FOTOGRAFIA Nº 10- Senhor Alfredo Pinto e vista parcial de Mirandas.....	58
FOTOGRAFIA Nº 11- Entrada principal de Mirandas.....	59
FOTOGRAFIA Nº 12- Bar e Mercado Público de Mirandas.....	60
FOTOGRAFIA Nº 13- O senhor “Neto” e seu instrumento de trabalho.....	68
FOTOGRAFIA Nº 14- Realizando o ofício.....	69
FOTOGRAFIA Nº 15- Dona Raimunda de Oliveira Fernandes.....	70
FOTOGRAFIA Nº 16- Fogo à lenha e produção do doce de caju.....	71
FOTOGRAFIA Nº 17- Capela de São José em Mirandas.....	95
FOTOGRAFIA Nº 18- Imagem de São Sebastião de origem francesa.....	98
FOTOGRAFIA Nº 19- Imagem de São Sebastião de origem pernambucana.....	98
FOTOGRAFIA Nº 20- Preparação para a procissão de São Sebastião/2011.....	104
FOTOGRAFIA Nº 21- Procissão de São Sebastião/2011.....	105
FOTOGRAFIA Nº 22- Retrato do senhor Alexandre Bezerra de Puma.....	107

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	12
1.1- Aporte teórico e relevância do trabalho.....	14
1.2- Quase memórias de um encontro.....	17
2- PASSADO HISTÓRICO.....	20
2.1- De Portugal à terra das carnaubeiras.....	20
2.2- Das sombras às pedras.....	28
2.3- A chegada à Mirandas.....	31
2.4- Do trabalho à festa: as farinhadas.....	35
2.5- Categorizando a si mesmo e aos outros: o “caboclo” e o “cabra”.....	43
2.6- O Caboclo “pego a casco de cavalo”.....	47
3- A VIDA EM MIRANDAS.....	54
3.1- Terra, trabalho e solidariedade.....	63
3.2- Caju caboclo: “doce feito mel”.....	67
3.3- A violência e outros temas.....	74
4- RELAÇÕES COM O LUGAR, COM OS “OUTROS” E COM O SAGRADO.....	80
4.1- Relações com o lugar.....	80
4.2- Relações com os “outros”.....	85
4.3- Relações com o sagrado: São José e São Sebastião.....	92
4.4- Festa de São Sebastião: palco de tensões e (re) afirmação identitária.....	99
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS.....	113
ANEXOS.....	117

1- INTRODUÇÃO

O trabalho que segue tem como objetivo compreender a identidade dos habitantes de Mirandas, distante 22 quilômetros do município de Caraúbas- RN¹. Ao longo dos anos os mirandenses vêm se auto-definindo e sendo definidos por outros como “caboclos”, categoria a qual se atribui costumes específicos, permanência num mesmo espaço geográfico e crenças religiosas arraigadas a um passado histórico.

Em Mirandas e no município de Caraúbas, a categoria “caboclo” é comumente utilizada para fazer referência genérica ao homem do campo, que sobrevive da agricultura, da produção de doce de caju e que por vezes se desloca em direção à cidade, seja para participar da feira livre ou rezar para São Sebastião, o santo eleito “protetor dos caboclos”. No entanto, essa categoria também está diretamente relacionada à figura do sertanejo valente, homem de uma só palavra, “*que não quebra o trato*” e que “*quando diz que é pedra, é pedra mesmo*”. Aquele que é reconhecido:

Pelo cabelo, pela conversa, porque todo caboclo tem o cabelo bem estiradinho, num dá uma volta e é bem pretinho, sendo ‘caboclo puro’ é desse jeito. E também porque usa cabelo grande, costeleta, tem o terno² também. (Antônia Josefa da Conceição, 50 anos, “cabocla” e professora em Mirandas).

Para além dos sinais diacríticos (BARTH, 1998; OLIVEIRA, 1976) mencionados acima, os mirandenses defendem que o uso corrente da categoria “caboclo” se deve ao fato de seus antepassados portugueses terem se instalado no Brasil primeiramente na cidade do Cabo em Pernambuco³, e somente depois terem fixado moradia na região do semi-árido norte-riograndense. Essa suposta passagem pelo estado de Pernambuco não deixa de ser apontada também por habitantes do município de Caraúbas, como podemos observar na fala que segue: “*São os caboclos porque eles vêm do Cabo, é caboclo mesmo, caboclo e Cabo*”. (Miquéias da Costa Sales⁴)

Essa retórica, além de ressaltar a possível descendência portuguesa dos seus antepassados, como teremos a oportunidade de perceber mais adiante, é também utilizada com o intuito de negar uma suposta descendência indígena.

¹ Mirandas e Caraúbas estão localizadas na região Oeste do estado do Rio Grande do Norte, na microrregião denominada Chapada do Apodi, a 260 km da capital Natal.

² A informante refere-se ao fato dos mirandenses usarem calça e camisa de uma mesma cor, sobretudo na cor azul. Logo, quando os mesmos trajam roupas em cores semelhantes, diz-se que estão usando o “terno”.

³ Atualmente a cidade é nominada Cabo de Santo Agostinho.

⁴ Caraubense, estudante e colaborador da paróquia de São Sebastião em Caraúbas.

Tentando não naturalizar o discurso corrente tanto em Mirandas quanto no município de Caraúbas, e ao mesmo tempo insatisfeitos com as justificativas concernentes ao uso da categoria “caboclo”, realizamos incursões à Mirandas buscando melhor conhecer os significados de tal identificação na vida cotidiana dos mirandenses. Esse esforço nos conduziu na direção de novos significados e discursos referentes à categoria nativa. Isso porque nos deparamos com relatos de mirandenses e caraubenses apontando para o fato de antepassados mirandenses, sobretudo mulheres, terem sido *“pegadas a casco de cavalo”*, discurso esse que, segundo Cavignac, remonta um passado indígena ou, mais especificamente, índias que foram *“raptadas pelos primeiros colonizadores europeus”* (CAVIGNAC, 2000, apud MACÊDO, 2010, p.03).

De posse desse discurso, buscamos descortinar as possíveis implicações desse passado e perceber qual o sentido que os mirandenses atribuem a essa narrativa. Além disso, buscamos conhecer quais visões permeiam o universo dos caraubenses acerca dos mirandenses, como eles vêem aqueles que lhes parecem “estranhos”.

Um habitante do município de Caraúbas e colaborador da Igreja Matriz de São Sebastião acredita que afirmar que os mirandenses foram *“pegos a casco de cavalo”* é sinônimo de *“mistura”*, pois, *“o Cabo era feito da mistura do índio com o Português, e por isso que o povo das Mirandas tem um bocado de semelhança com os índios também, como o cabelo estirado né, a obediência à cultura que eles têm muita, bem indígena, assim.”* (Miquéias da Costa Sales)

Semelhante interpretação pode ser percebida na fala de um segundo informante, também residente no município de Caraúbas:

Alguns dos descendentes dos Mirandas já eram nascidos no Pernambuco mesmo, mas a mistura né do Português com os negros e os índios da região do Pernambuco. Por isso que eles são um pouco diferente, a gente vê que eles têm os traços indígenas, mas os olhos claros dos europeus. Há uma mistura de raças muito forte. (Jaqueline de Góis)

A mesma informante conclui: *“Na verdade, aqui o nativo é o caboclo, que não deixa de ser índio né? São índios só que de uma outra tribo”*. (Jaqueline de Góis)

Como é possível observar, ambos os informantes apontam para uma possível identidade étnica do grupo Mirandas. No entanto, eles desconsideram o fato de que a possível “mistura” pode ter se dado já no estado do Rio Grande do Norte, cujo passado está

marcado pela presença indígena, sobretudo na região do município de Caraúbas e de Mirandas. (MORAIS, 2007; MOTA, 1989; MORAIS, 2003)

Diante do exposto, o trabalho apresenta uma nova abordagem e um novo olhar acerca dos habitantes de Mirandas, e tem como um dos principais objetivos analisar os elementos a partir dos quais eles se definem, ou para dizer de outro modo, o que é ser “caboclo” naquela região do estado do Rio Grande do Norte.

1.1- Aporte teórico e relevância do trabalho

Seguindo alguns preceitos definidos por Fredrick Barth (1998), entendemos que Mirandas pode ser pensada enquanto um grupo étnico, na medida em que os mirandenses se utilizam de uma atribuição categórica para classificar a si mesmo e aos seus pares, em função de suas supostas origens (BARTH, apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.141). Ao mesmo tempo, percebemos que essa classificação se dá tanto através da interação social estabelecida entre os membros do grupo, quanto pelo uso de sinais culturais diferenciadores ou sinais diacríticos, utilizados pelos mirandenses com o desejo (consciente ou não) de se distinguirem, de marcar diferenciações em relação aos indivíduos de outras localidades.

Na mesma direção caminham estudos de Roberto Cardoso de Oliveira (1976, p.05), ao revelar que a *“identidade social surge como a atualização”* do *“processo de identificação”*. Sendo assim, os signos culturais utilizados pelos mirandenses para marcar as distinções entre eles e demais grupos sociais, sobretudo os caraubenses, podem nos ajudar a refletir sobre suas identidades e as maneiras pelas quais essa identidade é assumida em diferentes circunstâncias.

Desse modo, os discursos produzidos pelos “caboclos” a respeito de suas identidades, bem como a imposição de uma distinção em relação a outros grupos, passaram a se constituir como elementos definidores da nossa escolha em tomar a identidade dos habitantes de Mirandas como objeto de estudo e investigação. Para dar conta dessa empreitada, procuramos entender os elementos que dão sentido à identidade do grupo Mirandas, tanto na vida cotidiana da localidade quanto na relação com os caraubenses.

A relevância de tal investigação se encontra no fato de serem os mirandenses detentores de uma identidade diferenciada, destoante na região na qual estão inseridos.

Logo, o conhecimento a respeito da mesma tende a contribuir com os estudos de identidade de um modo geral e, mais especificamente, com os estudos de identidade no Rio Grande do Norte. Além disso, temos percebido que a identidade vivenciada em Mirandas tem sido negligenciada pela historiografia referente à região, que até o momento tem se voltado a apresentar apenas a contribuição da família portuguesa na fundação do município de Caraúbas (CASCUDO, 1968; MORAIS, 2007). Ou, quando muito, a endogamia do grupo conhecido como Cachoeira⁵, reunindo os habitantes da comunidade Cachoeira e de Mirandas. Tais estudos, no entanto, ou não tiveram acesso ou desconsideraram fragmentos e discursos relevantes (o que, num caso ou no outro, mostra o limite dessas abordagens) e esclarecedores do passado e origem do grupo, que agora trazemos à luz.

Visando descortinar os elementos definidores dessa identidade, buscamos analisar os mirandenses “*do ponto de vista dos nativos*” (GEERTZ, 1997, p.86), tentando descobrir qual a visão de mundo do “caboclo” mirandense. Logo, nos detemos muitas vezes às formas simbólicas predominantes na localidade, entre estas, as palavras, imagens, instituições e comportamentos, acreditando que esses elementos expressam a identidade. Isso sem perder de vista a idéia de que, se almejávamos descobrir o ‘eu’ mirandense, deveríamos fazer duas perguntas, quais sejam: “*como é a sua maneira de viver de um modo geral?*” e “*quais são precisamente os veículos através dos quais essa maneira de viver se manifesta?*” (GEERTZ, 1997, p. 106).

Foi tentando responder questões como essas que realizamos uma etnografia⁶ em Mirandas, voltada à observação do cotidiano da localidade e aliada à realização de entrevistas com os mirandenses, além de estadias e entrevistas no município de Caraúbas⁷ com o objetivo de perceber como os “outros” vêem os mirandenses, ou ainda como eles contribuem na formação da identidade cabocla. No referido município, analisamos os momentos de interação entre mirandenses e caraubenses, almejando perceber em que medida a identidade dos mirandenses é construída a partir da relação com os caraubenses.

⁵ A esse respeito ver: CARVALHO, José Nunes Cabral de (1983) e OLIVEIRA, Maria Consuelo de (1994).

⁶ A etnografia realizada em Mirandas foi realizada de janeiro 2010 a janeiro de 2011. Nesse intervalo de tempo realizamos cinco estadias de aproximadamente 15 dias, além de diversas outras idas diárias com retorno no final do dia para o município de Caraúbas. Em tais ocasiões, realizamos entrevistas gravadas com 09 mirandenses, além de inúmeras conversas informais com demais habitantes de Mirandas. Vale acrescentar ainda que no ano de 2002 realizamos pesquisa com os mirandenses, quando nos preparávamos para elaborar trabalho final de curso de graduação.

⁷ No referido município realizamos conversas informais com muitos moradores, além de entrevistas gravadas com 08 caraubenses e também com 05 mirandenses, atualmente residentes na cidade. Além disso, tivemos a oportunidade de conversar com “caboclos” residentes em outras cidades do estado, que retornam todos os anos ao “lugar de origem” para participar da festa de São Sebastião.

Em ambas as localidades, realizamos entrevistas direcionadas e geralmente acompanhadas de um gravador. No entanto, tornaram-se comuns também as conversas informais, momentos nos quais permitíamos que os informantes “selecionassem” a temática que desejavam acionar. Nessas ocasiões, percebemos entre outras coisas, que os mirandenses se voltavam para os problemas que mais afetam o cotidiano de Mirandas, quase sempre como se tivessem pedindo ajuda para “sair do esquecimento” dos outros.

Devemos ressaltar ainda nossa predileção pelos informantes mais velhos, que nos ajudaram a recuperar por meio da memória social e da história oral elementos do passado que continuam dando sentido e ligadura à tessitura do que hoje temos acesso. Logo, as pessoas contatadas nesse trabalho ou nos aparecem enquanto “abrigos” de memória ou são tomadas enquanto “especialistas” em alguns dos temas que aqui analisamos. No entanto, é importante esclarecer que ao remontarmos a origem histórica e os fragmentos do passado do grupo mirandense visávamos entender e conhecer os elementos que dão sentido a identidade no presente. Em virtude disso, as gerações mais jovens também foram observadas e entrevistadas, com o propósito de perceber como as novas gerações vivenciam as idéias de pertencimento identitário.

Assim, direcionamos nosso olhar para os momentos nos quais mirandenses e caraubenses se utilizam da categoria “caboclo”, já que tivemos a oportunidade de perceber que essa categoria é flexível e vasta, capaz de se acomodar facilmente às circunstâncias e aos interesses individuais e/ou coletivos. Assim, tornou-se relevante pensar em quais circunstâncias os habitantes de Mirandas se definem e são definidos por outros como tais.

Questões como essas nortearam o nosso trabalho, que está dividido em três capítulos analíticos. No primeiro deles, retomamos o passado de Mirandas, do município de Caraúbas e de alguns sítios distribuídos em seu entorno, demonstrando que a história dessas localidades se entrelaça com a história e a memória de muitos mirandenses. Nesse primeiro capítulo delineamos o recorte historiográfico⁸ referente à região da Chapada do Apodi, micro-região na qual está inserida Mirandas. A partir de tais recortes conseguimos visualizar os elementos culturais que ao longo dos anos têm atribuído sentido à identidade dos mirandenses. Ainda nesse primeiro capítulo, apresentamos as categorias pretéritas

⁸ Destaca-se alguns autores regionais, como Luís da Câmara Cascudo (1968), Marcus César Cavalcante de Moraes (2007) e José Nunes Cabral de Carvalho (1964, 1983), autores que nos ajudaram a conhecer a história da região, seus primeiros habitantes e aqueles que são apontados pelos mirandenses como seus ‘legítimos’ antepassados.

utilizadas pelos mirandenses para marcar as distinções entre eles e demais grupos sociais, bem como o processo de construção do termo “caboclo” em Mirandas.

No segundo capítulo, nosso objetivo é apresentar Mirandas como um todo, suas moradias, principais formas produtivas, o estilo de vida predominante e os principais problemas que afetam a localidade. Com isso, buscamos analisar em que medida esses elementos se tornam relevantes na construção da identidade cabocla vivenciada em Mirandas.

A discussão das relações estabelecidas entre os mirandenses e o “lugar” no qual vivem é mais bem elaborada no terceiro capítulo, que apresenta como a identidade dos mirandenses está ligada à Mirandas enquanto “lugar de memória” e a Caraúbas enquanto o “vizinho” com o qual os mirandenses constroem seus referenciais identitários. Logo, é nesse capítulo que apresentamos os tipos de relações existentes entre os habitantes de Mirandas e os habitantes de Caraúbas, mostrando que essas relações nem sempre são marcadas por cordialidades e sentimentos de pertencimento a um mesmo grupo social. Mas que, ao contrário, os mirandenses já sofreram e ainda são submetidos a diversas formas de preconceito, sendo suas identidades cotidianamente estigmatizadas.

Ainda nesse capítulo, analisamos a ligação entre os mirandenses e o “sagrado”, mostrando como ela se constitui enquanto expressão das tensões existentes entre eles e os caraubenses. Nesse sentido, a festa de São Sebastião realizada no município de Caraúbas aparece não apenas como um bom momento para escutar as pessoas, mas também como um momento propício para perceber a vivência das tensões e conflitos existentes entre caraubenses e mirandenses, bem como a relevância dos mesmos na formação identitária dos “caboclos de Caraúbas”.

Na parte final, apresentaremos as conclusões a que chegou esse trabalho.

1.2- Quase memórias de um encontro

A tarefa de conhecer e analisar a identidade dos “caboclos de Caraúbas” teve início em meados do ano de 2000, quando em uma conversa com o professor Edmilson Lopes Júnior⁹ tomamos conhecimento de um grupo que segundo o mesmo vivia “relativamente

⁹ Na época, Edmilson Lopes Júnior era professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Atualmente o mesmo é professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do

isolado” em Mirandas. Até aquele momento, tanto o município de Caraúbas quanto Mirandas compreendiam cenários novos para nós, tanto do ponto de vista geográfico quanto social, e sabíamos que esse seria um dos primeiros obstáculos a ser enfrentado. Mesmo assim, ansiávamos conhecer o grupo, adentrar num universo novo às nossas percepções. Com a ajuda de um colega de universidade e morador do município de Caraúbas, Marcos Roberto Fernandes, realizamos uma primeira visita à Mirandas. Era um dia de domingo, dia de feira e, por conseguinte, de muita movimentação na localidade.

Durante aquele dia, vistamos os senhores Manoel Auspício Bezerra Magro e José Emiliano Fernandes¹⁰, apontados por “Marquinhos” como os primeiros moradores de Mirandas, os “donos da memória” do lugar. Na conversa com ambos percebemos que o passado do grupo era acionado com bastante frequência, seja como tentativa de explicar o uso corrente da categoria “caboclo”, seja para tentar elucidar o processo de formação daquele grupo social.

Os discursos presentes nessa primeira visita se tornaram corriqueiros durante a nossa pesquisa monográfica realizada no ano de 2002. Todavia, esse trabalho não conseguiu elucidar o fato dos mirandenses fazerem uso de uma categoria étnica para se auto-definirem. Desde o referido ano inquietava-nos pensar que os mirandenses se definiam e eram definidos por outros como “os caboclos de Caraúbas” em decorrência do fato de seus antepassados portugueses terem chegado à Mirandas advindos da cidade do Cabo em Pernambuco.

Foram essas inquietações que despertaram o desejo de melhor conhecer o grupo. No entanto, essa não foi uma tarefa das mais fáceis, pois a cidade de Caraúbas é vista no cenário regional como um lugar violento e inúmeras vezes fomos alertados pelos próprios mirandenses e caraubenses sobre os perigos presentes no percurso entre Caraúbas e Mirandas.

É inegável que tudo isso produziu temor e apreensão, fazendo com que muitas vezes pensássemos na idéia de escolher um grupo mais acessível. Todavia, existia algo ainda pouco claro para nós, que fazia com que permanecêssemos ligados a tal grupo. Foram necessárias muitas incursões a Mirandas e um incontável número de viagens para dentro de nós mesmos, para enfim, descobrirmos os elos que nos ligavam àquele universo.

Rio Grande do Norte (UFRN) e professor do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais na mesma instituição.

¹⁰ Ambos os informantes eram considerados fundadores de Mirandas. O senhor Manoel Auspício Bezerra Magro, falecido no ano de 2006, era sindicalista e representante dos Movimentos Sociais no município de Caraúbas, já o senhor José Emiliano Fernandes era agricultor e faleceu no dia 20 de abril do ano de 2008.

Foi então que, durante a escrita do trabalho, percebemos que apesar dos obstáculos e dos temores, Mirandas sempre aparecia em nossos escritos (porque antes estava em nossos sentimentos) como um lugar tranqüilo, bucólico e saudosista. Percebemos então, que visualizávamos um lugar que “não existia” senão nas nossas lembranças ligadas à infância, às muitas férias vividas na fazenda do avô paterno. Daí em diante nós conseguimos entender o porquê de termos escolhido um lugar que em muito lembrava o doce sabor da infância numa fazenda chamada “Barro Vermelho”. Um sabor doce, que no primeiro caso, o da infância, produzia-se a partir do doce de leite, pelas mãos da avó. No segundo caso, o de Mirandas, o doce que é feito do caju, pelas mãos de dona Raimunda. Mirandas, como a fazenda da infância, também tem os seus contadores de histórias, com seus sabores e dissabores.

O encontro com Mirandas, com seus moradores e suas vidas me permitiu como pesquisadora viajar rumo ao passado para redescobrir as trilhas ao longo das quais a minha existência foi se constituindo. Essa redescoberta propiciou, igualmente, a possibilidade de uma nova viagem, desta vez rumo à compreensão de que a história de um povo, de um grupo, se faz entre as várias possibilidades que unem o passado e o presente, para formar isso que aqui os mirandenses chamam de “caboclos”.

2- PASSADO HISTÓRICO

2.1- De Portugal à terra das carnaubeiras

Esta primeira parte do trabalho busca empreender uma descrição acerca da origem e formação do grupo Mirandas, cujos moradores são atualmente conhecidos como os “caboclos de Caraúbas”. Tal descrição tentará analisar os mirandenses a partir de seus descendentes, seus modos de vida e das trajetórias supostamente percorridas por eles até a chegada a Mirandas. Nesse sentido, a análise que almejamos desenvolver encontra na perspectiva histórica uma de suas principais vertentes, não apenas porque tenta remontar a origem histórica de algumas famílias mirandenses, mas também, e, sobretudo, porque é no passado que os membros dessas famílias encontram explicações para as crenças e valores que atualmente dão sentido às suas identidades.

Foi tentando realizar tal empreitada que percebemos que o passado de alguns mirandenses está diretamente relacionado ao passado e a história da Chapada do Apodi, micro-região na qual estão inseridos o município de Caraúbas e a localidade Mirandas. Sendo assim, faremos inicialmente um regresso no tempo e, como num jogo de quebra-cabeças, tentaremos apresentar as partes do passado mirandense que por vezes se entrecruzam com o passado da região e do município englobantes, mas que aos poucos segue seu próprio caminho.

De acordo com o historiador e folclorista potiguar Luís da Câmara Cascudo (1968), o primeiro habitante da Chapada do Apodi foi o Sargento-Mor Dionísio da Costa Soares, que em 1733 era proprietário das fazendas Sabe Muito, Apanha-peixe e Olho D’água do Milho, todas localizadas na Ribeira do Apodi. No entanto, o próprio historiador chama atenção para o fato de que, mesmo antes dessa família, a localidade já era habitada por pequenos grupos, cujos nomes ele desconhecia.

A esse respeito, vale ressaltar também algumas considerações realizadas por Marcus César Cavalcante de Moraes (2007), que aponta Baltazar Nogueira como o primeiro a fixar moradia numa fazenda localizada às margens da lagoa do Apanha-Peixe. Mais tarde, o senhor Baltazar Nogueira teria construído em sua fazenda uma casa forte com o objetivo de proteger-se de possíveis ataques indígenas, já que na época toda a região era habitada por índios, provavelmente os Tarairiu, que habitavam o sertão do estado e se

sub-dividiam entre os Paiacu, Janduí, Canindé, Pêga e Genipapo (MONTEIRO, 2000 apud MORAIS, 2003, p.165).

No entanto, numa das viagens do Sr. Baltazar Nogueira ao Estado de Pernambuco, “os índios invadiram a fazenda, saquearam e incendiaram a casa” (MORAIS, 2007, p. 56). Após o seu retorno, vendo as conseqüências do ocorrido, a família Nogueira mudou-se definitivamente para Pernambuco, deixando a localidade “desabitada”.

Passados alguns anos, por volta do ano de 1750 teria chegado à região o português Francisco de Souza Falcão. Este, aproveitando uma dádiva do governo de Portugal, através do regime de Sesmaria¹¹, deixou a cidade do Cabo em Pernambuco e veio para a localidade acompanhado de seus familiares. Em uma de suas idas a Pernambuco trouxe consigo, entre outras pessoas, seu sobrinho Leandro Bezerra Cavalcanti, que, mais tarde, se tornaria seu genro. Esse relato histórico encontra ressonância na fala do folclorista potiguar Luís da Câmara Cascudo:

Em 1750, o capitão de Ordenança (depois tratado por ‘Tenente-general’) Francisco de Souza Falcão, veio do Cabo, Pernambuco, situando fazendas. Voltou a Pernambuco em data não sabida e regressou em 1760, trazendo Leandro da Cunha Bezerra Cavalcanti, Pedro da Cunha Holanda Cavalcanti e Manoel da Cunha Ferreira, irmãos, forças criadoras da pastorícia. (CASCUDO, 1968, p.170)

Essa mesma versão foi igualmente confirmada por Morais:

Mais tarde, o português Francisco de Souza Falcão, verdadeiro fundador do povoado, saiu de Pernambuco com sua família e dois sobrinhos e fundou uma fazenda em Cachoeira, utilizando a sesmaria comprada a Félix da Cruz. Pouco depois da chegada da família pernambucana, a filha de Souza Falcão, a jovem Ana, casou-se com seu primo Leandro Bezerra da Cunha Cavalcanti. Depois do casamento, no ano de 1780, Leandro instituiu uma fazenda no Riacho das Caraúbas (MORAIS, 2007, p.56).

Ainda segundo Morais, nessa mesma época toda a região do semi-árido nordestino foi imensamente castigada por uma “*implacável seca*” (MORAIS, 2007, p.56), o que tornou a vida mais difícil para aquela pequena população que vivia da agricultura e pecuária. Tentando resolver esse problema, Leandro Bezerra prometeu a São Sebastião que se ele mandasse água para o seu povo, construiria no então vilarejo uma capela em sua

¹¹ “Lote de terra inculta ou abandonada; terreno abandonado ou inculto que os reis de Portugal cediam aos novos povoadores.” (Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa: Editora Objetiva LTDA, 2001)

homenagem. Depois disso, a família portuguesa cavou um poço junto ao Riacho das Caraúbas e dele jorrou água em abundância, matando a sede de toda a população e de seus rebanhos.

Cumprindo então a promessa feita ao santo, entendida aqui como sendo uma forma de relação e de troca entre a “*condição humana concreta e um indivíduo ou santidade que a rodeia*”, tal como definida por Pierre Sanchis (SANCHIS, 1983, p.47), os fazendeiros construíram a capela em homenagem a São Sebastião. Anos depois, Leandro Bezerra mandou buscar em Pernambuco, mais especificamente no engenho Muribeca, atual município do Estado de Sergipe, uma imagem do referido santo, que desde então passou a ser considerado padroeiro dos habitantes da Vila de Caraúbas. Assim, cabe observar a narrativa do nosso informante Miquéias da Costa Sales, caraubense e pesquisador da história de seu município:

Então ele (referindo-se a Leandro Bezerra), em 1791 faz a promessa a São Sebastião e é atendido. Ele pede que, se encontrasse água para o seu gado, prá saciar a sede do seu gado, mandaria construir uma capela em honra ao glorioso mártir. Em 1793, ele constrói a capela e pede aos negros do Engenho Muribeca para esculpir uma imagem de São Sebastião. (Miquéias da Costa Sales)

Desde então, a capela e a imagem de São Sebastião passaram a atrair romeiros das regiões circunvizinhas, que diziam estar indo para as carnaubeiras¹², devido à grande quantidade dessas árvores no local. Ainda hoje é possível encontrar algumas dessas árvores no município, tornando-se mais visíveis entre os meses de setembro e dezembro, meses de florescimento e satisfação para os caraubenses, que se alegram ao ver as belas flores amarelas, como demonstradas na foto abaixo:

¹² “Carnaúba, palmeira solitária de até 15 m (*Copernicia prunifera*), nativa do Nordeste do Brasil, de folhas palmadas e bagas ovóides; carandá, carandaúba, carnaíba, carnaubeira, coqueiro-carandá, pau-do-bebedouro [Seu produto mais importante é a cera, obtida das folhas; a madeira é us. na construção; o fruto tem polpa comestível, us. em doces e farinha; da amêndoa extrai-se óleo; as raízes têm propriedades depurativas e, reduzidas a cinzas, substituem o sal de cozinha.] (Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa: Editora Objetiva LTDA, 2001)



Foto N°1- Carnaubeira em flor, outubro de 2010.
(Fonte: acervo da pesquisadora)

As carnaubeiras deram nome a então Vila de Caraúbas, que posteriormente foi emancipada do município de Apodi e elevada à categoria de cidade, no dia 5 de março de 1868, pela lei nº601, sancionada pelo então presidente da Província, Gustavo Adolfo de Sá¹³.

Como vimos, a influência e contribuição portuguesa à localidade fazem parte dos registros historiográficos, que consideram Leandro Bezerra Cavalcanti como fundador do município, sendo ele um dos primeiros a habitar a localidade e o responsável pela construção da capela em honra a São Sebastião, que anos depois foi demolida. A história da antiga capela e da atual Igreja Matriz de Caraúbas, onde atualmente se encontra a imagem trazida do Engenho Muribeca, é hoje em dia reafirmada através de depoimentos de alguns moradores de Caraúbas, como o que segue abaixo:

Pronto, então eles vieram e começaram a povoar em volta da capela, que aqui onde a gente se encontra, aqui na Praça Matriz é o marco zero do município. Foi a primeira rua né, a primeira praça é justamente aqui, onde foram sendo construídas as casas. A capela depois passou por reformas e depois foi destruída, quando o templo da matriz foi erguido. A matriz foi construída em 1858, começou a ser construída, com o início da construção foi elevada à paróquia, no dia 01 de setembro de 1858 e por volta de 1878, se não me engano, 79, a matriz, o padre, pediu para que a matriz, a matriz não, a antiga capela fosse demolida.

¹³ Disponível em: <http://www.caraubas.rn.gov.br/>, acesso realizado em 26/01/2011.

Não sei por que, poderia ter sido preservada, a capela poderia estar erguida até hoje, mas o padre deu a ordem que destruísse a antiga capela de São Sebastião. (Miquéias da Costa Sales)

Abaixo, uma foto da Igreja Matriz de São Sebastião em Caraúbas:



Foto N°2- Igreja Matriz de São Sebastião
(Fonte: acervo de Antônio Gomes, disponível em: GURGEL, 2003)

E, também, de uma das muitas procissões já realizadas no município em homenagem ao santo. Esta demonstrada na foto abaixo, do ano de 1936.



Foto N°3- Pátio da Igreja Matriz de Caraúbas em dia de procissão (1936).
(Fonte: acervo de Antônio Gomes, disponível em: GURGEL, 2003)

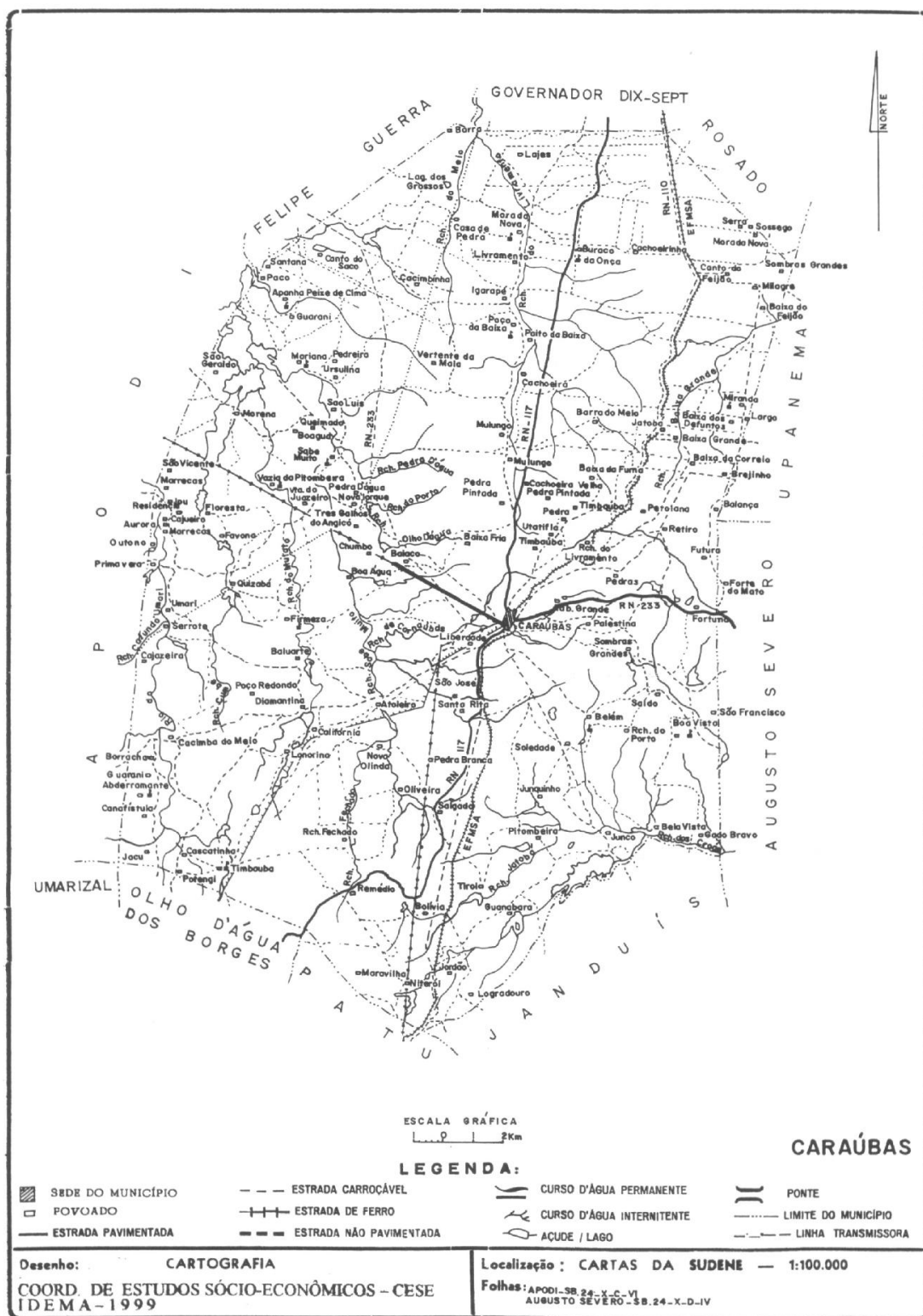
Com o passar dos anos, os familiares de Francisco de Souza Falcão e de Leandro Bezerra Cavalcanti se multiplicaram e ocuparam a região. Muitos permaneceram na “data”¹⁴ Cachoeira, onde Francisco de Souza Falcão fixou sua primeira moradia. Outros

¹⁴“Terreno retangular de 20 m a 22 m por 40 m a 44 m.” (Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa: Editora Objetiva LTDA, 2001)

permaneceram no município de Caraúbas, onde ainda hoje é possível encontrar alguns deles, existindo inclusive um bairro cujo nome homenageia aquele que é conhecido como o fundador do município.

Ainda segundo consta na historiografia referente ao município de Caraúbas, a grande maioria dos descendentes portugueses foi habitar as terras que englobavam a “data” de nome Baixa Grande, também comprada por Francisco de Souza Falcão anos depois do mesmo ter se estabelecido na fazenda Cachoeira. A extensão territorial da mesma, bem como suas fronteiras podem ser mais bem visualizadas através da carta de concessão¹⁵ das terras e da publicação no Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Norte, jornal “A República”, no dia 08 de janeiro de 1937. Neste caso, cabe acrescentar que as terras da data Baixa Grande fazem fronteira com as terras de Mirandas, como demonstra o mapa abaixo:

¹⁵ Uma cópia da Carta de Sesmaria concedida a Francisco de Souza Falcão encontra-se no Anexo 1 de nosso trabalho.



Mapa Nº 1: Limites geográficos do município de Caraúbas e de Mirandas/RN.
 (Fonte: IDEMA- Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente. Disponível em:
<http://www.idema.rn.gov.br/>. Acesso realizado em 22/03/2011).

Abaixo, o nome de alguns dos lugares que passaram a ser habitados pelos descendentes de Francisco de Souza Falcão, aqui mencionados pelo historiador José Nunes Cabral de Carvalho:

Souza Falcão e Leandro Bezerra, os primeiros a chegar, legítimos donos da terra, não souberam ou não puderam mantê-la. Esfacelaram-se em pequenos grupos, nos sítios Retiro, Pedra, Mirandas, Baixa Grande, Baixa do Jatobá, Correia, Defuntos, Cachoeira, Baixa do Feijão, Sombras Grandes, Canto do Feijão, Logo Tem. (CARVALHO, 1983, p.51)

E esse mesmo autor parece dar conta de algumas das conseqüências do longo e relativo isolamento que enfrentaram alguns desses grupos, tanto que esse mesmo estudo chama a atenção ao fato de que muitos dos que outrora partiram de Caraúbas, “cerca 700 a 800 pessoas”, passaram a viver “em regime endogâmico” em seus sítios, o que teria inclusive resultado no nascimento de crianças com anomalias genéticas¹⁶.

Independentemente das conseqüências da endogamia citadas por Carvalho, que ademais não cabe discutir no presente trabalho, a dispersão da família em pequenos sítios inviabilizou, ao menos temporariamente, o ensejo que tínhamos de conhecer e estudar todos aqueles que se pensam e se sentem enquanto descendentes portugueses. No entanto, ao longo da pesquisa percebemos que, se queremos desvendar a identidade vivenciada em Mirandas, mais relevante do que conhecer os descendentes portugueses é conhecer aqueles que, entre eles, se dizem e se pensam enquanto “caboclos”, o que paradoxalmente não inclui os habitantes de Caraúbas, como veremos posteriormente.

Mas, se tanto o município de Caraúbas, quanto a comunidade Cachoeira¹⁷ e Mirandas foram fundadas pelos descendentes portugueses, por que então somente os mirandenses são conhecidos como os “caboclos de Caraúbas”?

Foram questões como essa que nortearam o nosso trabalho e nos fizeram caminhar em busca das origens de alguns mirandenses, sobretudo daqueles que se definem como os “caboclos puros”, “sem mistura”, ensejando ao longo da pesquisa descobrir, afinal, o que é

¹⁶ Essas pessoas, portadoras de deficiências foram caracterizadas pelo pesquisador com adjetivos pouco habituais ao vocabulário antropológico atual, tais como “débil mental”, “surdo”, “cega” ou ainda que “articula as palavras com extrema dificuldade” (CARVALHO, 1983, p.52), para não mencionar mais do que algumas expressões utilizadas pelo autor.

¹⁷ Como mencionamos anteriormente, Cachoeira é o nome dado a localidade onde Francisco de Souza Falcão supostamente teria fixado sua primeira moradia. Atualmente a localidade dista oito quilômetros da sede do município de Caraúbas e é conhecida como uma comunidade negra quilombola, embora a questão da legalidade das terras ainda não esteja resolvida. A esse respeito ver: (GUERRA, 2007).

ser caboclo em Mirandas. O tópico abaixo objetiva descortinar a origem das primeiras famílias mirandenses conhecidas como caboclas.

2.2- Das sombras às pedras

“Isso era uma casa muito boa de ser fotografada, pra sair em livro, uma história boa como essa era pra sair em livro. Casa de pedra das Sombras Grandes, que era a fazenda onde o ‘caboclo’ Manoel Bezerra morou.” (Sr. Deusdete Fernandes Pimenta)¹⁸

Na tentativa de compreender a memória de Mirandas se tornou necessário ouvirmos os “contadores de história”, aqueles que guardam na lembrança fatos e pessoas que fizeram parte do passado do grupo mirandense. Esses interlocutores nos apontaram caminhos e trilhas que nos conduziram para fora de Mirandas, para o “lugar de origem” do grupo caboclo, conhecido como Sombras Grandes, provavelmente devido à grande quantidade de árvores de grande porte existentes no local, como Timbaúbas e Juazeiros.

Como mencionado no estudo de Carvalho (1983), Sombras Grandes foi um dos destinos seguidos pelos descendentes de Francisco de Souza Falcão, tal como a Baixa Grande e Mirandas, posteriormente. Sombras Grandes está localizada a cerca de 40 quilômetros da sede de Caraúbas e a aproximadamente 10 quilômetros de Mirandas, e compreende parte das terras concedidas a Francisco de Souza Falcão pelo então governador da província do Rio Grande do Norte, Francisco Xavier de Miranda Henriques. A esse respeito, vale acrescentar que embora os mirandenses desconheçam a origem do Mirandas, é provável que o mesmo tenha se constituído como uma homenagem ao governador que concedeu a sesmaria a Francisco de Souza Falcão.

De acordo com a história oral, o senhor Manoel Bezerra de Souza, também conhecido como “Manoel caboclo”, foi o fundador das Sombras Grandes, sendo o primeiro a chegar à localidade, por volta do ano de 1883, ano em que contraiu matrimônio com Sebastiana Ana Bezerra. Sua trajetória e de sua esposa nos foi narrada diversas vezes por mirandenses e caraubenses, que os tomam como referência na origem do grupo caboclo. Essa assertiva se torna mais evidente quando analisamos relatos como o do senhor Francisco Augusto Neto, bisneto de Manoel Bezerra, atualmente residente no município de

¹⁸ Entrevista concedida a pesquisadora em outubro de 2010, Caraúbas/RN. Atualmente, o senhor Deusdete Fernandes Pimenta está com 84 anos de idade e reside no município de Caraúbas. Segundo ele, o seu pai tinha uma fazenda próxima às Sombras Grandes e os mesmos foram vizinhos dos ‘caboclos’ por muitos anos.

Caraúbas. Segundo esse informante, “*Manoel caboclo engravidou uma viúva*” e foi obrigado a contrair matrimônio com ela. Sendo pego de surpresa certo dia na cidade, sequer teria tido tempo de preparar-se para a cerimônia, casando-se “*encourado*”, termo utilizado pelo informante para fazer referência ao fato do seu bisavô ter se casado trajando roupas de couro e esporas, indumentárias típicas da figura do vaqueiro do sertão nordestino.

De posse desses relatos históricos, bem como de apontamentos do senhor João Carlos Pimenta, caraubense que no ano de 1975 realizou pesquisa documental acerca da origem histórica dos mirandenses¹⁹, fomos em busca dos registros de matrimônio e batismo na Igreja Matriz de Caraúbas. Além disso, realizamos pesquisa histórico-documental no Único Ofício de Notas do município, localizado na região central da cidade.

Ambos os acervos confirmaram os relatos dos mirandenses de que a senhora Sebastiana Ana Bezerra tinha sido casada com o senhor José Dias Bezerra Cavalcanti, que falecera no dia 03 de junho do ano de 1878. E a história oral vai mais além, mostrando que passados cinco após a morte do senhor José Dias Bezerra Cavalcanti, a viúva teria se casado com o senhor Manoel Bezerra ou “Manoel caboclo”, como mencionado acima. Vale acrescentar que, embora Manoel Bezerra seja apontado pelos mirandenses como ‘*caboclo legitimo*’, a pesquisa documental realizada no cartório da cidade de Caraúbas apontou Sebastiana Ana Bezerra como descendente da família de Francisco de Souza Falcão. Logo, nos deparamos aí com o primeiro paradoxo referente à origem dos caboclos de Mirandas, pois seguindo a versão de que ser considerado caboclo implica ter suas origens fixadas na descendência portuguesa e na passagem pela cidade do Cabo em Pernambuco, o senhor ‘Manoel caboclo’ não deveria ser considerado ‘*caboclo puro*’, mas sim a senhora Sebastiana Ana Bezerra.

Ainda no que se refere ao passado nas Sombras Grandes, tivemos acesso às narrativas de mirandenses e caraubenses apontando o quão difícil era a vida do senhor Manoel Bezerra naquela época, que para garantir sua sobrevivência e de sua esposa era obrigado a se deslocar todos os dias 12 quilômetros em busca de água. Deixemos que o senhor Deusdete Fernandes Pimenta relate as dificuldades enfrentadas por Manoel Bezerra:

¹⁹ Diante do que tivemos conhecimento, a referida pesquisa foi motivada por questões pessoais e até o momento não fora publicada, sendo entregue apenas uma cópia ao Sr. José Emiliano Fernandes, cópia essa que nos foi cedida pelos seus familiares.

A história da fundação das Sombras Grandes é uma história muito importante, porque foi um caboclo muito trabalhador, tinha muita coragem de trabalhar e essas coisas, casou e foi morar nas Sombras Grandes, tinha uma casinha ajeitou e foi morar lá. Com muita dificuldade d'água, a água era distante duas léguas, ele ia buscar água em lombo de jegue no município de Upanema, ficava assim uns 12 quilômetros ao leste das Sombras Grandes, ou numa tal Olho D'água das Lajes, que fica ao poente também, com uma distância superior a 10 quilômetros. Isso era uma dificuldade, a mulher tinha medo de ficar só, era só eles dois, num tinha sequer um vizinho ali por perto. Isso segundo os caboclos descendentes dele conta essa história (...). Manoel Bezerra, família caboclo tem muito Bezerra, ele era muito esperto, deixava a mulher adormecer, que ela tinha medo de ficar só, quando ela adormecia, que ele via que ela tava dormindo, ai botava a carga no jumento e ia buscar água lá com duas léguas. Essa história é até parecida com mentira né? (Deusdete Fernandes Pimenta)

Contudo, a labuta do senhor 'Manoel caboclo' pela sobrevivência se tornou menos árdua quando o mesmo descobriu um olho d'água na localidade e construiu uma cacimba, além de uma casa de pedras, construções essas que perduram, embora bastante desgastadas pelo tempo.

Nessa casa o casal teve, entre outros filhos, Ana Bezerra de Souza ou Ana Bezerra de Jesus²⁰, nascida no ano de 1890. A mesma casou-se no ano de 1908, aos 18 anos de idade, com o senhor Francisco Fernandes de Souza ou Francisco Fernandes Pimenta, quatro anos mais novo que ela. O jovem casal foi morar na Baixa Grande, localizada a aproximadamente 5 quilômetros das Sombras Grandes e dessa união nasceu José Emiliano Fernandes²¹, cujo registro de nascimento de n.º: 369, assentado no livro A10 do Único Ofício de Notas da cidade de Caraúbas, aponta seu nascimento no dia 12 de setembro do ano de 1931, no sítio nominado Recurso. No entanto, seus descendentes desconhecem esse sítio e atribuem à Baixa Grande seu local de nascimento.

Na Baixa Grande o Sr. José Emiliano se casou com a senhora Raimunda de Oliveira Fernandes, filha de Manoel Estevão da Cunha e de Sebastiana Maria da Conceição, no dia 11 de janeiro de 1953. A mesma possuía apenas 13 anos de idade e era prima da mãe de José Emiliano. Atualmente dona Raimunda reside em Mirandas e está com 70 anos de idade. Dessa união nasceram cinco filhos, Nazário José Fernandes, Francisco Augusto Neto, Manoel Estevão Neto, Maria Nazaré de Oliveira e Nazareno José Fernandes.

²⁰ À época, era comum o uso corrente de dois nomes próprios, um que fazia referência ao nome de batismo-registro e outro que funcionava como um apelido e que geralmente remontava o nome dos pais ou dos lugares de moradia.

²¹ O senhor José Emiliano Fernandes era agricultor e considerado por muitos mirandenses e caraubenses o fundador de Mirandas, embora não tenha sido o primeiro a chegar à localidade, como teremos a oportunidade de perceber mais adiante. O mesmo faleceu no dia 20 de abril do ano de 2008.

A família permaneceu na Baixa Grande até o ano de 1957, quando José Emiliano resolveu ir tentar a vida no município de Mossoró. Residindo no Bairro nominado Boa Vista, José Emiliano montou uma vacaria e dela passou a viver. No entanto, a morte de uma filha com apenas dois anos de idade fez com que família resolvesse retornar à Baixa Grande. Segundo relatos de dona Raimunda, ela não desejava retornar à localidade, já que seus pais haviam morrido lá, mas como ela mesma afirmou certo dia: “*José era teimoso!*”

Foi somente no ano de 1972 que a família Fernandes deslocou-se para Mirandas, quando o tio de José Emiliano, o senhor Antônio Júlio, ali já fixara residência.

2.3- A chegada à Mirandas

“José Emiliano era um amigão meu, ele tinha uma fábrica de doce nas Mirandas, da família cabocla como se diz, era um homem que representava a família era esse. Se Mirandas fosse emancipada politicamente ele devia ser o prefeito de lá de Mirandas. Zé Emiliano tinha bagagem prá isso, era muito sabido ele, não era analfabeto não”. (Deusdete Fernandes Pimenta)

Como mencionamos anteriormente, Mirandas está localizada na região do Médio Oeste do Estado do Rio Grande do Norte, situada a aproximadamente 22 quilômetros do município de Caraúbas. De acordo com estimativas do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, realizado no ano de 2010²², este município possui 19.582 habitantes e limita-se geograficamente com os municípios de Governador Dix-sept Rosado (Norte), Olho d’água dos Borges, Patu (Sul), Upanema, Campo Grande, Janduís (Leste), Felipe Guerra e Apodi (Oeste). O mapa abaixo ajuda a visualizar a localização geográfica do município de Caraúbas e de Mirandas:

²² Disponível em: www.ibge.gov.br-cidades, acesso realizado em 21/02/2011.



Mapa Nº2: Mapa do Rio Grande do Norte com a localização geográfica de Mirandas.
(Fonte: GURGEL, 2003)

Para além da localização geográfica, a pesquisa realizada e a história oral apontaram um dos filhos do senhor Manoel Bezerra, chamado pelo mesmo nome, como o primeiro morador de Mirandas, entre as décadas de 50 e 60 do século dezenove. Quem melhor relata este fato e descreve a localidade na época é um dos netos do senhor Manoel Bezerra, o senhor José Dias Júlio²³:

Quando eu cheguei aqui, meu pai chegou aqui eu era menino. Num tinha ninguém aqui, era mata bruta, só tinha bicho feroz, onça, porco do mato, essas coisas né. Naquele colégio lá em baixo sabe, por ali pelo mercado, ali era as casas dele, então aquela casa do lado de lá da padaria assim, aquelas duas casas era dele, ta entendendo? Quando ele chegou aqui, aqui só era jurema, onde tá aquele colégio era só jurema. Nós ia prá Caraúbas de jumento, de carroça, carro aqui num tinha, se tinha uma doença levava numa rede até Caraúbas. Ai depois começaram a chegar o pessoal, fazendo casa. (José Dias Júlio)

Nessa época, as terras que compreendiam a localidade eram terras devolutas, compreendendo assim propriedades públicas já ocupadas, mas que não possuíam um proprietário legal, “sobras”, como afirmam os mirandenses. Foi então que o senhor Antônio Júlio apossou-se de uma delas, como demonstra ainda seu filho:

²³ O senhor José Júlio foi um dos primeiros habitantes de Mirandas. Segundo ele, seu pai, o senhor Antônio Júlio, chegou à localidade quando ele tinha apenas quatro anos de idade. Desde então, o senhor José Júlio nunca morou em outro lugar que não Mirandas.

Eu acho que quando meu pai chegou aqui ele não comprou terra, a verdade é essa, ele não comprou. Como se diz, essa terra era devoluta, ai ele ocupou a terra né. Ai ficou por aqui e começou a vida da gente aqui. (José Dias Júlio)

Mais tarde, entre os anos de 1961 a 1966, durante o governo de Aluizio Alves, as terras foram doadas aos poucos moradores da localidade, entre eles o Sr. Manoel Auspício Bezerra Magro, que auxiliou os representantes do governo no processo de demarcação das mesmas. Esse informante nos revelou que no período de demarcação dos lotes somente os membros da família conhecida como cabocla tiveram acesso às terras, ou “*se tivesse o consentimento da família caboclo*”²⁴. (Manoel Auspício Bezerra Magro)

Esse mesmo informante nos descreveu como teriam sido as formas de sobrevivência dos mirandenses no passado, bem como a dificuldade para realizar a travessia até o município de Caraúbas:

O movimento prá ir pra Caraúbas começou, num era nem carroça, era de pés ou a cavalo, ou no jumento. Nem burro, nem animal num tinha que o pessoal num tinha condições, era pobre mesmo, num tinha nada né. Você saía daqui era de noite, botava dois, três jumento com uma carga de melancia, prá chegar lá de manhãzinha, apurar aquele dinheirinho e voltava. Depois, muitos anos depois, já na década de sessenta e tanto, já pra década de setenta, começou a aparecer as carroças aqui. Quem podia começou a comprar as primeiras carroças. E daí começou a viajar, carregar frete, um comprou outro comprou (...). Frete era carregado de carroça, ‘teia’ prá cobrir casa, tijolo ninguém nem fala, porque era só taipa, também tinha madeira, era mais fácil, hoje que não tem mais. (Manoel Auspício Bezerra Magro)

Com tamanha dificuldade de acesso à sede do município, os próprios moradores da de Mirandas passaram a trocar seus produtos com pessoas de localidades vizinhas, originando assim uma pequena feira livre na localidade. Segundo Nazário José Fernandes, caboclo mirandense, filho de José Emiliano Fernandes, ele e seus familiares passaram muitas noites acordados preparando comidas para serem vendidas na referida feira comercial.

Todavia, depender da agricultura numa região marcada pelo clima semi-árido implica ter que suportar meses de estiagem e sacrifício, tendo que recorrer a alternativas penosas, como demonstra o senhor Alfredo Pinto, também um dos primeiros habitantes de Mirandas: “*Aqui de primeiro era um sacrifício, a vida era muito difícil. O povo aqui vivia*

²⁴ Entrevista concedida a pesquisadora no dia 20 de outubro do ano de 2002. Como mencionamos anteriormente, o senhor Manoel Auspicio faleceu no ano de 2006.

tirando macambira pra comer. Eu me lembro, mamãe tirava a macambira para comer” (Alfredo Pinto).

Essa vivência foi igualmente compartilhada por outros moradores, como fica claro no depoimento de dona Raimunda de Oliveira Fernandes:

Agora a gente tem uma ajuda, um aposento (referindo-se a aposentadoria), naquela época num tinha nada não. Eu nunca tinha plantado macambira, na minha boca ficava amargando, na dele era muito pior (se referindo ao esposo, José Emiliano Fernandes). A gente botava duas colheres num prato de leite, ficava dessa altura. (Raimunda de Oliveira Fernandes, cabocla, viúva de José Emiliano Fernandes)

A fala do senhor Deusdete Fernandes Pimenta descreve com riquezas de detalhes o processo de produção do pão de macambira²⁵, o qual a informante acima faz referência:

O alimento deles nas secas era pão da macambira. Eles cortavam a macambira, botavam de molho, aquela macambira ficava assim uma espécie, azedava, pra comer só comia mesmo quem tava com fome. Com 2, 3 dias que ela tava azeda, botava ela no pilão, pilava e peneirava aquela massa, isso é uma coisa muito difícil, o trabalho muito difícil. E eu sei que dali fazia o pão da macambira, como faz cuscuz de milho e etc. E era a sobrevivência deles era desse jeito, dos caboclos mais antigos. (Deusdete Fernandes Pimenta)

Passados alguns anos, já por volta do ano de 1973, durante a gestão do prefeito de Caraúbas, José Nicodemos Pimenta, foi aberta uma estrada ligando Mirandas ao município de Caraúbas, o que facilitou o comércio entre essas duas localidades. Mais uma vez a memória do senhor Deusdete Fernandes Pimenta, irmão do então prefeito de Caraúbas merece ser acionada, agora para elucidar acerca das alternativas de sobrevivência dos mirandenses e da construção da estrada ligando Mirandas ao município:

Meu irmão abriu estrada, era o prefeito na época, foi quem abriu a estrada de Mirandas. Ele dizia muito: a Miranda foi os caboclos que construiu, eu apenas fui quem apresentei ela ao povo! Através da estrada, os caboclos traziam coisas que eles faziam lá pra vender aqui na rua, pilão, porta feita, tinha muita madeira lá, pau-branco e eles improvisavam, faziam janela, porta e vendiam aqui na feira. E era até uma vereda, num tinha rodagem, um caminhão num ia lá, caminhão andou nas Mirandas depois do governo de Nicodemos. (Deusdete Fernandes Pimenta)

²⁵ “Planta terrestre ou epífita (*Bromelia laciniosa*), da família das bromeliáceas, nativa do Brasil, encontrada nas caatingas do Nordeste, de folhas verdes com linhas róseas, armadas de espinhos curvos, usada para extração de fibras ou como ração.” (Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa: Editora Objetiva LTDA, 2001)

A construção da estrada trouxe também novos moradores para a localidade, advindos, sobretudo do município de Catolé do Rocha, na Paraíba. No entanto, essa migração causou insatisfação em muitos mirandenses que, segundo relatos de paraibanos, fechavam as portas quando eles passavam. Apesar da “não-aceitação” no passado, os paraibanos terminaram comprando terras em Mirandas e lá fixando moradias, tanto que atualmente eles compreendem boa parte da população mirandense, como apresentaremos no segundo capítulo desse trabalho dissertativo.

2.4- Do trabalho à festa: as farinhadas

“Se tornava festa, mas era trabalho.”
(Nazário Fernandes)

Muitos mirandenses nos revelaram que ainda na década de 70 do século passado, a madeira se tornou escassa em Mirandas e as plantações de milho e feijão não foram suficientes para excluir definitivamente a macambira das refeições dos mirandenses, que ansiavam por uma alternativa alimentar. Foi então que: *“Um dia Zé chegou em casa eu tava com um prato de macambira, ele jogou o prato lá longe e disse: a partir de hoje nós não come mais macambira. Ai pronto, começamos com a mandioca”*. (Raimunda Fernandes)

É certo que a mandioca²⁶ não começou a fazer parte do cotidiano mirandense de um dia para o outro, como nos revelou dona Raimunda Fernandes. No entanto, a iniciativa de cultivar esse arbusto, do qual se consome a raiz, surgiu como uma tentativa por parte dos mirandenses de produzir algo que se adaptasse facilmente ao clima da localidade e que fosse capaz de resistir a longos períodos de estiagem.

Alem disso, fomos informados que o avô e o pai de José Emiliano Fernandes já tinham possuído casas de farinha na Baixa Grande e que, conseqüentemente, seu filho teria adquirido a técnica de produção da farinha de mandioca, uma especiaria da culinária

²⁶ “Arbusto (*Manihot esculenta*) da família das euforbiáceas, nativo da América do Sul, de folhas membranáceas, inflorescências ramificadas e frutos capsulares, cultivado pelas raízes tuberosas, muito semelhantes às do aipim e também ricas em amido e de largo emprego na alimentação, embora sejam geralmente mais venenosas e freqüentemente usadas apenas para a produção de farinha de mandioca, farinha-d'água e ração animal. (Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa: Editora Objetiva LTDA, 2001)

indígena. Foi então que a família Fernandes construiu uma casa de farinha no quintal de sua moradia, ao lado de um açude, que segundo familiares teria sido construído por seus descendentes. Da antiga casa de farinha restou apenas o forno, mesmo que bastante desgastado pelo tempo, como é possível visualizar na foto abaixo:



Foto N°4: Antigo forno utilizado na produção da farinha de mandioca, Outubro de 2010. (Fonte: acervo da pesquisadora)

Além dessa casa de farinha, nos foi informado que existiam ainda a do senhor “Chico Neco” e a do senhor José Valdevino, essa última com proporções bem maiores. As mesmas destinavam-se a produzir sobretudo, a farinha, daí o nome “casa de farinha”, sendo que era comum também a feitura do beiju, uma espécie de *“bolo de massa de tapioca ou de mandioca, do qual há numerosas espécies”*²⁷. Segundo mirandenses, esses produtos além de complementarem suas refeições eram amplamente comercializados nos municípios vizinhos, sobretudo em Caraúbas.

A partir do que nos foi relatado por mirandenses, podemos perceber que as casas de farinha se constituíram enquanto lugares de muito trabalho, já que envolvia atividades como plantar a mandioca, colher, transportar, raspar, cevar, lavar a massa, prensar, peneirar e torrar. No entanto, as “farinhadas” envolviam não apenas os donos das casas de

²⁷ Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa: Editora Objetiva LTDA, 2001.

farinha, habitualmente conhecidos como safreiros²⁸, mas também todos os membros do grupo.

Além disso, era habitual os proprietários das casas de farinha cederem o seu estabelecimento para àqueles que não possuíam os equipamentos, apenas a mandioca, e esses últimos em contrapartida trabalhavam nas farinhadas do safreiro. Além disso, existiam também aqueles que participavam das farinhadas pelo prazer de estar junto, pela interação com outras pessoas, esperando, quando muito, ganhar o beiju como recompensa. O depoimento da Sra. Maria Linhares de Oliveira, paraibana, na época voluntária no trabalho e moradora de Mirandas, expressa bem a forma como ela era acolhida nas farinhadas, bem como a expectativa criada em torno do beiju:

Era muito interessante, os caboclos acolhiam a gente muito bem com a questão da gente ta trabalhando voluntário, ta ali com eles. Só que a gente já tinha aquela expectativa que ia ganhar o beiju né (...). Ai no momento que você parava pra ir pra sua casa, ai você teria que participar da comida. (Maria Linhares de Oliveira)

Essa mesma informante nos ajuda a conhecer um pouco mais acerca do trabalho que antecede a farinhada propriamente dita, dos vínculos sociais estabelecidos entre os mirandenses e da dimensão da produção de farinha em Mirandas:

Tinha os trabalhadores prá arrancar a mandioca no campo né, no cercado, que era os caboclos, mas que também mobilizavam os vizinhos né, independente de ser família, aqueles que eles tinham aproximação, amizade, ai eles arrancariam. Eram conduzidos até a casa de farinha de carroça, fazia os montes lá, era tudo limpinho, mas tudo chão de barro como se diz. E ai a gente sentava todo mundo, ficava aquele mutirão de pessoas ao redor da bancada, às vezes num dava nem prá alcançar o outro do outro lado. (Maria Linhares de Oliveira)

Como demonstra a interlocutora, era através do trabalho e da solidariedade inter-grupal que se estabeleciam também os papéis sociais ligados ao gênero em Mirandas, cabendo ao homem a função de arrancar a mandioca e transportá-la numa carroça até as casas de farinha. Eram eles também que manuseavam a “engenhoca”²⁹ como eles mesmo

²⁸ A esse respeito ver: MORAIS, Glória Cristina de Oliveira. Para uma possível etnografia da comunidade do Pêga (Portalegre-RN). *Mneme*, v.4, n.8- abr-set de 2003. ISSN-1518-3394 (pp. 164-181). (Disponível em: www.cerescaicó.ufrn.br/mneme, acesso realizado em 29/09/2010).

²⁹ Também conhecido caititu: “Peça principal do aparelho de ralar mandioca: um cilindro de madeira ao longo do qual se adaptam serrilhas metálicas, com uma das extremidades conformada em roldana de gorne para a passagem da correia ou corda que imprime a rotação; rodete.” (Fonte: Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Editora Objetiva LTDA, 2001)

dizem, tanto que o filho mais velho de José Emiliano, Nazário José Fernandes, perdeu o dedo polegar de uma de suas mãos manuseando esse instrumento.

Enquanto isso, as mulheres despendiam seu tempo e energia raspando a mandioca, tarefa essa que durava muito tempo, variando conforme a quantidade do produto. Mais uma vez o informante Deusdete Fernandes Pimenta merece ser acionado, agora para demonstrar a distribuição dos papéis sociais entre cada um dos gêneros na produção da farinha e também para descrever parte do processo produtivo da farinha e do beiju:

Primeiramente o processo de raspagem da mandioca, agora isso era a mulher que fazia, raspava aquela ‘ruma’ de mandioca. Quando tinha aquela ‘ruma’ de mandioca raspada, ai tinha um que passava o “queitatu”, tô falando a linguagem deles né, que era o “queitatu” que eles chamavam. Pronto, ai ficava a massa dentro de uma panela grande, uns conchos grandes, ali iam colher a goma, botava água. Ali se tornava um líquido que saía da massa da mandioca, que chamavam a manipueira³⁰ e essa manipueira botavam ela num canto de reserva e a goma sentava, depois tiravam a água e a goma ficava limpinha no fundo daquela vasilha, daquela gamela grande. Pronto, era só juntar a goma e ensacar, era esse o processo. E a farinha? Depois de passar, ai torrava, botava no forno, torrava a farinha com aquele rôdo, empurrando prá lá e pra cá, e os ‘cabra’ botando lenha em baixo da fornalha. E o fogo depois que ficava aquecido era uma temperatura muito alta que torrava a farinha. E ali eles faziam o beiju, fazia a tapioca. Isso ai era à noite, de dia era fazendo farinha, ai de noite reuniam aquele pessoal da vizinhança toda e eles iam comer beiju e tapioca lá, comiam pra empanzinar, beijuzão desse tamanho. (Deusdete Fernandes Pimenta)

E esse mesmo informante descreve a estrutura física das casas de farinha e os instrumentos utilizados na produção da farinha de mandioca:

Os abrigos da mandioca eram aquelas latadas grandes, cobertas mesmo de coisa da vegetação, forquilha, ficava umas sombrinha que era uma beleza. Agora o forno era de tijolo, o forno de torrar a farinha. Pronto, ali tinha aquelas espécie de rôdo, ainda hoje essa prática tem ainda, onde hoje tem a casa de farinha, ainda é o mesmo estilo, agora só que é puxado a motor, agora naquela época era novelho, rodando o novelho e uma corda, e um novelo torcido pegava aqui no, na parte que eles chamavam o “queitatu”, era caititu, que era a parte que botava como uma serra, botava aquela bola assim, cheio daquelas serrinhas, ai era onde cevava a mandioca, quando embalava, e dois caba no meio da roda lá, uma roda grande com um novelho no meio como um pedal de bicicleta, um de uma lado outro do outro, quando um soltava dum lado o outro pegava do outro. Aquilo dava um embalo, o “queitatu” que num tinha tamanho, e a pessoa cevando a mandioca. (Deusdete Fernandes Pimenta)

Descrições semelhantes foram fornecidas por Maria de Oliveira Linhares, como segue abaixo:

³⁰ Suco leitoso da mandioca ralada, obtido por compressão, e que contém o veneno da planta; manicuera, água-brava, água-de-goma. (Fonte: Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Editora Objetiva LTDA, 2001)

Ai tinha raspagem da mandioca, ai passaria pra um tanque, lavaria a mandioca, passaria pra uma serra que era, sim, a iluminação era à base de gás né, a lamparina e assim, após esse tratamento, essa moagem da mandioca, ai passaria pra outro processo que seria no caso a prensa. Tudo lá era de madeira, ela era um formato, ai como se fosse assim, a tábua se desmontava, ai ela ia montando as tariscas de madeira, ai botava aquela fornalha, ai fazia uma cobertura com palha de carnaúba, ai botaria outra quantidade daquela massa que tinha sido passada no motor até aquele início da tábua, ai cobriria com palha de carnaúba. Agora isso tudo na base da higiene. Na palha era exposta tipo num pauzinho assim pra que batesse no chão. Quando terminaria de completar, porque ela ficaria o que? Ficava mais o menos da minha altura, ai ali eles cobririam, tinha um instrumento, era como se fosse uma parte quadrada, ai teria um buraco no meio, ai enfiava outra coisa lá e saia torcendo, torcendo até enroscar aquela rosca. Era muito bom que a gente fosse num engenho. Eu participei de todos. Ai dali da massa, terminaria de emprensar a massa a noite, ai lá pra de manhã desmancharia tudo aquilo, tiraria a massa, botaria num tanque de cimento, ai a gente ia tirar a goma, que não botava água, a água era o que tinha da massa. Ai tinha um paninho, no formato de uma redinha e ficava duas pessoas lá manejando. Ai aquela goma, a manipueira, já ouviu falar? Era o líquido da mandioca, que ali ela só ia colher a goma depois que a manipueira baixasse, era que nem uma água barrenta entendeu? Ai tirava o líquido e botaria em outro deposito e tiraria a goma, quebraria ela todinha, que nem quando a gente vai fazer tapioca e ai botava no sol, tudo numas tinhas de madeira. (Maria de Oliveira Linhares)

Apesar do trabalho despendido, a farinhada também se constituiu enquanto lugar de encontro e de intensa convivência entre os mirandenses, tanto que *“se tornava festa”*, como nos afirmou Nazário Fernandes. Segundo esse informante, seu pai, o senhor José Emiliano Fernandes, *“puxava roda prá amassar a mandioca”* e toda a família *“matava criação, fazia beiju na folha da banana, mugunzá”*, tanto que *“o povo vinha tudo”*³¹.

Desse modo, as farinhadas tornaram-se conhecidas como uma das principais festas dos ‘caboclos’ mirandenses, marcadas por *“muita conversa, muita prosa, menino corria, moça namorava”*, como afirmou a paraibana Maria Linhares de Oliveira. A esse respeito, vale acrescentar que diversos trabalhos históricos e antropológicos já se detiverem na análise das farinhadas enquanto lugares de aproximação entre as pessoas, *“de circulação de valores”* (MCCALLUM, 1998, apud MORAIS, 2003, p. 178), onde *“os laços, consangüíneos ou não, são reafirmados”*. (MORAIS, 2003, p.179)

Para além das farinhadas, existiam ainda os chamados *“quebra-casca”*, também conhecidos como *“desbulha”*, evento que também estava intimamente ligado ao trabalho e ao lazer em Mirandas. Relatos de mirandenses e caraubenses apontaram que nas épocas da colheita, entre os meses de junho e setembro, os caboclos se reuniam para *“desbulhar”* o feijão, ato esse que nem sempre era realizado manualmente, sendo possível também pisar

³¹ Entrevista concedida e gravada no dia 08/10/2010.

sobre o grão até que o mesmo se desprender-se da casca, daí o nome “quebra-casca”. Quem melhor nos descreveu o evento foi o senhor José Dias, como segue abaixo:

As festas eram boam, a gente cantava o refrão, ai arranjava um “caba” com fole, ai dizia: vamos fazer um quebra-casca. Tinha deles que botava o feijão dentro das casca pra ir pular. Quando terminava de desbulhar ai começava a festa, dizia assim, o quebra- casca. O povo dizia assim: vai pra onde hoje? vou lá pra casa de fulano pro quebra- casca. Era desbulha e o “quebra-casca”. Papai mesmo, eu mesmo, papai quando ele fez um armazém ali fez um salão de dança, foi quem começou a fazer festa aqui. (José Dias Júlio)

Ao que tudo indica, os “quebra-casca” eram eventos anteriores às farinhadas, tendo em vista o fato de que durante a coleta de dados voltada às festas em Mirandas sempre ouvimos relatos de que as farinhadas eram “*coisa recente*” e que, ao contrário, os “quebra-casca” eram “*da época do meu bisavô, quando tinha o samba*”. (José Dias Júlio)

No que se refere a essa dança, as referências bibliográficas estudadas bem como os depoimentos orais de mirandenses, nos revelaram que a mesma foi criada no ano de 1915, pelo senhor Manoel Euzébio, morador da comunidade Cachoeira, e que a mesma era praticada para festejar a safra de suas plantações (GURGEL, 2003). Desde então, a dança foi sendo repassada geração após geração, tanto que se tornou conhecida como o “*samba dos caboclos*” como é possível observar na fala do senhor Sebastião Gurgel de Paiva, caraubense que desde o ano de 1969 possui uma mercearia no centro da cidade de Caraúbas, amplamente freqüentada pelas famílias de Mirandas. Vejamos o que ele nos fala a esse respeito:

A festa que eles faziam lá nas Mirandas chamava samba, “samba dos caboclos”. Era uma dança, como é que se diz? Do folclore, criada deles mesmo. Então ficava tudo dançando, era uma bagunça maior do mundo, bebendo cachaça, botava mel com cachaça na cabaça, balançava, ai deixava curtir. (Sebastião Gurgel, mais conhecido como “Tião”)

Atualmente os mirandenses não dançam o samba com muita freqüência, já que “*os mais novos não ligaram de aprender e foi ficando por isso mesmo*”, como certo dia nos informou o senhor Manoel Auspício Bezerra Magro. No entanto, quatro casais caraubenses que chegaram a participar de eventos festivos em Mirandas, se interessaram em manter e, ao mesmo tempo divulgar essa herança cultural, realizando apresentações em Caraúbas e também em Mirandas, sobretudo nos dias festivos da localidade. Nos foi informado que quando o grupo começou a se apresentar chegou a receber incentivos por parte dos dirigentes do município de Caraúbas. No entanto, tal ajuda não perdurou e como a idade

dos componentes já estava avançada, as apresentações foram se tornando cada vez mais esporádicas.

Durante a realização da pesquisa de campo para este trabalho tivemos o privilégio e a oportunidade de assistir à apresentação desta dança durante um dia festivo em Mirandas, nominado Feira do Caju Caboclo. O evento, geralmente realizado durante os meses de novembro, tem como principal objetivo divulgar e incentivar o comércio dos produtos locais, como o doce, a rapadura e o mel de caju, tema esse que será mais bem discutido no segundo capítulo de nosso trabalho.

Durante a Feira do Caju Caboclo pudemos perceber que os quatro casais de dançarinos trajavam as vestimentas que eles consideram “*típicas dos caboclos de antigamente*”, mas ainda muito visíveis nos dias atuais. As mulheres usavam saias longas e coloridas, sobretudo com estampas florais. Possuíam ainda as faces acentuadamente pintadas, adornadas por longos brincos, volumosos colares e lenços que lhes moldavam os cabelos. Os homens usavam calças e camisas compridas e de uma mesma cor, sobretudo na cor azul, o “terno”, como os mirandenses mesmo dizem; calçavam botas e não dispensavam grandes chapéus de couro ou de palha, muito visíveis por entre os mirandenses.

No momento imediatamente anterior ao início da dança, as mulheres colocaram seus lenços sobre os ombros de seus parceiros e, em seguida, posicionaram-se todas de um mesmo lado do salão, defronte aos seus companheiros, para que a dança pudesse realmente efetivar-se.

Do ponto de vista organizacional, o samba caboclo é basicamente constituído por quatro passos, sendo o primeiro deles nominado ‘martelo’, denominação essa que se deve ao fato dos pares, colocados lado a lado, baterem fortemente com os pés no chão, de um sentido a outro do salão. O segundo passo recebe a denominação de ‘tesoura’, nele a figura feminina enrosca sua perna esquerda na perna direita do seu companheiro e juntos começam a contornar o salão, cada um pulando apenas com uma perna e apoiando-se no outro na tentativa de equilibrar-se. Em seguida, os pares abraçados começam a rodopiar, num movimento conhecido como ‘cigana’.

Após a apresentação desses três passos, os pares dançam um xote tradicional que, nessa expressão coreográfica constitui-se como o quarto e último momento da seqüência do samba caboclo. Quando ainda encontram-se abraçados, os parceiros chegam a dançar uma valsa, dança essa que é relatada como sendo comum nos dias festivos de Mirandas.

Abaixo uma foto da dança dos caboclos, que expressa bem o primeiro passo denominado “martelo”:



Foto Nº5: O “samba dos caboclos”. (Fonte: acervo da pesquisadora, Mirandas 03/11/2002)

Para melhor entendermos tal expressão cultural, vale acrescentar que o “samba dos caboclos” é constituído por uma mistura de ritmos já conhecidos na sociedade contemporânea mais ampla, tais como o samba, o Xote, o Maracatu, a Rancheira e a Valsa. E, se podemos fazer uma comparação, somos tentados a dizer que a dança em muito se parece com as quadrilhas juninas, tão comuns no Nordeste do Brasil.

No que se refere aos instrumentos musicais, verificamos que estão presentes a sanfona, o reco-reco, a zabumba, o pandeiro e o triângulo, instrumento predileto de José Emiliano Fernandes, que segundo relatos dos seus filhos e de dona Raimunda, “*era um bom dançarino e adorava tocar triângulo*” (Nazário José Fernandes).

Além do samba, os dias festivos em Mirandas eram marcados também pela “dança da argolinha”, cujo desenrolar é mais fácil de ser compreendido através do diálogo que

tivemos com o senhor José Dias Júlio, mencionado anteriormente. Senão vejamos:

E como era a dança da argolinha?

Era o seguinte, fazia aquela lareira assim, ai amarrava com os cordãozinho, de um lado era azul e do outro era verde, ai tinha uma parte, tinha aquele ‘caba’ que acompanhava o azulzinho e tinha outro que acompanhava o verdinho, ai fazia aquele corredorzinho. Ai enchia de papelzinho, passava os cordão e passava os papelzinho, a bandeirinha.

E as mulheres participavam também?

Participava, as mulheres era que fazia, quem enfeitava. Ai botava uma argola como essa aqui (ele tinha uma argola pendurada na parede), agora era maior, eu tenho uma ainda, pronto, era maior que essa ai. Mas nessa época a gente sabia que podia fazer festa. Tinha gente de todo lugar, de Caraúbas, da Cachoeira, de todo canto aqui da região, dançava a noite todinha, quando terminava tudo tranqüilo, mas hoje.³²

Como o informante revela, as festas que eram promovidas em Mirandas atraíam pessoas de várias localidades vizinhas. No entanto, entre os caraubenses permeia a idéia de que os visitantes nem sempre eram bem aceitos, pois como revela o senhor “Tião”: *“se chegasse um estranho todo mundo se calava, o folista fechava e acabava tudo”* e *“se aquela pessoa saísse ai pronto, começava tudo de novo. Era de seis da noite até seis da manhã direto, muito namoro, muita conversa”*. (Sebastião Gurgel de Paiva)

Contam também os mirandenses que os paraibanos também participavam de algumas festividades em Mirandas, tanto que criaram um refrão para os “caboclos”. O mesmo, certo dia nos foi cantado pela informante paraibana já acionada no trabalho: *“O feijão tá cru, tá fedendo a ‘gurugrum’, os caboclos tão dançando com a mão no subricu”*. (Maria Linhares de Oliveira)

2.5- Categorizando a si mesmo e aos outros: o “caboclo” e o “cabra”

Como temos demonstrado até o momento, alguns habitantes de Mirandas se definem e se pensam enquanto “caboclos”. No entanto, tivemos acesso a relatos de que no passado essa atribuição categórica não era bem aceita pelos mirandenses, que não gostavam de ser tratados como tais, sobretudo porque o sentido atribuído ao termo era, quase sempre, imbuído de preconceito, envolvendo a idéia de que o caboclo era *“que nem*

³² O informante faz referência aos muitos casos de violência existentes em Mirandas, que têm assustado os moradores e dificultado a vida na comunidade. Essa questão será analisada no segundo capítulo desse trabalho.

bicho do mato, brabo”, “*ignorante*” e que evitava o contato com pessoas exteriores ao grupo. Outras vezes, o termo caboclo tornava-se sinônimo de “*doente*”, “*perturbado*”, como certo dia demonstrou o informante Antônio Augusto Fernandes, 32 anos, caboclo, atualmente residente no município de Caraúbas. De todo modo, o termo ‘caboclo’ sempre era acionado para designar aqueles que sempre estiveram às margens da sociedade mais ampla.

O senhor Antônio Bezerra, atualmente residente em Caraúbas, mais especificamente no bairro Leandro Bezerra³³, certo dia nos relatou um diálogo existente entre ele e um companheiro de trabalho, que possuía a cor da pele negra e insistia em tratá-lo não pelo nome, mas pela atribuição étnica. Transcrevemos aqui parte do diálogo para que o leitor possa perceber o desconforto do informante ao ser chamado de “caboclo” e “caboclinho”:

Antônio Bezerra: Eu sei que ele só me chamava caboclinho, caboclo, caboclo. Ai eu fui me encabulando e teve um dia que eu disse: ‘me diga uma coisa o senhor diz caboclo porque pensa que eu sou doente é?’

Geraldo: Não num e não, é que eu num acerto mais chamar outro nome.

Antônio Bezerra: Sim, é por isso, e eu trabalhando mais um ‘nêgo’ eu só me acostumo chamar nêgo, num acerto outro nome. Ele disse:

Geraldo: Aí eu num agüento!

Antônio Bezerra: Eu disse: agüente! Ai ele ficou por ali, eu digo: pronto, se o senhor quiser nós se refere pelos nomes, se não quiser pode me chamar caboclo e eu chamo o senhor nêgo, e assim vai ‘simbora’. Ai ele disse:

Geraldo: Não, num dá certo não.

Antônio Bezerra: É, o senhor é quem sabe. Ai disse:

Geraldo: Vamos chamar pelo nome.

Antônio Bezerra: O nome dele era Geraldo. Garanto que o senhor me chamando de Antônio eu chamo o senhor de Geraldo.

Outro relato digno de ser mencionado é o do senhor Sebastião Gurgel, comerciante do município de Caraúbas, como segue abaixo:

Aqui é o seguinte, eu comecei aqui a negociar nesse ponto aqui em 69 e nessa época muitos desse pessoal que chama de caboclo, eles não queriam nem que chamasse esse nome caboclo, porque eles achavam que era uma espécie assim de humilhação, uma discriminação. Então assim, na época, muitos deles só vinham aqui de mês em mês, uma vez por mês, fazia a feirinha e tal e levava, vinha a cavalo, jumento, carroça, essas coisas. (Sebastião Gurgel de Paiva)

³³ Ao longo dos anos, muitos mirandenses têm migrado para o município de Caraúbas e têm se concentrado no bairro Leandro Bezerra, que é um bairro mais periférico e mais acessível do ponto de vista financeiro. A concentração dos mirandenses no bairro é tamanha que atualmente ele é conhecido entre os caraubenses como o “bairro dos caboclos”.

E o mesmo informante elucida também acerca das formas que os caboclos utilizavam para categorizar aos outros:

Sim, tinha a história do ‘negro’ e o ‘cabra’, o que o caboclo considera que é ‘cabra’, que eles têm mais raiva do ‘cabra’ do que do ‘negro’, o ‘cabra’ é a mistura do ‘negro’ com o branco. Se você chamar um de ‘caboclo’ ele diz: e você é ‘cabra’! Tem uns que diz: ‘caboclo’, ‘caboclo’. ‘caboclo’ o quê, seu cabra? (Sebastião Gurgel de Paiva)

Assim, os “cabras” eram todos aqueles que possuíam uma identidade diferenciada e que, portanto, não pertenciam ao grupo considerado “caboclo”. Mas, era também uma das maneiras, conscientes ou não, que os mirandenses tinham de responder às formas de discriminação com que eram tratados, como se vê na fala que segue:

É assim, os caboclos eles eram preconceituosos com outras pessoas, principalmente se chamasse alguém de caboclo, eles não gostavam, colocavam logo a gente que não fosse caboclo de “cabras”. Eles não costumavam passar pelas pessoas e cumprimentar, temia, tinha vergonha, não acolhiam a gente na casa deles, eles batiam as portas. (Maria Linhares de Oliveira, paraibana)

E continuamos insistindo para que a informante explicasse melhor quem eram os “cabras”:

Eram os negros ou as pessoas brancas de cabelos ruins, porque no meu entender deles, os caboclos se destacavam por questão dos caboclos lisos, porque eles eram morenos, o caboclo verdadeiro ele é moreno. (Maria Linhares de Oliveira, paraibana)

Como é possível perceber, no passado os mirandenses não gostavam de ser tratados pela categoria “caboclo”, ou ainda “*pelo apelido que botaram*”, como certo dia nos revelou o senhor Francisco Augusto Neto, caboclo mirandense, atualmente residente no município de Caraúbas. No entanto, no presente ocorreu uma inversão valorativa, ou simplesmente, uma (re) apropriação do termo na configuração identitária do grupo. Isso porque a grande maioria deles não apenas assumiu para si a atribuição que lhes fora imposta, como a mesma passou a ser vista de maneira positiva, capaz de agregar valor social ao grupo. Isso porque tem se tornado habitual em Mirandas nos depararmos com discursos auto-afirmativos da identidade cabocla, de modo que podemos afirmar que muitos mirandenses se orgulham de serem considerados caboclos.

No entanto, como mencionado no início desse trabalho, a justificativa utilizada pelos mirandenses para o uso de tal atribuição categórica é a de que, como existe a possibilidade dos seus descendentes terem vindo da cidade do Cabo em Pernambuco, o

nome do lugar teria dado origem a tal categoria. Vejamos o que um informante mirandense nos respondeu ao ser indagado acerca da origem do nome caboclo:

É porque é uma família, nossa família, naquela época quando o Brasil foi fundado, nós somos de Portugal num sabe, ai tem essa família, veio 3 famílias de Recife pra cá, que foi o tenente-general, um capitão-mor das capitânicas que você sabe mais do que eu, que você estuda e eu num estudei, mas já ouvi essa história, gosto muito de ler livro né. Era três, num sei se tudo era irmão, parente como era, só sei que tudo era localizado aqui nesse canto. Ai surgiu essa família, que tinha a família Cavalcante, tinha a família Bezerra e a família Cunha, quer dizer que essas três famílias tinha esse sobrenome. Olhe, dizer que tem a família Cavalcante, Bezerra, Cunha ou Souza, também tem a família Souza, é caboclo. Sendo Silva, tendo Silva, num é caboclo, pode ter mistura, mas não é mais. Agora, você não pode dizer: eu sou da família caboclo de Mirandas, né? (Manoel Auspício Bezerra)

E outro morador/informante nos asseverou o seguinte:

Caboclo que chama da família do tenente-general, ai ele deixou essas sobras prá família cabocla, caboclo de qualquer maneira. Ai, meus avós eram do Seridó, família Azevedo do Seridó. Agora minha avó era cabocla daqui, dessa família ai Pimenta, aí meu avô casou com ela, Sebastião Pinto, ai casou com ela. Esse povo já morreram quase tudo. (Alfredo Pinto)

E o uso desse discurso também se faz presente entre os habitantes de Caraúbas, como podemos observar na narrativa que segue:

Não, esse nome de caboclo, esse nome não existia, foi porque os caboclos vieram tudo de Cabo de Pernambuco, moravam no Pernambuco e ai se deslocaram prá aqui. Veio três desses caboclo, um se situou-se aqui, outro ficou em Campo Grande, por lá, e outro foi prá onde? (pensa o informante). O de lá foi os Pimenta, os que ficaram aqui é os Bezerra, é o Falcão, Souza Falcão fundador de Caraúbas, tem até um bairro ali com esse nome. Esses caboclo de Mirandas é tudo Falcão, quase tudo deles se assina Bezerra, quando num é Bezerra é Falcão, mas isso vieram de Cabo em Pernambuco, ai pegaram esse nome, e são tudo português. (Manoel Lúcio Fernandes³⁴)

Como é possível perceber, caraubenses e mirandenses utilizam-se dessa atribuição categórica para identificar os habitantes de Mirandas e, ao mesmo tempo, legitimar suas identidades, que são respaldadas num passado histórico. Mas, a identidade cabocla também é utilizada para estabelecer diferenciações entre os que habitam Mirandas e os demais

³⁴ O senhor Manoel Lúcio Fernandes, de aproximadamente 70 anos de idade, possui um pequeno comércio na Praça de São Sebastião em Caraúbas e nos relatou que sempre teve contato com os mirandenses, sobretudo, no sítio Sabe Muito, como teremos a oportunidade de perceber em um de seus relatos, ainda nesse capítulo de nosso trabalho.

grupos sociais, sobretudo os caraubenses, grupo com o qual as relações têm se dado de forma mais freqüente e evidente.

Nesse sentido, os caboclos de Mirandas são analisados aqui em termos de um grupo étnico, pois como afirma Fredrik Barth, *“na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional.”* (BARTH, 1998, p.93)

Esse preceito teórico encontra sustentação na definição de grupo étnico tal como proposta pelo sociólogo alemão Max Weber (2004). Para ele, os grupos que podem ser definidos como étnicos são:

Aqueles grupos humanos que, em virtude de semelhanças no habitus externo ou nos costumes, ou em ambos, ou em virtude de lembranças de colonização e migração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação de relações comunitárias, sendo indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva. (WEBER, 2004, p.270)

De acordo com essa filiação conceitual, pertencer ao grupo conhecido como “caboclo” significa não apenas estar em Mirandas ou habitar esse mesmo espaço geográfico, mas, sobretudo compartilhar dos mesmos valores e crenças considerados relevantes para os membros do referido grupo. O que implica identificar-se com os traços passados que ajudaram a estabelecer o presente e, enfim, sentir-se um deles.

2.6- O caboclo “pego a casco de cavalo”

Durante todo o período da pesquisa em Mirandas e Caraúbas inquietava-nos pensar que os mirandenses se definem enquanto caboclos pelo fato de possuírem uma origem portuguesa, o que em todos os sentidos rompe com a noção de “caboclo” compartilhada no ambiente acadêmico, que, via de regra, está ligada a possibilidade de uma mescla entre índios e brancos, ou uma *“passagem de uma situação à outra”*. (ARRUTI, 1997, 03)

Para Roberto Cardoso de Oliveira (1976), por exemplo, ser considerado ‘caboclo’ no Alto Solimões, remonta a idéia do *“(...) índio integrado (a seu modo) na periferia da sociedade nacional, oposto ao ‘índio selvagem’, nu ou semi-vestido”*, ou ainda *“(...) o Tükuna vendo-se a si mesmo com os olhos do branco, como intruso, indolente, traiçoeiro,*

enfim como alguém cujo único destino é trabalhar para o branco.” (OLIVEIRA, 1976, p.46)

No que se refere à região na qual prendemos nossa atenção, entendemos que o termo ‘caboclo’ é passível de diversas interpretações, tornando-se uma noção vasta, imprecisa, que, dependendo do contexto, pode representar a figura do sertanejo, do “cabra macho”, valente. No entanto, a possibilidade de existir uma descendência indígena entre os mirandenses é sempre acionada pelos próprios interlocutores, mesmo que tentando fugir de tal hipótese, como podemos observar no relato que segue:

Caboclo num é dizer por que era índio, diz que algumas pessoas têm mistura com índio, mas nós não temos mistura com índio, nós somos caboclos porque botaram esse nome. Uma parte deles mora em Cachoeira, que diz né, ‘Cachoeira dos caboclos’ né, e ficou essa misturada assim e botaram o nome de caboclo. Tem gente que tem raiva, eu num tenho. Em Natal, Mossoró, aqui por perto que eu nunca andei muito, aonde eu chego que diz: de onde você é? eu digo que sou da família caboclo de Caraúbas, num vou dizer que não sou. Agora você também não pode chegar lá e dizer ‘eu sou da família caboclo’, né. (Manoel Auspício Bezerra Magro)

Tentando não assumir esse discurso nativo, ou ficar refém deste, procuramos problematizá-lo, tentando entender o porquê dos mirandenses tentarem fugir de qualquer aproximação com a cultura indígena. Será que com tal discurso os mirandenses não estão dizendo não apenas o que eles não são, mas também o que eles gostariam e não gostariam de ser frente aos demais grupos sociais com os quais eles têm contato?

Almejando satisfazer tais inquietações, julgamos indispensável um maior convívio com os mirandenses, buscando um mergulho em busca das peças que completassem e, ao mesmo tempo, tornassem inteligível o quebra-cabeça da identidade dos mesmos. Foi somente depois de um tempo maior de convivência com eles e de conquistada a confiança dos mesmos que tivemos acesso às “novas versões” acerca do passado de seus antecessores, para além da descendência portuguesa. O que nos propiciou juntar “novas” peças ao nosso quebra-cabeça.

Os novos discursos passaram a apontar o caboclo “legítimo” como sendo aquele “*descendente português*” que se uniu a uma “*cabocla pega a casco de cavalo*”, ou seja, que foi encontrada na mata, “*que nem um bicho bruto*” e que em seguida foi “*amansada*” e levada ao convívio do branco português. Desse modo, era sempre a figura feminina que era encontrada na mata e a figura masculina que descendia de Portugal, como revela o caboclo mirandense José Dias Júlio:

Meu avô, o senhor Manoel Bezerra, era da família do tenente-general, nós somos da família do tenente-general, portanto que as pessoas dizem assim: é os caboclos. A minha avó, a avó de papai foi pegada a casco de cavalo, aqui nessa mata.

Porque que o senhor diz que ela foi pega a casco de cavalo?

Porque era braba, cabocla braba como se diz. Como a gente pega um boi, ai pegaram ela e levaram pra outro canto e foi domesticando ela, ela foi amansando. Meu avô era caboclo também, da família do tenente general³⁵.

O que era que diziam da sua avó que foi pega a casco de cavalo?

Dizia que ela tinha saído lá de onde vivia (que lugar era esse, que nem mesmo o informante soube responder?) e não tinha voltado pra casa, tinha se perdido na mata. Ai meu avô pegou ela, levou pra casa e botou dentro de casa, como aqueles índios que tem lá no Pará né? Ai foi domesticando. Ai pronto, por ali ela ficou em casa. Porque ela fugiu de dentro de casa, fugiu dentro da mata.

E o seu pai contava muita historia dela?

Contava, parece que ela tinha uns 30 anos. Ai perguntaram a ela o que é que ela comia, e ela dizia que comia das caça, e água ia procurar água. Foi encontrada sozinha dentro da mata. (grifos da pesquisadora)

Como é possível observar, o informante compara a maneira pela qual o seu bisavô encontra sua bisavó e a leva para casa com a maneira dos “*índios que tem lá no Pará*”, o que implica dizer que para ele “*ser pega a casco de cavalo*” na região de Mirandas equivale a ser índio. No entanto, a visão que o informante tem do índio não encontra ressonância em Mirandas, daí ele não ter consciência da identidade étnica de sua avó e, conseqüentemente, da sua aproximação e identificação com a cultura indígena.

Abaixo, uma foto do senhor José Dias Júlio:

³⁵ Observe-se a contradição: sua avó era cabocla porque foi ‘pega na mata’ e, depois de ‘domesticada’, foi ‘amansando’. No entanto, seu avô, que “era da família do tenente-general” também era considerado caboclo, embora tenha seguido uma trajetória bastante diversa de sua esposa.



Foto Nº6: Retrato do senhor José Dias Júlio, setembro de 2010. (Fonte: acervo da pesquisadora)

Narrativa semelhante ao do senhor José Dias Júlio também se fez presente na residência de dona Raimunda, viúva do senhor José Emiliano Fernandes. Foi o seu primogênito, Nazário José Fernandes que apontou sua bisavó como *“pega a casco de cavalo, no tempo das caboclas brabas, dos caboclos antigo”*. No entanto, o mesmo se interessa em frisar que: *“Isso foi há muito tempo atrás, hoje num é mais assim não”*. (Nazário José Fernandes)

No que se refere aos habitantes do município de Caraúbas, percebemos que também ali o discurso predominante é o de que os mirandenses são conhecidos como caboclos porque seus antepassados vieram do Cabo em Pernambuco. No entanto, em uma de nossas entrevistas no referido município tivemos a oportunidade de conversar com o senhor Manoel Lúcio Fernandes, que atualmente é proprietário de um pequeno comércio na Praça de São Sebastião em Caraúbas, mas que tem origens fincadas no sítio Sabe Muito³⁶, moradia de um dos seus avôs. O mesmo, relatando sua trajetória de vida nos revela que o mencionado sítio hoje assim é nominado por que:

³⁶ Localizado na zona rural do município de Caraúbas, a 13 quilômetros da cidade.

Há muito tempo atrás, tinha um índio andando por lá, por aquelas bandas, porque lá tinha um ‘olho d’água’. Ai o índio disse que tinha achado esse olho d’água e ai perguntaram a ele: você sabe onde fica o olho d’água? Ai ele disse: eu sabe muito, ai pegou o nome. (Manoel Lúcio Fernandes)

O informante revela ainda que os índios que habitavam tal região eram os “Paiacu”, e que:

Os ‘Mirandas’ tinham grande amizade com esse povo, com os donos de lá, ele sempre andaram muito por lá e essa coisa toda. Lá tinha um açude bem na porta da casa assim, naquele tempo se plantava muita vazante, batata, essas coisas e eles viviam lá, tomava conta quase do açude, era a ‘cabocada’ plantando nos roçados. (Manoel Lúcio Fernandes)

Apesar do senhor Manoel Lúcio ter mencionado apenas uma possível aproximação entre os mirandenses e os índios do sítio Sabe Muito, foi também no município de Caraúbas que nos deparamos com narrativas como a do senhor Deusdete Fernandes Pimenta, que de maneira impávida nos declarou:

Eles têm uma mistura com índio (referindo-se aos mirandenses), você já deve ter ouvido falar, com os índios Potiguares aqui de Caraúbas, chamados Potiguar. Era Olho d’água do milho e então dessa descendência de índio cruzou com o homem branco como se diz e ficou a família caboclo. Hoje ta muito desenvolvido, muito diferente do passado que eu tô contando. Eu tô contando aqui as histórias mais antigas que eu sei dos caboclos. Caraúbas foi fundada por Leandro Bezerra, tem o bairro aí com esse nome. Daí vem o sobrenome Bezerra dos caboclos, de Leandro Bezerra, que era pernambucano.

Foi ele quem casou com a índia?

Não. Leandro Bezerra era casado com uma filha de Souza Falcão, ele era genro de Souza Falcão. Comprou uma fazenda aqui e ele não era casado ainda com a filha dele, mas namoravam já. Sei que ele veio e casou com ela e ficou por aqui e eles, dizem que eram metidos a bode, começaram a namorar com as índias, ai onde ouve o cruzamento. Ficou Souza Falcão, Bezerra Cavalcanti, são os nomes da maior parte dos caboclos, o sobrenome deles, a maior parte é esse, Souza Falcão e Bezerra Cavalcanti. E o nome de Leandro, não tinha um fazendeiro que não tivesse uma filha chamada Ana, é a padroeira de Campo Grande é Santa Ana, então eles botavam, como Caraúbas, tem muito Sebastião, que é o nome do padroeiro(...). Pois é isso, daí nasceu a mistura do índio com o homem branco né, foi daí desse cruzamento que ouve, não foi com casamento não, foi através de namoro deles mesmo com as índias. Ai desenvolveu a família, ficou um povo mais culto, mais orientado. (Deusdete Fernandes Pimenta, grifos da pesquisadora)

Assim, nos deparamos com a co-existência de discursos. O primeiro deles, comum a grande maioria dos mirandense e caraubense, de que os caboclos são descendentes de Portugal e/ou de Pernambuco. O segundo, que tem nos informantes José Júlio e Nazário Fernandes seus principais representantes, que reafirmam uma descendência portuguesa e,

ao mesmo tempo, reconhecem que a bisavó de ambos foi “pega a casco de cavalo”. E por último, o discurso do senhor Manoel Lúcio Fernandes e do senhor Deusdete Fernandes Pimenta, que não relutou em afirmar a descendência indígena dos caboclos de Mirandas.

Diante do exposto, é relevante acrescentar que estudos como o do historiador Helder Macêdo (2010) apontam para o fato de que na região que compreende o Seridó do estado do Rio Grande do Norte ser considerado “pego a casco de cavalo” é ser descendente indígena. No entanto, a identidade étnica de muitos grupos norte-riograndenses esteve por muito tempo descartada ou mesmo “encoberta”, como demonstra Julie Cavignac (2003).

Tanto é assim que boa parte da historiografia norte-riograndense aponta para uma completa ausência de populações indígenas ou quilombolas no estado. A esse respeito, vale ressaltar que nas publicações deixadas por Luís da Câmara Cascudo nenhuma referência é feita em relação à presença dessas duas etnias na região que compreende nossos lócus de estudo. Ao contrário, numa longa viagem pela província do Rio Grande, o folclorista, no ano de 1934, depois de percorrer 1.307 quilômetros atesta que não encontrou nenhum grupo indígena ou negro no interior do estado. Essa assertiva causa estranheza e, ao mesmo tempo, aponta para um paradoxo, já que o interior do estado fora palco de um dos principais levantes indígenas, conhecido como a Guerra dos Bárbaros³⁷.

Para alguns pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (ASSUNÇÃO, 2006; CAVIGNAC, 2003), essa ‘invisibilidade’ atestada por Luís da Câmara Cascudo se deu, em grande parte, devido aos ‘projetos políticos’ do folclorista, que almejava apresentar o sertão norte-rio-grandense como uma região marcada pela ‘mestiçagem’ e pelas relações ‘cordiais’ entre os escravos e seus patrões. Logo, as populações indígenas e negras foram excluídas dos seus relatos históricos e enquadradas em categorias genéricas, como ‘caboclos’, ‘mestiços’ e até mesmo ‘desaparecidos’.

Contudo, desde as últimas décadas começaram a emergir no Rio Grande do Norte inúmeras publicações acerca da presença indígena e quilombola no estado. Numa delas, é possível perceber que em meados do século XVII a região que compreende a Chapada do Apodi, microrregião na qual estão inseridos Mirandas o município de Caraúbas, “*era habitada por tribús de índios selvagens conhecidos pelos nomes de Payacús, Pageuns, Icósinhos e Caborés*” (MOTTA, 1989, p.45), que viviam da caça, pesca e rapinagem.

³⁷ A esse respeito, ver: DA SILVA, Cláudia Maria Moreira. “Em busca da realidade”. A experiência da etnicidade dos eleotérios (Catu/RN). Dissertação de mestrado, UFRN, 2007.

Concomitantemente a essas publicações, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte tem presenciado nos últimos anos a emergência de inúmeros trabalhos acerca de grupos que começam a reivindicar um passado étnico diretamente relacionado à descendência indígena ou escrava (DA SILVA, 2007; MORAIS, 2005). No entanto, muitas também são as comunidades rurais que revelam um apagamento da memória étnica e que, conseqüentemente, têm suas identidades (re) significadas ou (re) apropriadas, como parece ter ocorrido com os habitantes de Mirandas. Afinal, ao longo da história do Rio Grande do Norte, tem parecido bem mais interessante do ponto de vista político ser considerado descendente português do que indígena. Assim, no caso dos caboclos de Mirandas, ser descendente português ou do Cabo, implica ser considerado membro da família fundadora do município de Caraúbas, portanto, os ‘donos do lugar’.

No entanto, não podemos falar aqui em termos de uma emergência étnica ou de uma “indianidade”³⁸ entre os caboclos de Mirandas, já que os mesmos não se definem enquanto descendentes indígenas e não reivindicam para si tal identidade. E, além disso, Oliveira Filho (1999) observa que a condição de índio implica um status jurídico, não visualizado em Mirandas.

Assim, pretendemos lançar pistas de um caminho que parece obscuro, de uma trilha cuja caminhada tornar-se-á mais fácil se considerarmos a posse do conhecimento acerca de quantos são e de como vivem aqueles que, não se definindo enquanto descendentes indígenas, se dizem e se pensam enquanto os “caboclos de Caraúbas”. São tarefas como essa que pretendemos alcançar no capítulo que segue.

³⁸ No sentido que lhe atribui João Pacheco de Oliveira (OLIVEIRA apud ARRUTI, 1997, p.16), um termo que “designa uma determinada forma de ser e de conceber-se ‘índio’ no sentido genérico do termo, construída em interação com o órgão tutelar”.

3- A VIDA EM MIRANDAS

Neste capítulo abordaremos os principais aspectos do cotidiano de Mirandas, aspectos esses que, de maneira direta ou indireta, servirão para pensar a temática central de nosso trabalho de dissertação. Isso porque é no presente da localidade que os elementos identitários são (re) construídos e (re) atualizados, dando sentido à existência dos caboclos de Mirandas.

Para se chegar à Mirandas, saindo do município de Caraúbas, é necessário percorrer 22 quilômetros em estrada carroçável. Durante o percurso podemos observar apenas algumas casas espaçadas e pequenos sítios, sendo que boa parte da travessia está ladeada por mata fechada, onde dificilmente temos a chance de encontrar algum transeunte.

No verão, que naquela região semi-árida compreende os meses de setembro a junho, os vinte e dois quilômetros que separam Mirandas do município de Caraúbas são marcados por uma vegetação seca e árida, típica do bioma caatinga. Nesse período, é possível perceber o quão difícil é a vida dos pequenos agricultores locais, pois as fontes de água se tornam raras, já que poucos deles têm poços artesianos e as demais fontes, tais como riachos e córregos, mal conseguem acumular água. Enquanto isso no período chuvoso, entre os meses de junho e setembro, os quintais e sítios se enchem de pequenas plantações.

No entanto, é também durante o inverno que o acesso à Mirandas se torna mais difícil e custoso, já que muitos trechos se tornam arriscados, tanto pelas crateras e deslizamentos que se formam nas áreas mais elevadas quanto pelas lagoas que surgem nos trechos mais baixos da estrada. A esse respeito, vale acrescentar que no mês de fevereiro do ano corrente, mais especificamente durante o período conhecido como “as chuvas de verão”, os altos índices pluviométricos terminaram bloqueando o acesso de veículos motorizados à Mirandas por alguns dias, período no qual a localidade permaneceu inacessível.

Mas, seja sob o sol ou sob chuva forte, ao chegar à Mirandas tínhamos sempre a certeza de estar vivenciando descobertas comuns a de muitos outros antropólogos quando em pesquisa de campo. Entre essas, merece destaque a de que ao vestirmos a “*capa de etnólogo*” dois universos distintos entram em contato e que a nossa pesquisa depende, em

grande medida, da nossa capacidade de percepção e interpretação, bem como da nossa aptidão em “*aprender a transformar o exótico no familiar e/ou o familiar em exótico*” (DAMATTA, 1978, p.28). Nesse sentido, o nosso primeiro desafio surgiu ao entrarmos em Mirandas, vendo o aparente “descaso” no qual aquela localidade se apresenta, sobretudo porque é possível perceber que uma boa parte das habitações (cerca de 30%) é de taipa³⁹.

Se comparados a uma pesquisa realizada no ano 2001⁴⁰, esses dados revelam avanços, pois numa amostragem de 51 famílias mirandenses, a mesma detectou que 45% das casas eram de taipa e que apenas 31% possuíam fossa séptica ou instalação sanitária. Embora não tenhamos nos detido detalhadamente às razões desse avanço, alguns moradores nos informaram que isso se deve em grande parte a projetos do governo federal, que incentivavam a construção e/ou reforma de casas de taipa em alvenaria. A foto abaixo ajuda a visualizar algumas moradias de Mirandas:



Foto N°7: Modelo de habitação mirandense, outubro de 2010. (Fonte: acervo da pesquisadora)

Em nossas observações também percebemos que inexistente coleta de lixo na localidade, bem como um lugar apropriado para o despejo dos dejetos, fazendo com que os

³⁹ “Processo de construção de paredes que utiliza barro amassado para preencher os espaços criados por uma espécie de gradeamento, geralmente de paus, varas, bambus, caules de arbustos, etc.” (Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss. São Paulo: Editora Objetiva, 2001)

⁴⁰ Pesquisa realizada pelo Projeto Água Subterrânea no Nordeste do Brasil- PROASNE em parceria com a Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte- CAERN, a Secretaria de Recursos Hídricos-SERHIR e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN, com o objetivo de fornecer tecnologias avançadas a algumas instituições estaduais e/ou federais da região do semi-árido nordestino, sobretudo com o intuito de ajudá-las a desenvolver e gerenciar os recursos hídricos da região (Fonte: PROASNE/TRILHAS POTIGUARES, 2001, disponível em: <http://www.proasne.net/>, acesso realizado em: 20/02/2010)

moradores joguem o lixo em terrenos baldios, muito comuns em Mirandas. A foto abaixo ilustra bem esse quadro:



Foto N°8: Terreno baldio e despejo de lixo em Mirandas, Junho de 2010. (Fonte: acervo da pesquisadora)

A pesquisa supracitada (PROASNE, 2001) também constata que naquele ano 63% das famílias mirandenses viviam com até um salário mínimo, o que colocava a grande maioria dos habitantes em situação de extrema pobreza. Quando se leva em consideração o grau de escolaridade dos entrevistados, os dados parecem alarmantes, pois 83% sequer chegaram a concluir o ensino fundamental.

Outro dado importante é que até o início do ano de 2001 a população de Mirandas não dispunha de água encanada, o que obrigava os moradores a caminhar longas distâncias em busca de um poço situado a dois quilômetros dali. Segundo informações obtidas junto aos moradores de Mirandas e à Prefeitura de Caraúbas, esse problema foi solucionado no ano de 2001, quando o referido projeto conseguiu detectar reservas de águas subterrâneas no solo mirandense. Desde então, os habitantes da localidade podem contar com água encanada e potável, embora ainda existam queixas dos moradores, sobretudo no tocante à irregularidade desta nas torneiras. Segundo informações obtidas pelo morador Nazário Fernandes, a Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte argumenta que o problema reside na quebra constante das bombas elétricas responsáveis pelo bombeamento da água.

Para além dos indicadores socioeconômicos desfavoráveis, permeia entre os mirandenses a visão de que a vida se tornou menos difícil, sobretudo depois que os mesmos deram início à cultura do caju⁴¹, que tem contribuído de forma decisiva na manutenção de muitas famílias. A fala de um dos primeiros habitantes de Mirandas, o senhor Alfredo Pinto, aparece como uma boa demonstração disso:

Hoje aqui ta uma beleza. De primeiro num tinha cajueiro, o pé de cajueiro era só mesmo prá comer assado⁴². Num tinha preço de castanha nem nada. A água eu ia ver lá onde mora 'Zé da barragem', montava num jumento, um do lado outro do outro. Hoje ta uma beleza, aqui ta bom. (Alfredo Pinto)

Para além da sensação de melhoria, percebe-se que os mirandenses têm muito apego às suas terras, ao lugar que vivem e ao estilo de vida que ali predomina. Isso se torna evidente em muitas das falas dos informantes mirandense, que se reportam à localidade como um 'solo sagrado', especial, que lhes oferece tudo que se faz necessário às suas existências físicas e simbólicas. A esse respeito, pudemos perceber que em Mirandas a vida segue um ritmo no qual a grande maioria das pessoas começa o dia junto com o despontar dos primeiros raios solares. De modo que nas várias estadias na localidade percebíamos que, por volta das cinco horas da manhã, boa parte dos mirandenses já estava envolvida em alguma atividade diária e Mirandas já enunciava seu ritmo. Em contrapartida, no início da noite as pessoas recolhem-se em suas casas e fecham as portas, de modo que não mais é possível ouvir movimento algum pelas ruas mirandenses.

Assim, se comparada à vida nos grandes centros urbanos, podemos afirmar que o lugar é calmo e tranqüilo, com pouca movimentação de pessoas e quase nenhum veículo motorizado trafegando. Esses, quando presentes, precisam ter seus condutores atentos, haja vista o fato de que é comum a presença de animais e crianças correndo livremente pelas ruas de Mirandas, como se pode observar nas fotos abaixo:

⁴¹ Como mencionado no primeiro capítulo, o cultivo do caju começou a ser praticado em Mirandas em meados dos anos 70 do século XX, como uma alternativa ao declínio da cultura da mandioca.

⁴² O caju era assado e comido como um substituto da proteína animal, nas épocas em que essa era rara.



Foto N°9: Passeio por Mirandas, outubro de 2010.
(Fonte: acervo da pesquisadora)



Foto N°10 : Senhor Alfredo Pinto e vista parcial de
Mirandas, outubro de 2010. (Fonte: Acervo da pesquisadora)

O ritmo de vida predominante em Mirandas pode ser percebido por um visitante minimamente atento, desde a sua entrada na localidade, que se faz por uma rua principal. Nela é possível visualizar grande parte das casas que ali se agrupam, bem como algumas pessoas ocupadas em seus afazeres cotidianos. A foto abaixo mostra o acesso principal à Mirandas e o trânsito pouco intenso:



Foto N°11: Entrada principal de Mirandas, Outubro de 2010. (Fonte: acervo da pesquisadora)

Por essa mesma rua principal, no sentido Caraúbas/Mirandas, o visitante encontrará à sua direita a Escola Municipal Francisco de Souza Júnior, nome de um dos primeiros habitantes da região, mencionado anteriormente. Um pouco mais adiante e no mesmo sentido, depois de passadas algumas casas e um bar, o mesmo visitante irá visualizar a escola Aproniano Martins de Sá. Juntas essas escolas são responsáveis pela educação, em três turnos, de aproximadamente 390 alunos, com turmas que vão da pré-escola ao 9º ano do ensino fundamental, além de turmas voltadas à alfabetização de jovens e adultos, o EJA. Para àqueles que já estão cursando o ensino médio, a alternativa é deslocar-se todos os dias para a sede do município de Caraúbas, que disponibiliza cotidianamente transporte escolar para esses alunos.

Nessa rua principal, à esquerda do visitante está localizada a capela de São José, que segundo mirandenses foi construída na década de 70 pelos próprios moradores, com recursos vindos da Holanda, adquiridos através da influência de padre Lourenço, holandês que esteve à frente da paróquia de São Sebastião em Caraúbas durante aquela década. Vizinho à igreja encontra-se o Clube de Mães Tereza Souza⁴³, que durante algum tempo

⁴³ Homenagem a uma das primeiras educadoras de Mirandas.

funcionou como uma “casa de costura” para as mulheres mirandenses, servindo também como lugar de reuniões na localidade.

À direita do visitante, encontra-se um bar, uma mercearia e o mercado público Antônio Bezerra Cunha (Antônio Júlio), nome esse que, desde sua fundação, em 05 de outubro de 1976, homenageia um dos primeiros habitantes da localidade, mencionado no capítulo anterior de nosso trabalho. Nesses espaços, as formas de sociabilidade vigentes ganham maior visibilidade, sobretudo aos domingos, dia de feira e de grande movimentação para os que ali vivem. A foto abaixo, embora realizada num dia de semana, ajuda a visualizar o Mercado Público e o bar:

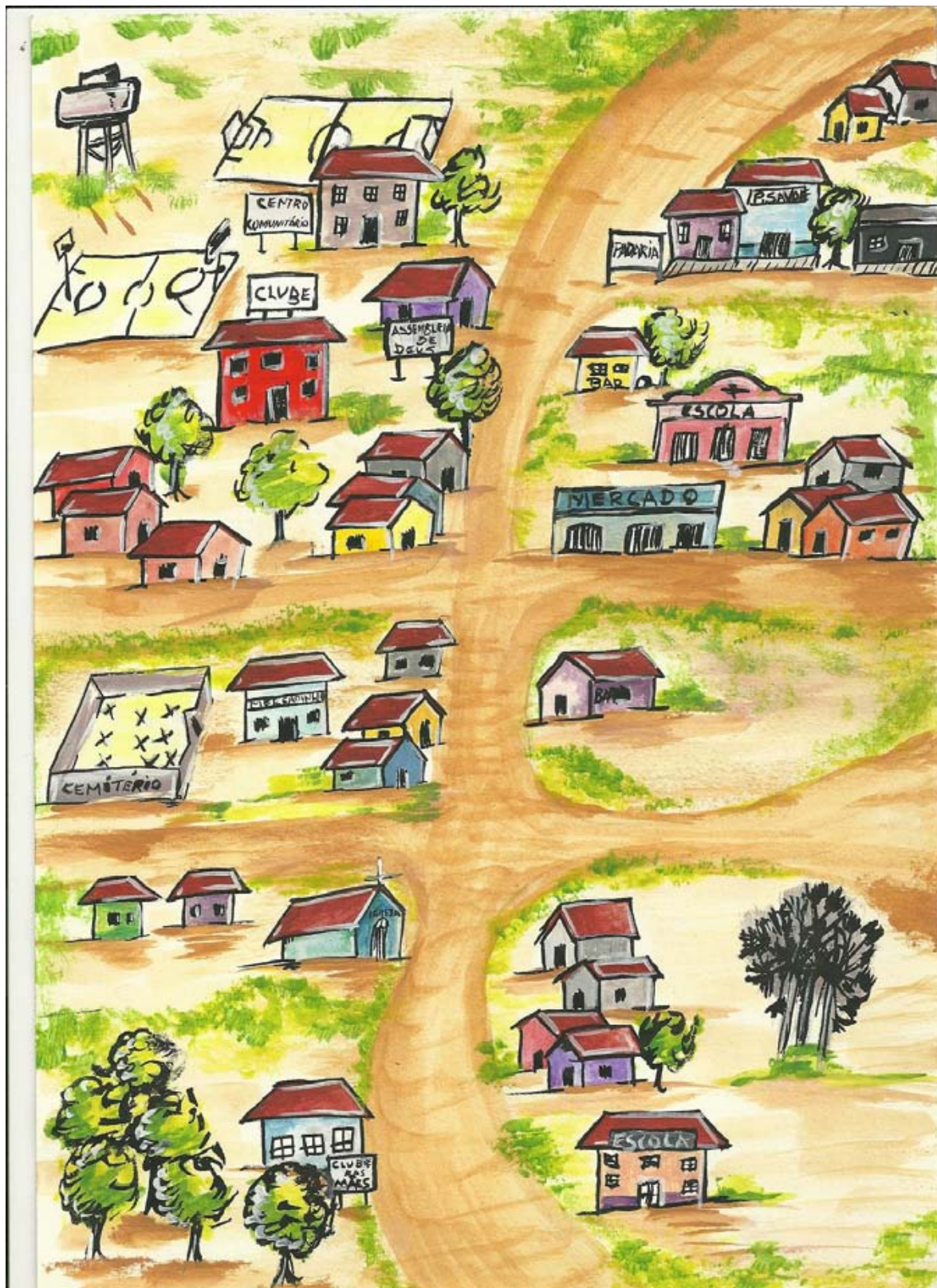


Foto N°12: Bar e Mercado Público de Mirandas, Janeiro de 2010. (Fonte: acervo da pesquisadora)

Imediatamente à direita do mercado, foi inaugurada no ano de 2007 uma Unidade Básica de Saúde, denominada Manoel Auspício Bezerra Magro, em homenagem a um dos primeiros moradores de Mirandas, falecido no ano de 2006 e mencionado anteriormente. Ainda nessa rua principal, está localizado um templo da igreja Assembléia de Deus, a Padaria Mirandense e a saída em direção ao município de Upanema, distante dali cerca de 20 quilômetros.

Saindo da rua principal e entrando à esquerda, visualiza-se o Mercadinho Bezerra, onde é possível encontrar alguns gêneros alimentícios de primeira necessidade, como arroz, feijão, além de brinquedos e refrigerantes. Algumas ruas atrás desse estabelecimento, numa região mais periférica, encontra-se o Cemitério Público de Mirandas.

Seguindo na direção inversa a do mercadinho e do cemitério estão o Miran Art Club, local onde ocorrem as festas de Mirandas, uma quadra de esportes e um campo de futebol, lugares amplamente freqüentados pelas crianças e rapazes mirandenses, sobretudo nos finais de tarde, quando vão jogar futebol. Nessa região estão localizados também o reservatório de água e a Unidade de Beneficiamento da Castanha, cujo objetivo e funcionamento descreveremos mais adiante. Abaixo, um croqui de Mirandas:



3.1- Terra, trabalho e solidariedade

Depois de termos descrito as estruturas físicas de Mirandas e alguns aspectos da vida social, cabe-nos agora analisar as questões ligadas à divisão social do trabalho, bem como suas implicações na vida cotidiana do grupo, questões essas que variam desde a divisão das atividades às relações estabelecidas pelo vínculo de parentesco. A abordagem de tais questões nos ajudará a compreender como o universo social mirandense se reproduz também a partir das atividades laborais cotidianas realizadas por homens e mulheres, ao mesmo tempo em que nos fornecerá elementos para pensar a questão da identidade cabocla.

Como já foi apontado nesse capítulo, em Mirandas as atividades diárias têm início ainda durante a madrugada, quando muitos homens começam a se movimentar pelas ruas da localidade, seja para pegar um transporte que faz a linha para o município de Caraúbas, abrir seus pequenos comércios ou ainda para montar suas carroças, meio de transporte de pessoas, de instrumentos de trabalho e de produtos agrícolas muito habitual na região. Muitos desses homens, sobretudo os mais velhos e aqueles que não trabalham na sede do município, se detêm nas atividades ligadas à criação de animais, à agricultura e a feitura do doce de caju, tais como colher capim para servir aos animais, cuidar de suas pequenas plantações, colher cajus e separar castanhas. Quando necessário, são os homens também que se encarregam de ir à cidade de Caraúbas, seja para receber suas aposentadorias e/ou para adquirir novos mantimentos para o lar, já que o Mercado Público e as pequenas mercearias ali presentes não dispõem de todos os gêneros alimentícios necessários aos habitantes da localidade.

Enquanto isso, as mulheres se detêm nos afazeres domésticos: varrendo os terreiros das casas, cuidando das crianças, mantendo a casa limpa e preparando as refeições diárias. Além disso, elas dispõem boa parte do dia em atividades ligadas à feitura do doce, atividade essa que, como veremos posteriormente, requer a ajuda de todos os membros da família. Vale acrescentar que constatamos que são poucas as mulheres mirandenses que trabalham fora do ambiente doméstico. Assim, vale à pena refletir sobre a lógica da dominação masculina, pois em muitos casos a feitura do doce de caju e a sua comercialização são conduzidas pela dona da casa, sendo ela inclusive a responsável por dar a liga e produzir a consistência do doce. Todavia, mesmo aí o que impera nos discursos de homens e mulheres é que a figura masculina é a responsável pelo sustento familiar. Isso

revela que a hierarquia estabelecida entre os gêneros nesse universo não se restringem a uma lógica econômica, apenas.

Além disso, vimos que a figura feminina ocupa um lugar secundário no universo social de Mirandas, principalmente quando isso inclui relações diretas com pessoas exteriores ao grupo. Desde as primeiras incursões em campo, pudemos constatar que o acesso às mulheres e os diálogos se davam através dos homens, ou seja, mesmo sendo mulher, necessitávamos da anuência dos homens para falarmos com as mulheres. Nas conversas com as mulheres viúvas ou que não tinham filhos adultos, esse quadro não se apresentava, o que servia para confirmar as nossas percepções de que a presença masculina impunha limites à participação das mulheres. Assim, visando superar a barreira da timidez e da retração que sempre se apresentavam às mulheres quando os seus maridos ou filhos adultos se faziam presentes, procuramos conversar com muitas delas em horários nos quais a figura masculina se fazia ausente, seja porque tinha ido à sede do município de Caraúbas ou mesmo quando realizavam outras atividades longe de casa. Essas situações nos ajudaram a perceber que no conjunto de relações estabelecidas entre os gêneros em Mirandas se evidenciam tensões e conflitos, elementos esses que provavelmente se apresentam também em outras esferas da vida social do grupo.

Esses traços hierárquicos estabelecidos entre os gêneros são comumente percebidos também por muitos atores externos à Mirandas, o que reforça a visão negativa e preconceituosa que têm dos mirandenses. Durante uma entrevista realizada com um comerciante do município de Caraúbas, o senhor Sebastião Gurgel de Paiva, o mesmo nos asseverou que as mulheres mirandenses pouco cumprimentam as pessoas da cidade e que isso só ocorre quando elas desejam adquirir algum produto de sua mercearia, *“senão, passam pra lá e pra cá não dá bom dia nem boa noite, passa de cara fechada como se diz”*. Além disso, o informante relatou que quando as mesmas estão acompanhadas de seus respectivos maridos *“ficam mais recatadas”*, já que *“os homens de lá são tudo ciumento”*. (Sebastião Gurgel Paiva).

Assim, os papéis sociais de gênero parecem estar claramente demarcados entre os mirandenses, de modo que ser homem ou ser mulher implica em uma série de comportamentos, atitudes e responsabilidades distintas para com a família e à sociedade como um todo. Essa divisão social do trabalho aponta para a existência de solidariedade entre os sexos, pois é comum a participação de todos os membros do grupo familiar na

realização das atividades diárias, sobretudo nas atividades relacionadas à fabricação do doce de caju, como veremos mais a diante.

No que se refere aos vínculos matrimoniais, em Mirandas muitos casamentos são formados por pessoas de um mesmo grupo familiar, tornando-se comum ouvirmos expressões do tipo: *“meu tio era casado com uma prima carnal”*, *“eu e minha e minha mulher ainda somos contraparente”* ou ainda, *“fulano é casado com um contraparente seu”⁴⁴*.

No entanto, esse é um assunto considerado tabu entre os mirandenses, que quando muito, relatam acerca das conseqüências dessas uniões. E, vale acrescentar que muitos mirandenses atribuem causas genéticas aos casos de depressão e transtornos psicológicos⁴⁵ presentes em Mirandas. Senão, vejamos o que um informante nos relatou acerca de um tio seu, bem como de seus primos: *“Meu tio casou com uma prima legítima dele, por isso que os filhos dele é tudo doente, tudo nervoso, doido, estuda, estuda e não aprende”⁴⁶*. (Francisco de Assis, pseudônimo)

Enquanto isso, outro informante nos relata que o seu primeiro casamento fora realizado com uma de suas primas e que, por isso, um de seus filhos é *“ignorante, agoniado, toma remédio controlado”* e que, de vez em quando, *“ele tem umas crises”* (Antônio Nascimento, pseudônimo).

As justificativas utilizadas por essas famílias para a ocorrência da endogamia variam desde a falta de esclarecimento por parte de alguns membros do grupo até o

⁴⁴ É importante lembrar que no primeiro capítulo de nosso trabalho fizemos referência ao estudo de José Nunes Cabral de Carvalho, intitulado “Nota Prévia Sobre a Endogamia no Grupo Isolado dos Caboclos, Município de Caraúbas”. Como o próprio nome revela, o estudo prioriza as uniões consanguíneas existentes não apenas em Mirandas, mas também na comunidade Cachoeira, mencionada anteriormente. Segundo o mesmo, essas uniões terminaram ocasionando diversas anomalias entre os moradores da localidade, que variavam desde algumas dificuldades na articulação das palavras a um caso de hermafroditismo. Senão vejamos alguns trechos do referido estudo: *“Ventilação insuficiente. Piso de barro batido. Luz penetrando apenas pelas frestas do telhado. Ambiente irrespirável. Nas condições descritas, despido, cego, atendendo a todas as necessidades fisiológicas no próprio local, vive José Honorato Bezerra, hermafrodita, de 30 anos de idade (...). Honorato, seu pai, em hipótese alguma permite que ele abandone o quarto em que vive. Tivemos de destelhá-lo para conseguir fazer algumas fotografias”* (CARVALHO, 1983, p.32). É muito provável que esse fato tenha ocorrido em Mirandas, já que numa de nossas visitas às moradias da localidade, quando conversávamos acerca dos primeiros habitantes de Mirandas, com duas informantes ao mesmo tempo, uma delas pedia para a outra relatar *“aquela história do homem que vivia lá atrás, daquele doente”*, *“que fizeram até um estudo sobre ele”*. No entanto, a primeira informante fingia não ouvir ou entender, já que fazia referência a pessoas muito próximas a ela, e, mesmo, que tenhamos tentado conseguir algumas outras informações, o constrangimento impediu que o assunto tivesse continuidade.

⁴⁵ Temos observado que não são raros os casos de depressão em Mirandas, tanto que os benefícios do Governo Federal, tais como aposentadorias e benefícios concedidos por invalidez, têm se constituído enquanto uma das formas de complementar e, até mesmo, manter o sustento de algumas famílias.

⁴⁶ Em respeito aos mirandenses, fizemos a opção de criar um pseudônimo para os informantes mencionados nesse sub-capítulo de nosso trabalho.

relativo isolamento sócio-geográfico dos mirandenses em relação a outros grupos. A narrativa que segue parece ser uma boa demonstração disso: “*A gente vivia isolado aqui nessa mata, quase que nem bicho bruto, num tinha estudo, num tinha nada, o jeito era casar assim, né*”. (José Damasceno, pseudônimo)

No entanto, o informante Antônio Nascimento (pseudônimo), que parecia incomodado com o assunto, deu por encerrado o assunto afirmando apenas que: “*Isso era coisa dos caboclos mais antigos, hoje num tem mais isso não, de 80 pra cá amundiçou tudo*”. No entanto, posteriormente tivemos acesso a informações de que esse último interlocutor fora casado com uma prima sua e que, além disso, sua mãe e uma de suas sobrinhas, essa última com aproximadamente trinta anos de idade, são casadas com filhos de seus tios, no caso seus respectivos primos. Logo, podemos perceber que, embora os discursos almejem colocar a escolha da endogamia no passado, a prática da mesma parece estar vinculada também ao presente, embora os mirandenses não desejem reconhecer esse fato.

É provável que a tentativa do informante Antônio Nascimento de negar a presença da endogamia nos dias atuais esteja ligada a uma renúncia de elementos que marcaram o seu passado de modo negativo, sobretudo porque essa prática era vista como uma necessidade imposta pelo isolamento no qual os caboclos viveram em épocas pretéritas. Do mesmo modo, a noção de que os mesmos eram “*quase que nem bicho bruto*” parece ser uma marca que os caboclos têm procurado relegar ao passado.

Nesse sentido, a tensão entre um passado apontado como um tempo no qual os mirandenses viviam em relativo isolamento e um presente no qual eles procuram se pensar como diferentes dos “*caboclos mais antigos*” traz à tona a reflexão de Lévi-Strauss (LÉVI-STRAUSS, 1982, p.519-20) sobre as alianças matrimoniais que os grupos estabelecem entre si. Assim, o que se apresenta na releitura que os caboclos fazem hoje das relações de seus antepassados é uma condenação às práticas vistas como incestuosas, que no presente não “deveriam” mais se apresentar. Conclui-se, portanto, que no caso dos caboclos, os discursos que condenam às práticas incestuosas se apóiam nos exemplos das relações que geraram filhos com marcas patológicas para defender o estabelecimento de alianças entre indivíduos de grupos distintos, rompendo assim um ciclo de isolamento e obrigando o grupo a estabelecer alianças com outros grupos, nesse caso, através do casamento. Não por acaso, uma parcela dos caboclos de hoje pensam que “*hoje num tem mais isso não*”.

3.2- Caju caboclo: “doce feito mel”

Uma grande parte das famílias de Mirandas encontra na cajucultura a sua principal fonte de sobrevivência, sendo esta uma das poucas lavouras perenes que consegue sobreviver na localidade, capaz de resistir aos longos períodos de seca. No entanto, essa cultura agrícola é praticada de forma muito incipiente pelos mirandenses, que se utilizam, sobretudo, de cajueiros antigos e bastante afetados pela mosca branca, uma praga que se reproduz com maior facilidade nas regiões secas e quentes. Somados a esses fatores, e apesar dos esforços familiares despendidos, a população não conseguiu dispor de alternativas que viabilizassem o aproveitamento de toda a produção, fazendo com que boa parte da safra seja perdida⁴⁷.

Apesar de todas essas dificuldades, ao longo dos anos a região vem sendo reconhecida no município de Caraúbas e seu entorno pela fabricação de alguns produtos derivados do caju, como o mel, a rapadura e principalmente o doce⁴⁸. Para isso, muitas famílias dedicam boa parte dos seus dias à feitura dos mesmos, como tem sido o caso dos “Irmãos Miliano”⁴⁹, que vêm se constituindo enquanto os maiores produtores de doce da localidade e que aqui tomamos como exemplo.

Como nos foi relatado, o referido grupo familiar começou a viver da cajucultura a partir do final da década de 70 do século passado, quando a produção da farinha de mandioca deixou de ser produzida em Mirandas e a sobrevivência tornou-se mais difícil. Desde então, a família Fernandes vem se especializando na produção do doce do caju, tanto que o patriarca da família, o senhor José Emiliano Fernandes, tornou-se conhecido no entorno como o “rei do doce”.

Atualmente, a venda dos derivados do caju constitui-se como a principal fonte de renda dessa família, tanto que a residência de dona Raimunda funciona como uma espécie de “fábrica” de doce, onde os filhos se reúnem cotidianamente para a labuta. Um deles, o senhor Francisco Augusto Neto, conhecido como Chico, mesmo residindo no município de

⁴⁷ Fato esse que foi constatado durante as inúmeras visitas que fizemos à Mirandas e, mais especificamente, às plantações de cajueiro, bem como através de relatos de muitos mirandenses.

⁴⁸ Nos municípios do entorno de Caraúbas o doce de caju de Mirandas é conhecido como o melhor. Em entrevistas realizadas com comerciantes da cidade de Caraúbas, os mesmos nos asseveraram que o doce vindo de Mirandas é o mais saboroso e de longe o preferido dos compradores.

⁴⁹ O nome do grupo, formado por dona Raimunda de Oliveira Fernandes e três dos seus cinco filhos, surgiu como uma forma de homenagear o patriarca da família, o senhor José Emiliano Fernandes, falecido em 20 de abril do ano de 2008, como mencionamos no primeiro capítulo de nosso trabalho.

Caraúbas há dois anos, desloca-se toda semana para Mirandas com o objetivo de ajudar os familiares na tarefa.

Como nos foi possível observar, o processo de fabricação do doce de caju é completamente artesanal e requer muita dedicação e esforço físico por parte dos envolvidos, tanto que todos os dias antes do sol despontar no horizonte cabe a Manoel Estevão Neto, conhecido por “Neto”, a tarefa de apanhar os cajus na principal plantação da família, localizada a três quilômetros de sua residência.

Para realizar essa atividade, o senhor Neto utiliza-se de um “pegador de caju”⁵⁰, instrumento produzido por ele mesmo e que é formado por uma longa vara com um cesto metálico em uma de suas extremidades. Esse cesto possui as pontas curvadas, que ajudam a desprender os frutos dos galhos. Abaixo, uma foto do referido informante e do instrumento de uso diário:



Foto N°13: O senhor “Neto” e seu instrumento de Trabalho, outubro de 2010.
(Fonte: acervo da pesquisadora)

Como é possível observar na foto acima, a realização dessa tarefa exige certa aptidão e esforço físico, já que a mesma demanda em média duas horas diárias, dependendo da quantidade de cajus amadurecidos. A perícia dessa ação vem com a prática e tal movimento acaba muitas vezes provocando dores musculares nos membros

⁵⁰ Nome dado pelo informante ao instrumento por ele produzido.

superiores, mesmo em um coletor experiente e acostumado à labuta cotidiana de apanhar caju, como o que vemos na foto.

Depois de colhidos, os frutos são colocados num recipiente e transportados para a residência de dona Raimunda. Abaixo uma foto do senhor Neto realizando o ofício:



Foto N°14 : Realizando o ofício, outubro de 2010.
(Fonte: acervo da pesquisadora)

Ao chegar à residência, os familiares se reúnem para selecionar todos os frutos. Essa tarefa consiste em separar o fruto propriamente dito, no caso a castanha, do seu pseudofruto, a parte popularmente conhecida como o caju, que pode ser de cor amarela, rosada ou vermelha. Em seguida, são retiradas as cascas dos pseudofrutos e colocadas em vasilhas distintas. Abaixo, uma foto de dona Raimunda de Oliveira Fernandes, realizando essa última tarefa:



Foto N°15 : Dona Raimunda de Oliveira Fernandes,
Outubro de 2010. (Fonte: acervo da pesquisadora)

Na ocasião demonstrada na foto acima, três membros da família, entre eles dona Raimunda, chegaram a descascar 48 quilos de caju, o que demandou cerca de 3 horas de trabalho.

Depois de separadas as partes do fruto, as amêndoas são armazenadas e posteriormente vendidas tanto no município de Caraúbas quanto a compradores pré-estabelecidos, que geralmente marcam datas para recolhê-las em Mirandas. Quanto às cascas, são misturadas ao capim e à ração, servindo de alimento para o gado que a família possui. O restante, no caso o pseudofruto, constitui-se como a principal matéria-prima do doce de caju.

No que se refere a esse último, podemos perceber que ele sempre é produzido em fogo à lenha, encontrada a cerca de dez quilômetros de Mirandas e recolhida pelos próprios membros da família. Em média, o doce permanece no fogo por cerca de seis horas, sendo que durante boa parte do tempo é necessário estar mexendo com uma colher, ou melhor, com um talo de carnaúba, planta comum na região. A realização dessa última tarefa conta com a ajuda de vários membros da família, embora os homens sejam sempre as pessoas acionadas para o exercício. Abaixo uma foto, essa representa bem as condições de preparo do doce:



Foto N°16 : Fogo à lenha e produção do doce de caju, outubro de 2010.
(Fonte: acervo da pesquisadora)

Acompanhamos por diversas vezes o processo de preparação do doce de caju dos ‘Irmãos Miliano’, e nessas ocasiões esses sempre faziam questão de esclarecer que existem alguns ‘segredos’ que fazem do doce produzido por eles um dos mais apreciados na região. É difícil saber em que consistem os ‘segredos’ sempre tão anunciados pelos irmãos Miliano, porém, ao que tudo indica, os mesmos estão relacionados à quantidade de açúcar empregada, o tempo de cozimento do doce, a maneira de mexê-lo e é claro, ao “savoir faire” de dona Raimunda, a matriarca, sempre solicitada na hora reconhecer a “liga” do doce. No fundo, do doce e da tradição, a ação da pessoa mais velha atesta a força do passado no presente, conferindo ao doce a marca e o sabor já testados e aprovados por todos aqueles que ajudaram a fazer a fama da família da “rainha” do doce em Mirandas.

No que se refere à quantidade de doce produzida por esse grupo familiar, nos fora informado que durante a época da safra do caju, que compreende os meses de setembro, outubro e novembro, o grupo chega a produzir cerca de seis (6) baldes de vinte e cinco (25) quilos por dia. Durante os demais meses do ano essa média diária passa a ser produzida semanalmente, tendo em vista às dificuldades encontradas pelos mirandenses no que se refere às debilidades dos cajueiros, como mencionado anteriormente. Vale ressaltar ainda que esses valores fazem menção à safra do ano de 2010, que, segundo informações, fora inferior à do ano de 2009.

Assim, durante todo o ano é possível comprar e degustar do doce de caju produzido por dona Raimunda e seus filhos. O quilo de doce é vendido às pessoas físicas pelo preço de R\$ 5,00, enquanto que os fornecedores jurídicos, como supermercados e mercearias da região, chegam a pagar R\$ 4,00 pelo quilo. Além disso, a família comercializa também com uma associação localizada no município de Upanema, que geralmente encomenda um número grande de baldes de vinte e cinco (25) quilos.

A tarefa de distribuir o doce aos fornecedores das regiões vizinhas, bem como a venda nas feiras livres dos municípios de Caraúbas, Upanema e Apodi são realizadas pelo filho Manuel Estevão Neto, que aos 47 anos nunca trabalhou fora do âmbito familiar.

Embora tenhamos nos detido ao exemplo da família de dona Raimunda Fernandes, grande parte dos mirandenses encontram na produção de doce de caju uma alternativa de complementar e até mesmo sustentar seus familiares. Todavia, a importância do doce de caju vai para além de sua importância econômica. Como observamos acima, a fama que o doce de caju caboclo ganhou na região tem sido motivo de orgulho para os mirandenses, o que permite a eles fazerem uso de tal marca culinária como um artifício positivo na reconfiguração da identidade dos mirandenses. Frente a um passado no qual eles eram apontados como seres ‘rudes’ que viviam isolados na mata, a produção, a circulação e a recepção positiva que o produto mais nobre da culinária cabocla encontra entre os moradores das cidades circunvizinhas tem permitido aos mirandenses se apresentarem também como portadores de elementos identitários positivos, cujo carro-chefe é o doce de caju.

A importância desse elemento identitário ganhou status de institucionalidade, pois desde o ano de 2002 vem sendo realizada em Mirandas a Feira do Caju Caboclo⁵¹, um evento “sócio-econômico” cujos objetivos delineados demonstram claramente a força econômica do caju na localidade, bem como ressaltam os elementos positivos da cultura cabocla. Nesse processo de tornar relevante os elementos vistos como positivos, o caju ocupa um lugar privilegiado no presente. No entanto, elementos claramente identificados como ‘marcas’ do passado são pensados como positivos, entre eles as danças, as

⁵¹ A I Feira do Caju Caboclo, ocorrida no dia 03 de novembro do ano de 2002, foi realizada por uma parceria entre a Agência Regional de Comercialização do Oeste (ARCO OESTE), a Assessoria, Consultoria e Capacitação Técnica Orientada Sustentável (ATOS), o Conselho Comunitário de Mirandas, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caraúbas e o Fórum das Associações Comunitárias de Caraúbas. E contou com o apoio financeiro de instituições como o Banco do Nordeste, Banco do Brasil e Prefeitura Municipal de Caraúbas, entre outros. Nos anos subsequentes, a feira tem ocorrido, sobretudo, entre os pequenos produtores locais.

vestimentas. Vejamos o que o material publicitário de um dos eventos da Feira do Caju Caboclo nos revela:

A cajucultura significa para o município de Caraúbas além da atividade de maior peso na economia local, uma componente cultural importante, haja vista a influência determinante na forte cultura da raça cabocla, principal habitante da região produtora de Mirandas. Os caboclos preservam seus costumes de danças, vestimentas, festas e crenças intrinsecamente relacionados com o trato, o consumo e o comércio de caju⁵².

A programação do evento realizado durante o ano de 2002 incluiu apresentações culturais, palestras, exposições, degustações e até premiações para os produtores locais que conseguiram expor os maiores cajus, as maiores castanhas, etc. No presente, esse evento não apresenta a mesma representatividade.

Para além dos incentivos à produção e à comercialização, é principalmente no dia-a-dia que os mirandenses precisam se mobilizar para comercializar os seus produtos, tanto que durante todo o ano muitos deles se encarregam de acumular a castanha, que é amplamente vendida tanto no município de Caraúbas quanto em toda a região do semi-árido. No entanto, boa parte desse produto é comercializada via atravessadores ou intermediários, pessoas que compram o produto aos mirandenses, quase sempre por preços inferiores aos de mercado, e em seguida o revende para as indústrias beneficiadoras e exportadoras da amêndoa, localizadas na cidade de Mossoró⁵³.

Tentando minimizar a presença desse atravessador, foi inaugurada em Mirandas no ano de 2006 uma Unidade de Beneficiamento de Castanha de Caju⁵⁴ e um Conselho de Desenvolvimento Comunitário. Ambos os estabelecimentos tiveram como objetivos possibilitar autonomia dos produtores e melhorar a qualidade da castanha produzida, que passaria então a ser comercializada diretamente pelos mirandenses, evitando assim a figura do atravessador. No entanto, as diferentes visões dos moradores sobre como o processo deveria ser conduzido acabou gerando conflitos insuperáveis e como consequência muitos mirandenses continuaram vendendo a castanha diretamente aos atravessadores, mesmo que

⁵² Fonte: Folder e programação da I Feira do Caju Caboclo em Mirandas, 2002. (Anexo 2)

⁵³ Durante o ano de 2009, o quilo da castanha 'in natura' foi vendido aos atravessadores ao preço de R\$1,20 e no ano de 2010 caiu para R\$1,00, fato esse que em muito desagradou os mirandenses, que, não dispondo de alternativas, foram 'obrigados' a vender pelo preço imposto pelos atravessadores.

⁵⁴ A construção foi realizada através de um projeto de revitalização de 11 mini fábricas de caju no Rio Grande do Norte, em parceria com a fundação Banco do Brasil, o serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas- SEBRAE e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária- EMBRAPA. (Fonte: FALCÃO, 2005)

por um preço inferior. Em decorrência disso, os estabelecimentos encontram-se fechados e as máquinas adquiridas para a pequena indústria estão em desuso.

Sendo assim, boa parte da população mirandense é obrigada a recorrer a outras fontes de renda, como aposentadorias, pensões e, mais recentemente, a apicultura, técnica que vem ganhando espaço junto aos pequenos produtores rurais, já que pode ser desenvolvida de forma artesanal e em pequenas localidades.

3.3- A violência e outros problemas

Ao longo do nosso trabalho temos destacado algumas dificuldades enfrentadas cotidianamente pelos mirandenses, dificuldades essas que variam desde a limitação dos gêneros alimentícios à ausência de saneamento básico e abastecimento de água nos dias atuais. No entanto, Mirandas é acometida cotidianamente por diversos outros problemas, sejam eles ligados à infra-estrutura da localidade ou ainda às questões de saúde pública.

A preocupação em apontar esses problemas tornou-se relevante na medida em que os discursos acerca dos mesmos foram se tornando cada vez mais freqüentes e apelativos. Tanto que, por inúmeras vezes, como convém em muitas situações de pesquisa de campo, nos fizemos ouvintes das queixas acerca do esquecimento dos poderes públicos locais em relação à Mirandas. Além disso, a própria estrutura física das casas e dos espaços públicos de Mirandas revelam um cenário relegado, pobre, que almejávamos conhecer mais de perto.

Foi com esse objetivo que realizamos algumas entrevistas com o senhor Francisco Augusto Neto, mirandense, agente de saúde do município de Caraúbas com atuação em Mirandas durante o final da década de 90 do século passado e a década inicial do presente século⁵⁵. Durante nossas conversas, o foco esteve voltado para os problemas detectados por ele durante os anos trabalhados junto à Mirandas. Entre esses, o informante destacou o alto índice de Doença de Chagas, justificado pelo fato de boa parte das habitações mirandenses serem de taipa, um tipo de habitação que serve como moradia-esconderijo para o vetor da doença, popularmente conhecido como o “barbeiro”.

⁵⁵ Apesar do referido informante não estar mais atuando como agente de saúde em Mirandas, tivemos acesso a informação de que o mesmo continua realizando visitas semanais à localidade, onde nasceu e onde é possível encontrar alguns de seus familiares.

Além disso, tivemos acesso à informação de que muitos mirandenses queixavam-se com frequência de doenças como a gripe e diarreia, sendo que as mesmas se tornaram menos triviais depois de um tratamento químico realizado com a água utilizada pelos moradores da localidade, que até então estava contaminada por diversas espécies de protozoários. O informante Augusto fez questão de mencionar ainda as elevadas taxas de mortalidade infantil, que segundo ele alarmavam não apenas os moradores de Mirandas, mas também os representantes públicos do município de Caraúbas.

Para além da lista de dificuldades estruturais acima elencadas, nos deparamos com a presença real e ameaçadora de formas de violência criminosa em Mirandas. Essas começam a fazer parte do dia-a-dia dos mirandenses e ultimamente se tornaram ponto de pauta nas diversas casas que tivemos a oportunidade de visitar. Deixemos que a professora Maria do Céu Pereira de Oliveira, mais conhecida como “Bia” exemplifique os tipos de violência se instauraram em Mirandas:

Aqui tem roubo, assalto, morte. Aqui já morreu muita gente, aluno que eu ajudei a criar, porque a mãe ia pra Caraúbas e deixava o menino comigo, quer dizer, tudo isso eu vi crescer. Já morreu muita gente aqui, muita gente daqui mesmo, e a violência é o que assusta no momento. Muita gente foi embora e muita gente tá com medo, vive aqui assustada. (Maria do Céu Pereira de Oliveira)

Como é possível perceber na fala acima, os tipos de violência variam desde um pequeno furto, que pode ser, por exemplo, de uma roupa deixada estendida no varal, há casos de assassinato. No que se refere a esse último, nos foi relatado que há mais ou menos um ano, um rapaz mirandense foi assassinado com tiro à queima roupa, depois de ter tentado se esconder por entre as moradias da localidade. O crime ocorreu ainda no início da noite e abalou toda a população, como é possível observar no relato de uma segunda informante-moradora:

Num tá nem com um ano que mataram uma pessoa e saíram atirando no meio da rua e a pessoa correndo. Quer dizer que é um perigo, eu tô com minha porta aberta a pessoa vem correndo, entra dentro de casa. Foi o que aconteceu com o menino aí, e ele era caboclo também, começaram a atirar na calçada da Assembléia, aí ele morreu e o pessoal correndo atrás atirando. Aí ele entrou na casa de um velho, mais de 70 anos o velho tem, a velha já tem mais de 80, aí passou, pularam o muro, o menino pulou na frente e eles pularam atrás. Inclusive o menino que mataram era filho de um primo legítimo de pai. Esse aí o povo diz

que ele era envolvido⁵⁶. Ele comigo era muito respeitador, mas diz que ele era envolvido. (Antônia Janeide, pseudônimo)

No que se refere às causas da violência criminal, os mirandenses apontam de modo recorrente o uso de drogas como maconha e crack, além do baixo nível de escolaridade e o desemprego em Mirandas, como podemos observar na fala que segue: *“Eu acho que o principal motivo é a bebida, e parte também que o povo não quer trabalhar. Aqui 100% num trabalha mais, a verdade é essa”* (José Damasceno, pseudônimo).

As interpretações que os informantes apresentam quanto às razões da violência, no fundo revelam elementos da visão que os mirandenses fazem de si mesmos e dos outros, muitas vezes incorporando e reproduzindo o discurso dos seguimentos dominantes de atribuir aos mais necessitados as razões de suas condições. Isso se reproduz também na percepção da violência, pois as interpretações dos mirandenses a esse respeito apontam para o fato das próprias vítimas produzirem os seus destinos, como podemos observar na fala de um informante ao se referir às motivações para a existência de crimes em Mirandas: *“Eu acho que isso também vai pelo esclarecimento das pessoas, quem estuda é mais difícil de entrar nesse mundo aí”*. (Maria Celestina, pseudônimo)

Nessa ótica, o estudo seria a luz esclarecedora que poderia criar alternativas às drogas. Mas na visão da informante mencionada acima, talvez haja limites difíceis de serem superados para se afastar desse mundo, como ela mesmo continua relatando: *“Mas, eu não sei se foi essa questão aí da falta de estudo, porque aqui também tem isso, a maioria dos pais são analfabetos e não tem o conhecimento de levar seu filho até terminar o curso universitário”*.

A visão apresentada pela informante encontra sintonia com a visão predominante em muitas outras localidades do Brasil sobre a criminalidade. Todavia, as visões dos informantes não podem ser reduzidas a isso, pois nelas também se vê interpretações que servem como denúncias das estruturas sociais. Referindo-se ao porque da violência na localidade a informante Antônia Janeide (pseudônimo) apresenta uma visão crítica: *“nós não tem segurança aqui, parece que eles confia e diz: “vou fazer, porque também não tem segurança, a gente pode fazer qualquer hora do dia e da noite”*. Em outro trecho da fala, podemos perceber a percepção de que as autoridades responsáveis não têm cumprido de

⁵⁶ No relato, a informante refere-se ao envolvimento com drogas ilícitas. Vale acrescentar que, no caso desse relato e de alguns outros, fizemos a opção de utilizarmos pseudônimos, já que os mirandenses se mostraram desconfiados e temerosos quando o tema da violência era colocado em debate.

forma eficaz as suas responsabilidades. Isso porque, quando indagada sobre o que a Prefeitura do município de Caraúbas tem feito para coibir a violência, ela responde:

Ela toma muito pouca providência. Olhe, aqui há dois anos atrás esse prefeito atual dizia que se chegasse aqui a primeira coisa que fazia era um posto policial, até agora ainda num chegou, num sei se ainda vai chegar né. A realidade é essa, que eu acho que ele só teve tanto voto aqui mais por causa disso, porque é uma coisa que necessita muito aqui, porque nós já tem posto de saúde, já tem escola, um pedaço de calçamento, tem cemitério, tem igreja, acho que a coisa que ta necessitando mais agora é um posto policial mesmo, pra ter todo tempo polícia. Porque o pessoal daqui é assim, quando eles ‘ouçe’ um carro da polícia, pronto, eles fica tudo quieto. Ia melhorar muita coisa, mas infelizmente até agora não chegou. (Antônia Janeide, pseudônimo)

As interpretações que os mirandenses apresentam na explicação da violência que os atinge de maneira enfática nesses últimos tempos são cheias de contradições, denúncias, críticas e de reprodução de valores que demonstram bem a existência de tensões existentes nas relações entre os próprios moradores e entre esses e os de “fora”. Em muitos casos, a reprodução de uma visão que coloca os mirandenses como “perigosos” é reproduzida pelos próprios moradores de Mirandas. A informante Antônia Janeide revela que *“tem até registro que de Caraúbas o pior registro de droga é aqui, mas eu também não sei”*.

É curioso que a informante afirme existir registro em Caraúbas que Mirandas seja o pior lugar no uso de drogas e por extensão, em crimes. Ora, sendo uma população reconhecidamente de baixa renda, é de se supor que dificilmente consumiriam mais drogas do que a população da sede do município, com maior poder aquisitivo. Segundo os dados oficiais⁵⁷ disponíveis sobre município de Caraúbas, a taxa de homicídios na cidade é de 45,5 casos para grupo de 100 mil pessoas, quando a taxa brasileira é de 25,2 casos para o mesmo referencial. No caso de Mirandas, ao contrário do que afirma a informante, os casos de morte por assassinato são uma raridade, e talvez por isso causem tanto estranhamento entre os moradores. E, além disso, não dá para estabelecer uma ligação “automática” entre o uso de drogas e a violência, tal como parece pensar alguns mirandenses.

Para a grande maioria dos nossos interlocutores, os criminosos residem na própria localidade, já que segundo os informantes, os criminosos teriam acesso a informações sobre os dias de maior movimentação no trecho de acesso ao município. A fala abaixo parece constituir-se como um exemplo dessa assertiva:

⁵⁷ Mapa da violência 2010. Anatomia dos homicídios no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari. 2010. Disponível em <http://www.sangari.com/mapadaviolencia/mapa2010.html>, consulta realizada em 08.07.2011.

Agora perigoso mesmo é daqui pra Caraúbas, carro e moto não, mas o dinheiro que o pessoal vai fazer a feira. Eles param o carro e o dinheiro que o pessoal leva eles tiram. O pessoal da comunidade tem certeza que não é gente lá de fora. Porque o povo de Natal, Mossoró, vem só pra levar o dinheiro desses pobres que vão fazer a feira? Num pode. E eles não mostram o rosto. (José Damasceno, pseudônimo)

Essa visão de que o trecho que liga Mirandas ao município de Caraúbas constitui-se como o mais perigoso e passível de formas de violência se deve ao fato desta via principal de acesso estar margeada por dezenas de estradas vicinais, que facilitam o trânsito e a fuga de pessoas, inclusive de praticantes de delitos na região, que não se reduzem aos mirandenses.

O que temos percebido é que a recorrência do uso da violência tem provocado replanejamento das atividades cotidianas dos mirandenses, pois os habitantes temem continuar dormindo com as portas abertas, estender suas roupas sobre os varais ou caminhar pelas ruas à noite. Há alguns anos essas atividades faziam parte da vida cotidiana. Em decorrência dessas mudanças, algumas pessoas inclusive relataram que pensaram em se mudar para Caraúbas, como outros já teriam feito. Todavia, os baixos preços dos imóveis de Mirandas desestimulam a muitos, que se vêem impedidos pela falta de recursos de comprar um imóvel na sede do município. Um pequeno relato acerca dessa questão pode ser observado ainda na fala de um morador, residente em Mirandas há cerca de cinquenta anos:

Rapaz eu tenho muita vontade de sair daqui, é porque não encontrei como ainda. Eu num tenho mais vontade de morar aqui não. Às vezes você mora num canto ai vai, vai, descobre que gosta daquele lugar. Eu num já tô em Caraúbas porque se eu deixar a casa só eles toma conta da casa, aqui já saiu gente e quando voltaram tinha tomado conta da casa, eles tira tudo da casa, fica só a 'maria-magra', chama 'maria-magra'. Eu já tive demais vontade de ir embora, agora eu não posso sair por causa dessa casa. E o povo num quer pagar nada aqui. (José Damasceno, pseudônimo)

As maneiras como as práticas de violência são percebidas pelos moradores de Mirandas apresentam elementos que servem para (re) atualizar a visão que os caboclos têm de si. Se outrora a rudeza e o “perigo” vinham dos seres pegos a “casco de cavalo”, hoje essas características parecem vir com os praticantes da violência que se vê em Mirandas e nos seus arredores. Assim, muitos mirandenses acabam reproduzindo uma visão tão presente entre os moradores de Caraúbas, de que Mirandas “*é o pior lugar*”, seja pela distância geográfica, pelas dificuldades de acesso aos bens de consumo e aos serviços públicos presentes na sede do município, e agora também através das percepções que

elaboram a respeito da violência. Desse modo, entre congruências e incongruências a respeito dos moradores de Mirandas, não é difícil se concluir que qualidades são denotadas aos seus moradores. Portanto, tanto ontem quanto hoje, eles, os mirandenses, parecem representar para si e para os outros, uma fonte de pureza e bravura, mas também uma fonte de rudeza e perigo.

4- RELAÇÕES COM O LUGAR, COM OS “OUTROS” E COM O SAGRADO

4.1- Relações com o lugar

“Não é muito fácil modificar as relações que se estabeleceram entre as pedras e os homens”.

(HALBWACHS, 2006, p.163)

Como tem sido possível observar até o momento, nosso trabalho tem procurado analisar um grupo social que teria tido início por volta do ano de 1750, com a suposta chegada da família de Francisco de Souza Falcão ao município de Caraúbas e posteriormente a migração dos seus descendentes para as Sombras Grandes, passando pela Baixa Grande até a chegada à Mirandas.

Para parte dos mirandenses, sobretudo os mais velhos, que detêm o papel social de “guardiões da memória”, as lembranças contadas deste percurso demonstram o orgulho pelo caminho que percorreram, pelos dias de luta enfrentados e pelas conquistas que conseguiram obter. Esse sentimento se torna facilmente visualizado no apego que têm às suas terras, ao solo que lhes fornece a possibilidade de trabalhar e de garantir o alimento diário. Assim, apesar de alguns mirandenses terem demonstrado a pretensão em sair de Mirandas por causa da violência que ali se faz presente, a grande maioria deles pensa em terminar os seus dias na localidade, afinal de contas: *“É aqui que a gente planta, já tem o caju, eu tenho um gadinho, umas galinhas (...). E aí a gente vai ficando, até quando Deus quiser”*.⁵⁸ (José Emiliano Fernandes)

Esse apego ao lugar de moradia tem feito com que nos últimos anos o grupo como um todo se mobilizasse para manter sua história vinculada ao espaço geográfico de Mirandas. Isso porque o penúltimo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, realizado no ano de 2000, estabeleceu que as terras de Mirandas, que até então pertenciam ao território do município de Caraúbas, passariam a “pertencer” ao município de Upanema, distante cerca de vinte quilômetros dali.

Para Marcos Roberto Fernandes Gurgel, pesquisador e professor caraubense que realizou trabalho monográfico acerca da problemática colocada pelo referido recenseamento, essa incongruência por parte do IBGE na demarcação das terras se deve ao fato de que:

⁵⁸ Entrevista concedida em 18/08/2002. Como mencionado anteriormente, o senhor José Emiliano Fernandes faleceu no dia 20/04/2008.

Quando a Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Norte, em 1953, aprovou a condição de Upanema ser elevada à categoria de cidade, fez seus limites sem verificar se realmente o que estava proposto na lei conferia com os limites do município de Caraúbas. Isso não foi feito e quando se lança esses dados no GPS a comunidade de Mirandas, com boa parte da região fica toda fora do município de Caraúbas. (GURGEL, 2003, p.50)

Como era de se esperar, a demarcação gerou grande insatisfação e revolta nos mirandenses, que se negaram a responder as questões colocadas pelos recenseadores do IBGE⁵⁹, já que vêem o seu espaço geográfico como pertencente à Caraúbas e em nenhuma hipótese à Upanema.

A negação do IBGE em reconhecer o pertencimento de Mirandas à Caraúbas fez com que os seus moradores recebessem os recenseadores de maneira pouco amistosa. Vejamos o que disse o senhor José Emiliano Fernandes a respeito de um desses encontros:

Esse pessoal chegou aqui dizendo que aqui tudo era do município de Upanema. Eu disse: ‘Olhe, eu não quero saber de mapa, nem do que tá escrito. O senhor não mora aqui, não sabe nada daqui. Eu que tô aqui é que sei de onde são as terras. A pessoa vem lá num sei de onde pra dizer de quem são essas terras daqui. (José Emiliano Fernandes)

E não apenas esse informante demonstrou descontentamento pela incompreensão quanto à determinação do IBGE, mas também outros moradores, como se pode ver na fala que segue:

E agora né nem o prefeito de Upanema, é o IBGE que entendeu que Upanema tem que ir lá pra aqueles lados. Eu pensei que fosse briga do prefeito querendo que aqui ficasse pra Upanema, mas não é, é o IBGE que veio mapear e disse que

⁵⁹ Segundo informa o pesquisador Marcos Roberto Fernandes Gurgel (2003), o município de Caraúbas teria designado um recenseador do município de Caraúbas, de nome Wésia, para efetuar a contagem da população mirandense. No entanto, ao chegar à comunidade a mesma teria tido acesso a informações de que o município de Upanema já teria enviado um recenseador para realizar o referido trabalho e que a população teria se negado a responder aos questionários colocados pelo profissional, alegando que as terras da comunidade pertenciam ao município de Caraúbas e não a Upanema. Gurgel informa ainda que, a recenseadora de nome Wésia teria conseguido realizar parte da contagem junto à Mirandas, já que a comunidade a identificava como prestadora de serviço do município de Caraúbas. No entanto, antes que a mesma conseguisse concluir o seu trabalho, teria sido interrompida pelo recenseador responsável pelo município de Upanema, que “exigiu” a posse de seus questionários. A mesma não teria entregado os questionários e regressou à Caraúbas com o objetivo de saber que decisões deveria tomar. Em entrevista concedida a Gurgel, a recenseadora informa que: “Foi realizada uma reunião com a Comissão Censitária do Município de Caraúbas, o coordenador, o supervisor, o encarregado da área, Sr. Ítalo Elmo e o responsável em Mossoró, representantes da localidade (...). Na assembléia decidimos que só seria divulgado o Censo desses municípios quando fosse decidida a questão.” (GURGEL, 2003 p.49). No entanto, a promessa feita aos mirandenses pelos responsáveis do IBGE não foi cumprida e as terras de Mirandas foram inseridas no território de Upanema. (Fonte: GURGEL, Marcos Roberto Fernandes. “Caboclos de Miranda”: tradição e fé no solo sagrado de São Sebastião. Mossoró: UERN, 2003).

daqui pra aculá é Upanema. Que não pode ser né, porque nossas terras tudo é de Caraúbas, nosso movimento todo é de Caraúbas, ninguém tem escritura aqui que não seja de Caraúbas. Como é que pode ser de Upanema? Tem que ser de Caraúbas né? (Manoel Auspício Bezerra Magro)

Como bem demonstrou o senhor Manoel Auspício, o município de Caraúbas sempre foi visto pelos mirandenses como um vizinho a quem sempre era possível recorrer, seja em casos de doenças, comércio ou para resolver questões ligadas às escrituras de suas terras, já que os registros de propriedades das terras estão lavrados e assentados na sede do município de Caraúbas. Essa relação com o município de Caraúbas sempre foi tomada como algo incontestável pelos mirandenses, que encontram respaldo jurídico no processo de demarcação das terras e na Carta de Sesmaria deixada pela família de Francisco de Souza Falcão⁶⁰. Mais uma vez, Gurgel pode nos ajudar a entender essa questão, já que analisando os autos do processo de demarcação das terras, bem como a cópia da carta de sesmaria mencionada acima escreve:

(...) O Sr. Messias Targino, em meados do século XX, adquiriu terras na região de Miranda, mais precisamente no km 101, e foi 'tirar a escritura' incluindo parte da data de Baixa Grande na mesma, mas o funcionário do tribunal disse que não podia, porque essas terras pertenciam aos descendentes do Tenente General Francisco de Souza Falcão. Portanto, aos 'caboclos'. Essa informação é confirmada na cópia da sesmaria de Baixa Grande, juntada aos autos do Processo nº 006/37, de demarcação de terras, na qual os herdeiros do tenente general disputavam a posse e divisão de terras. É o documento nº 003 do processo judicial e data do dia 05 de outubro de 1745. O processo é do ano de 1937. (GURGEL, 2003, p.41)

A existência desses documentos assegurando a posse das terras para os descendentes do general Francisco de Souza Falcão nos foi relatada também pelo senhor Manuel Auspício, como podemos observar na fala que segue:

Tem uma briga aqui que quis que as Mirandas ficassem pra Upanema e eu acho esse negócio muito de mau jeito, porque isso aqui, daqui vocês vindo direto assim, que tem uma estrada direto assim, enrolou assim pro lado de cá, ali já é da 'data' da Baixa Grande. Pra cá era uma légua de terra, lá daquela estrada pra findar em Caraúbas, que era quando o general, que era o sogro de Leandro Bezerra, ele comprou diversas data aqui, as sobras das datas era dele aqui. Quer dizer que ele deixou pra família dele, da descendência em descendência dele. Tem um documento, esse documento eu mesmo nunca vi, mas meu pai 'ouçe' e viram esse documento. Né nem que num fosse meu tempo, é por que eu não fui lá nesse dia. Ele dizendo que era sobra. (grifos da pesquisadora)

⁶⁰ Ver anexo 1 de nosso trabalho.

Para além dos registros mencionados acima, podemos perceber que através dessa disputa territorial em torno de Mirandas, revela-se uma disputa para manter preservada a história do lugar e dos seus habitantes. E mais do que a localização geográfica da localidade, o que se encontra em cena no descontentamento dos mirandenses é o fato que desligando-os de Caraúbas, o IBGE os deslocam simbolicamente de suas memórias e de sua história, que se fundem com as do município de Caraúbas.

Isso se torna evidente no forte sentimento de pertencimento dos mirandenses em relação ao município de Caraúbas, visível nas falas de muitos habitantes de Mirandas. Numa das ocasiões em que discutíamos tal questão com uma moradora e professora de Mirandas, a mesma nos asseverou que: *“Se aqui ficar mesmo pra Upanema eu não trabalho pra Upanema não. E aqui, professor efetivo mesmo só tem eu e mais dois”*. (Antônia Josefa da Conceição)

Esse descontentamento acerca da decisão do IBGE também é muito visível entre os habitantes do município de Caraúbas, como revelou Miquéias da Costa Sales, caraubense e estudante da história do município de Caraúbas:

Devido à demarcação do IBGE, Mirandas acabou ficando para Upanema, só que os caraubenses não aceitam que Mirandas fique para Upanema, justamente por suas raízes, né. Apesar dos caraubenses desconhecerem ou não valorizarem tanto a sua história como deveriam, mas nesse ponto eles reconhecem a importância de Mirandas ficar, pertencer a Caraúbas, justamente por suas raízes estarem lá, que foi o povo que construiu o município, que fundou que trouxe a imagem de São Sebastião e se concentra lá. Então por isso eles têm Mirandas como patrimônio histórico, nós temos Mirandas como patrimônio histórico nosso. Perder Mirandas, Mirandas passar a pertencer a outro município é como se um pedaço da nossa história fosse tirado. Então nós defendemos já muitas lutas com autoridades do município, prefeitos, vereadores, já brigaram muito por essa questão, para Mirandas continuar sendo do município de Caraúbas. (Miquéias da Costa Sales)

Como bem apontou o informante, esse impasse tem sido fonte de inúmeros debates e controvérsias, seja na imprensa local e regional, seja entre os gestores políticos, como apontam os noticiários da imprensa por ocasião das alterações que se estabeleceram:

O Deputado estadual Fernando Mineiro (PT) protocolou na Assembléia Legislativa o projeto de lei solicitando a incorporação da comunidade rural de Mirandas ao município de Caraúbas. Atualmente, Mirandas pertence ao município de Upanema, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgados em 2000. (Jornal Gazeta do Oeste, 16 de maio de 2007. (Disponível em www.gazetadoeste.com.br)

O mesmo jornal matutino noticia ainda que a polêmica mobilizou várias esferas do poder público municipal:

No início do mês, a Câmara Municipal de Vereadores de Caraúbas, atendendo solicitação do vereador Alcivan Viana (PMDB), realizou a 10ª Sessão Ordinária do 1º Período Legislativo na comunidade de Mirandas. A localidade é sede de um território com aproximadamente 54 km² e com um contingente populacional de mais de dois mil habitantes. A finalidade principal da sessão da Câmara Municipal naquele Distrito foi discutir e tirar encaminhamentos legais, que contribuam para a resolução do impasse entre os municípios de Caraúbas e Upanema. Os dois municípios estão questionando judicialmente a posse sobre Mirandas. (Jornal Gazeta do Oeste, 16 de maio de 2007. (Disponível em www.gazetadooeste.com.br)

No entanto, até o presente momento nada foi resolvido acerca dessa polêmica, o que continua gerando insatisfações em mirandenses e caraubenses, notadamente pelas relações históricas construídas.

No caso do município de Upanema, a incorporação de Mirandas acabou por gerar um aumento da população do município e, por conseguinte fez com que o mesmo pudesse pleitear aumentos das verbas recebidas dos governos estadual e federal. No caso de Caraúbas, sobretudo dos dirigentes políticos do município, além da ligação histórica, essa possibilidade também assume relevância. Até que esse impasse seja resolvido, os descendentes de Francisco de Souza Falcão, sejam eles caraubenses ou mirandenses, guardam o receio de que esse “afastamento” geográfico e político termine provocando (re) significações em suas relações sociais.

Para nos ajudar a entender essa estreita ligação entre a memória, os homens e o espaço, Halbwachs (2006) salienta que a perda de um lugar ou de algo que faça os indivíduos se remeterem ao passado representa a perda de uma parte significativa da tradição, *“que os protege, sua única razão de ser”* (HALBWACHS, 2006, p.165). Assim, perder o território de Mirandas para Upanema significa também se separar de um passado que se quer próximo e que continua dando sentido às vidas de mirandenses e caraubenses. Significa também desvencilhar-se de boa parte das relações que foram construídas entre os dois grupos ao longo dos anos, já que a sensação que se tem é a de que, aos poucos, essas deixariam de existir. O que se deseja evitar é essa separação entre as lembranças e o solo sobre o qual elas nasceram e florescem, já que: *“Se as lembranças se conservam no pensamento do grupo, é porque ele permanece estabelecido no solo, é porque a imagem do solo perdura materialmente fora dele e ele pode retomá-la a qualquer instante.”* (HALBWACHS, 2006, p.167)

Para além da questão territorial, que notadamente assume contornos afetivos, é oportuno afirmar que segundo alguns mirandenses, ao longo dos onze anos decorridos desde a resolução imposta pelo IBGE, o município de Upanema não tem realizado qualquer benfeitoria ou prestado qualquer assistência social junto à Mirandas, embora todas as receitas públicas referentes ao grupo estejam sendo contabilizadas para esse município.

Sendo assim, os habitantes de Mirandas continuam recorrendo e reivindicando assistência à prefeitura de Caraúbas, que mesmo sem o repasse dos recursos referentes ao grupo, continua atendendo a localidade. Entre as modalidades de apoio oferecidas pelo município de Caraúbas, destaca-se o transporte escolar em dois turnos para os estudantes mirandenses que estão cursando o nível médio no município, além da construção de alguns prédios públicos, como por exemplo, a Unidade Básica de Saúde, composta por um consultório médico e odontológico, uma sala de enfermagem e uma sala de vacinas⁶¹. Em contrapartida, os eleitores mirandenses continuam exercendo seu dever cível junto à Caraúbas, embora não existam mais as três sessões eleitorais em Mirandas, como eram comuns até o recenseamento realizado durante o ano de 2000.

4.2- Relações com os “outros”

Depois de apresentada a forte ligação dos mirandenses com a sua memória, expressa também no desejo comum de verem suas terras e relações sociais interligadas ao município de Caraúbas, cabe-nos agora analisar as formas de convivência estabelecidas entre os caboclos mirandenses e demais grupos sociais.

No primeiro capítulo de nosso trabalho discutimos as categorias que os mirandenses supostamente usavam para categorizar aqueles que possuíam origens étnicas, históricas e/ou geográficas diferentes das suas. Mencionamos o exemplo dos “cabras” e dos “negros”, categorias que representavam para os mirandenses um modelo opositor à figura do “caboclo”, tanto que esses termos eram frequentemente acionados para marcar distinção e responder às discriminações referentes aos mirandenses.

⁶¹ No entanto, o próprio órgão municipal encontra dificuldades na realização de benfeitorias em favor de Mirandas, já que em muitos casos, os gestores municipais não têm como justificar o emprego de verbas destinadas àquela população.

Temos observado ainda que, por vezes, o lugar do “outro” vem sendo ocupado pelos “paraibanos” residentes em Mirandas, que sempre são citados pelos “caboclos legítimos” quando querem evidenciar quem pode ser considerado caboclo no universo relacional da localidade. No entanto, diferentemente da figura do “cabra” e do “negro”, observamos que o “paraibano” é citado comumente com o objetivo de afirmar que estes não foram os primeiros a chegar a localidade e nem os seus fundadores, numa tentativa de demarcar “os donos do lugar”, sem que com isso os “caboclos” lancem mão de atitudes ou falas acentuadamente preconceituosas⁶².

Contudo, tem sido com os habitantes do município de Caraúbas que os mirandenses vêm estabelecendo laços sociais mais freqüentes, tanto que ao longo de nosso trabalho temos apresentado exemplos de como as vidas dos habitantes desses dois grupos se encontram entrelaçadas, urdidas em tramas de sentimentos e de valores que dão sentidos às suas existências grupais. De modo que, por vezes, nos pareceu difícil reconhecer no município de Caraúbas quem são os caraubenses e quem são os mirandenses, ou mesmo se eles não se pensam enquanto inseridos num único e mesmo grupo social.

No entanto, o tempo despendido em Mirandas e na sede do município de Caraúbas por ocasião da pesquisa, além de um maior treino no olhar, nos ajudaram a encontrar as dessemelhanças e as distâncias entre os habitantes dos dois grupos, além dos aspectos e relações que à primeira vista pareciam imperceptíveis. Tal descoberta enriqueceu sobremaneira a pesquisa, ajudando-nos a perceber inclusive, quais as principais razões que afastam e aproximam mirandenses e caraubenses.

No tocante a essas últimas, podemos perceber que além da questão colocada pelo IBGE mencionada anteriormente, a feira livre realizada no município de Caraúbas tem se constituído enquanto ponto de convergência entre os moradores da cidade e pequenos produtores rurais, como é o caso dos habitantes de Mirandas. Por isso, alguns mirandenses mal esperam os primeiros raios solares despontarem no horizonte para se deslocarem em direção ao município de Caraúbas, sobretudo aos sábados, dia de feira no referido município.

Para aqueles que possuem transporte próprio a travessia parece mais fácil, rápida, menos extenuante e dispendiosa, pois em aproximadamente 20 minutos têm-se acesso ao município de Caraúbas. No entanto, como essa é a realidade de uma minoria, a solução que

⁶² Mesmo assim, o uso corrente dessas categorias e a oposição em relação aos paraibanos demonstram as cisões existentes em Mirandas, que aqui não é analisado enquanto um grupo uniforme, coeso.

resta para os demais é pegar um dos poucos carros que fazem a linha entre Mirandas e Caraúbas, que demoram cerca de 40 minutos, custam cerca de R\$ 5,00 por pessoa e muitas vezes consistem em “pau-de-arara”. De um jeito ou de outro, sábado é sempre um bom dia para adquirir novos mantimentos no município de Caraúbas, bem como para vender o doce de caju, o mel de abelhas e, se as chuvas ajudarem, o feijão verde.

Mas, a feira no município de Caraúbas parece ser também uma boa ocasião para reencontrar amigos e conversar com alguns conhecidos, podendo inclusive ser pensada enquanto um lugar de intensa interação entre os habitantes de Caraúbas e de Mirandas. Isso porque, para além da grande variedade de verduras, utensílios e roupas que se encontram disponíveis nas barracas dispostas no centro da cidade, podemos perceber que o comércio em si, embora de fundamental importância para a economia dos dois grupos, é apenas um dos elementos que dão sentido ao espaço sócio-relacional do mercado público.

Vale lembrar ainda que a ida à feira de Caraúbas tem se constituído enquanto uma prática regular para os habitantes de Mirandas, tanto que os caraubenses já se acostumaram com sua presença constante. Por isso, várias vezes fomos alertados por caraubenses que se quiséssemos encontrar os “caboclos de Mirandas” fossemos à feira do município aos sábados. De fato, essas eram ocasiões privilegiadas tanto para encontrarmos os mirandenses quanto para observarmos um dos cenários socioculturais no qual se estabelecem relações cotidianas entre eles e os caraubenses.

Assim, para alguns caraubenses a presença dos mirandenses na feira do município tem se constituído enquanto uma marca típica do “caboclo”, uma característica “inata” daquele grupo, como podemos observar na fala que segue:

Você pode procurar Hueliton⁶³ e Segundo também, que é irmão de Hueliton. Olha assim bem interessante, isso eu acho que isso eu posso falar que Hueliton não vai se incomodar não. Hueliton ele tem uma filhinha, porque Hueliton já aconteceu dele casar com uma jovem já daqui de Caraúbas, mas a filha dele absorveu o ‘hábito de caboclo’, que quando chega o sábado eles têm que vir pra feira (...). Então a filha de Hueliton, juntamente com ele, vem todos os sábados para a feira, quer compre alguma coisa ou não, mas vem sempre na feira. Então é uma hábito assim deles bem interessante. (Padre Gerônimo Dantas Pereira)⁶⁴.

Além da ida à feira, sábado também é dia dos mirandenses participarem da missa realizada na Igreja Matriz do município de Caraúbas, às 10 horas. Não por acaso, essa

⁶³ Mirandense, atualmente residente no município de Caraúbas.

⁶⁴ Gerônimo Dantas era o pároco do município de Caraúbas até o dia 20 de janeiro do ano de 2011, dia de encerramento da festa anual em homenagem a São Sebastião. Desde então, o cargo passou a ser ocupado pelo padre Francisco das Chagas Neto.

celebração é conhecida no referido município como a “Missa dos caboclos”, como conta Miquéias da Costa Sales, colaborador da paróquia de São Sebastião em Caraúbas:

A missa das 10 horas do dia, de todo sábado, um ponto interessante, todo sábado tem a missa das dez, que é chamada a “missa dos caboclos”, aqui na Igreja Matriz, que é conhecida como a missa dos caboclos, porque todos eles vêm pra feira e vêm principalmente para a missa. (Miquéias da Costa Sales)

É provável que a iniciativa da paróquia de São Sebastião de estabelecer uma missa aos sábados dedicada aos ‘caboclos’, tenha surgido não apenas pelo fato desses últimos estarem no município nesse dia, mas também porque os mesmos mantiveram o hábito de ir à igreja quando estão em Caraúbas, seja para rezar para São Sebastião ou “entregar” seus parentes já falecidos aos pés do santo, como afirmou padre Gerônimo Dantas Pereira:

Eles (referindo-se aos mirandenses) participam todos os sábados ativamente, desde o fato de colocar as intenções para a Santa Missa, pra os fiéis defuntos, no ‘memento dos mortos’⁶⁵, como na própria missa às 10 horas. Já é tradição mesmo a missa, chama a ‘missa dos caboclos’, então eles vêm e participam. (Gerônimo Dantas Pereira)

Os “caboclos” também têm o hábito de realizar oferendas a São Sebastião, que consistem no ato de colocar moedas no cofre ou nos pés da imagem trazida de Pernambuco, como revela mais uma vez o padre Gerônimo Dantas Pereira, na época pároco da Igreja Matriz de São Sebastião:

Na missa aos sábados, os caboclos têm que botar a oferta deles. É tanto que na igreja de São Sebastião era cheio de cofres nas paredes, mas foram retirados e o de São Sebastião teve que ficar. E a devoção maior ainda é botar o dinheiro nos pés do santo. Ir à igreja e não botar um centavo nos pés de São Sebastião é como se fosse um pecado para eles. Eles têm que levar a chamada esmola deles. (Miquéias da Costa Sales)

Tanto o padre Gerônimo Dantas quanto o senhor Miquéias da Costa Sales ressaltaram que a maior participação dos mirandenses junto à paróquia de São Sebastião se dá aos sábados na missa e durante os festejos realizados em homenagem ao referido santo, tema esse que será analisado ao longo desse capítulo de nosso trabalho. Para o momento, cabe demonstrar que a devoção dos mirandenses em torno de São Sebastião, bem como

⁶⁵ “Cada uma das duas preces do cânone da missa que começam por meio dessa palavra e por meio das quais o sacerdote faz que sejam lembrados os vivos ou os mortos, em cujas intenções as preces são feitas.” (Fonte: Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Editora Objetiva LTDA, 2001)

suas idas ao município de Caraúbas, seja para a feira livre ou para a missa, têm se constituído enquanto fatores de aproximação entre mirandenses e caraubenses.

No entanto, temos observado que nem sempre as relações estabelecidas entre os habitantes de Mirandas e os habitantes do município de Caraúbas se dão de forma amistosa e cordial. Ao longo da pesquisa percebemos que nos momentos de maior contato entre os habitantes dos dois grupos, eles demarcam territórios, posições e reafirmam as distinções existentes entre eles, tanto que para alguns mirandenses a cidade ainda lhes aparece como “estranha”, apesar de tão familiar e próxima, fazendo com que os mesmos se limitem a circular apenas em certos lugares da cidade. Entre esses, o Mercado Público do município e a ‘mercearia’ do senhor Sebastião Gurgel de Paiva, mais conhecido pelos mirandenses como Tião, um estabelecimento comercial onde é possível encontrar desde rações para animais a utensílios para o lar e gêneros alimentícios. A movimentação dos mirandenses junto a essa mercearia se tornou tão usual que a mesma é conhecida entre os habitantes do município de Caraúbas como a ‘mercearia dos caboclos’⁶⁶.

Do mesmo modo ocorre com mirandenses que optaram por viver na cidade de Caraúbas. Esses últimos fizeram a opção de residir, sobretudo, no bairro nominado Leandro Bezerra, já que os imóveis do referido bairro são mais baratos. Além disso, é nesse bairro que reside boa parte daqueles que um dia saíram de Mirandas, seus familiares, amigos ou conhecidos, sendo, portanto um lugar onde facilmente é possível encontrar um referencial social.

Quem melhor nos explicou acerca da preferência dos mirandenses pelo bairro Leandro Bezerra, bem como dos motivos que vêm ocasionando a migração dos mesmos para o município de Caraúbas foi a senhora Maria José da Conceição, que há dois anos reside no bairro Leandro Bezerra com seu esposo, sua filha e um de seus irmãos:

Assim, o povo sem condição aí já compra uma casinha aqui que é mais barato, prá aculá (apontando na direção do centro da cidade) é mais caro as casas. Aí também já tinha parente nosso morando aqui né, ai foi ficando mais fácil (...). Eu já to com dois anos que eu tô aqui. Eu acho melhor aqui porque quando minha filha tá com dor de cabeça, que ela tem 22 anos, eu só tenho uma filha mulher, ela tem depressão num sabe? Ai quando ela tem dor de cabeça já dá pra ir a pé pro hospital, nas Mirandas tinha que ser carro fretado, o dinheiro pouco. A vida lá era plantar na agricultura. Ai minha filha se dá melhor aqui, aqui é melhor pra

⁶⁶ É provável que a predileção dos mirandenses por essa mercearia se deva ao fato do senhor “Tião” vir estabelecendo relações cordiais com os mirandenses, já que o mesmo nos informou que há muito tempo tem os mirandenses como clientes e que: “eles já se acostumaram a comprar aqui, porque me conhecem, a gente prosa muito aqui.” (Sebastião Gurgel de Paiva)

ela. Porque se não eu ainda tava lá, porque meu esposo é de lá, minha família é de lá. (Maria José da Conceição)

Como é possível observar na fala acima, os mirandenses que mudaram suas residências para a cidade de Caraúbas se encontram atualmente, em bom número, no bairro Leandro Bezerra, não apenas por ser um lugar mais barato para morar, mas também por encontrarem aí o conforto de terem contato com parentes e amigos.

Todavia, o fato de existir na cidade de Caraúbas um bairro e uma mercearia notadamente freqüentados por mirandenses, além de uma missa para os “caboclos”, revela que existem fronteiras claramente demarcadas pelos habitantes dos dois grupos, lugares que parecem apontar para uma possível separação entre os habitantes da cidade e os habitantes oriundos do campo, no caso os mirandenses.

Do ponto de vista analítico, entendemos que essa separação entre caraubenses e mirandenses parece trazer consigo duas possibilidades interpretativas. A primeira delas parece indicar que os “novos” usuários da cidade, no caso os mirandenses, aqueles que não “*dominam todos os códigos*”, conseguiram “*criar algum lugar de aconchego*” (MAYOL, 1996, p.39) no município de Caraúbas, onde eles podem encontrar seus “pares”, conversar e fortalecer os laços existentes entre eles. Nesse sentido, tanto a “mercearia dos caboclos” como o bairro Leandro Bezerra podem ser analisados aqui enquanto lugares escolhidos pelos mirandenses para se “protegerem” de tudo o que lhes causa estranheza. Ao mesmo tempo em que servem como uma espécie de “pedaço”, tal como o definiu Magnani (2008), um lugar onde os ‘caboclos’ podem fortalecer suas identidades.

Uma segunda possibilidade é a de que os dois lugares mencionados acima, bem como a separação que os mesmos parecem possibilitar, podem ser analisados enquanto exemplos de refúgio à discriminação social imposta pelos caraubenses e/ou ainda como uma alternativa encontrada pelos mirandenses para se ‘protegerem’ do estigma⁶⁷ que a identidade cabocla tem vivenciado ao longo das décadas no município de Caraúbas. Isso porque conhecemos relatos de que no passado as relações entre os habitantes dos dois grupos eram notadamente marcadas pelo preconceito, pela idéia de que o caboclo era ‘ignorante’, ‘arredio’ e na pior das possibilidades, ‘não-civilizado’, sendo, portanto, considerado um “outsider”, tal como definido por Howard Becker (2008).

A fala do senhor Sebastião Gurgel de Paiva, proprietário da “mercearia dos caboclos” nos ajuda a conhecer um pouco mais sobre as formas de relações estabelecidas

⁶⁷ A esse respeito ver (GOFFMAN, 1988).

entre os habitantes das duas localidades, bem como das visões que se estabeleceram em torno dos habitantes de Mirandas:

Antes tinha muito preconceito com o pessoal das Mirandas, logo antigamente era muito complicado lidar com esse pessoal. Mas agora não, a coisa tá mais ‘vulnerada’, eles tão mais ‘civilizados’. A maioria não sabia nem como eram as coisas, num conhecia dinheiro, assim, não tinha iniciativa nenhuma do que era a vida. (Sebastião Gurgel de Paiva)

E a idéia do preconceito é apontada também pela senhora Antônia Josefa da Conceição, mirandense e professora do município de Caraúbas, com atuação em Mirandas:

Eu ouço dizer que antes quando os caboclos chegava em Caraúbas era até apedrejado né, os caboclo num sabia falar, num sabia fazer nada, era muito discriminado. Eu ouvia dizer que era desse jeito, agora no meu tempo já era bem diferente né (...). E meu pai dizia assim, que num tinha quem quisesse conversar com os caboclos, que eles não sabiam de nada. A conversa era essa, que caboclo não aprendia nada, num sabia de nada, povo ignorante. Também a realidade é essa, nesse tempo os caboclos era muito ignorante, tudo era porque mangava, era porque, outros, quando vinha o pessoal que tava em casa fechava a porta, também tinha essas coisas. Até porque os caboclo era criado, os homens ainda ia pra feira, mulher não, num saía, porque quando era moça num saía porque não podia, quando casava num ia sair porque não ia possuir uma mulher pra viver andando. A realidade era essa, hoje ainda tem algum que é desse jeito, mas é mais difícil. (Antônia Josefa da Conceição)

Como demonstrou o depoimento acima, os ‘caboclos’ tornavam-se alvo de preconceito pelos caraubenses pelo fato de não terem acesso aos estudos, por serem vistos como “ignorantes” e ainda por viverem relativamente isolados em Mirandas, fatores que provavelmente dificultaram em outros tempos a interação entre os habitantes de Mirandas e de Caraúbas. Senão, vejamos o que os mesmos informantes mencionados acima afirmaram aos serem indagados acerca da possibilidade de um caraubense interagir afetivamente com uma mirandense ou vice-versa:

Era muito difícil uma pessoa daqui das Mirandas namorar alguém de Caraúbas. Às vezes acontecia porque tem família que nunca faz questão né, mas era muito difícil, precisava eles namorar escondido pra o pai nunca sonhar porque se sonhasse tirava a moça, num deixava mais sair de casa. Tinha que namorar caboclo com caboclo. Ainda hoje tem desses que não quer que as filhas namorem com outra pessoa, há não ser um caboclo. Tem muito essas coisas que eles não querem. (Antônia Josefa da Conceição)

Namorar até que eu acho que um daqui (referindo-se ao município de Caraúbas) namora com uma mulher lá das Mirandas, casar é que ninguém sabe né? Logo, eles sabem que elas são muito ‘assanhadas’, muito ‘fertilizadas’. (Sebastião Gurgel de Paiva)

Além desses depoimentos, parece relevante mencionar um fato que recentemente causou indignação com um habitante de Mirandas, o senhor Nazário Fernandes. O mesmo, teria ido ao município de Caraúbas, mais especificamente à empresa encarregada do abastecimento de água, com o objetivo de reclamar e ao mesmo tempo buscar informações acerca da recorrente falta de água em Mirandas. Chegando ao estabelecimento, foi recebido de forma pouco gentil por um funcionário, que afirmara: *“É lá das Mirandas é? Lá vem vocês de novo, eu não tenho o que conversar com você não”*. Diante desse fato, o informante nos revelou que saiu do estabelecimento sem sequer ter mencionado o que teria ido fazer lá e que depois de ter caminhado algumas ruas e refletido acerca do ocorrido, se sentindo desrespeitado resolveu voltar ao referido órgão. Ao retornar, teria *“dado um murro”* na mesa e dito: *“Agora vocês podem dizer que eu sou ignorante, que o povo das Mirandas é ignorante”*.

4.3- Relações com o sagrado: São José e São Sebastião

“(…) Os santos do catolicismo popular representam a moralidade, o que é legitimado, as obrigações entre indivíduos e grupos que são socialmente reconhecidas e aprovadas, a manutenção das posições relativas desses indivíduos e grupos, a tradição. (ZALUAR, 1983, p.123)

Como podemos observar ao longo desse capítulo de nosso trabalho, as relações sociais estabelecidas entre os habitantes de Mirandas e os habitantes do município de Caraúbas parecem estar marcadas por um sentimento de hostilidade, o que contrasta com o sentido de unidade que os dois grupos tentam trazer para si diante da problemática colocada pelo recenseamento do IBGE, referente ao ano de 2000.

Para além das idéias preconcebidas criadas em torno da figura do ‘caboclo’, que terminam acarretando dificuldades no convívio entre os habitantes de Mirandas e do município de Caraúbas, tivemos acesso a relatos que parecem indicar que as tensões latentes entre os habitantes desses dois grupos assumiram maiores proporções e tronaram-se mais evidentes no passado. Mais especificamente numa possível disputa em torno da imagem de São Sebastião trazida para Caraúbas por Leandro Bezerra Cavalcanti, a quem a historiografia atribui a fundação do referido município⁶⁸.

⁶⁸ Como mencionamos no primeiro capítulo de nosso trabalho, por volta do ano de 1791 a região que compreende o município de Caraúbas foi assolada por uma forte seca, que teria dificultado a vida na

Segundo relatos de mirandenses e caraubenses, por volta da década de 1980 os habitantes de Mirandas e o sacerdote encarregado na época da Igreja Matriz do município de Caraúbas, conhecido como padre Lourenço⁶⁹, deram início à construção de uma capela em Mirandas. A origem dos recursos disponibilizados para a construção dessa capela bem como a solidariedade estabelecida entre os mirandenses durante a edificação da mesma se tornou mais evidente na fala do senhor Manuel Auspício Bezerra Magro⁷⁰, que participou da construção do referido templo religioso, como podemos observar na fala que segue:

Nós construímos a capela com uma ajuda que veio da Holanda, padre Lourenço trouxe. Nós da comunidade ajudamos carregando tijolo em carroça, em trator, em tudo no mundo. Isso com a ajuda que veio da Holanda (...). Eu num lembro bem o ano, mas foi na década de 80, eu tenho certeza que foi na década de 80. (Manuel Auspício Bezerra Magro)

Depois de construída a capela, a história oral aponta que os mirandenses desejaram levar de Caraúbas para Mirandas a imagem de São Sebastião trazida do Engenho Muribeca, justificando que como lá habitavam os “verdadeiros” donos da imagem, aqueles que no passado trouxeram-na para Caraúbas, a mesma deveria ficar entre eles, em Mirandas. Como era de se esperar, esse ensejo por parte dos mirandenses gerou insatisfação entre os caraubenses, que já estavam habituados a realizar cerimônias e festejos religiosos em torno dessa imagem de São Sebastião.

Tentando conciliar essa disputa em torno da imagem de São Sebastião, (que nessa época já era considerado o santo padroeiro do município de Caraúbas e o ‘santo protetor’ dos ‘caboclos’ de Mirandas), padre Lourenço teria sugerido aos mirandenses que a imagem de São Sebastião permanecesse na Igreja Matriz de Caraúbas. Em troca, o sacerdote “sugeriu” que os mirandenses, que sempre viam suas plantações castigadas pelos longos períodos de estiagem, ganhariam uma imagem para homenagear São José, o santo da chuva.

localidade. Diante desse fato, Leandro Bezerra Cavalcante, genro de Francisco de Souza Falcão, teria prometido a São Sebastião que se chovesse construiria uma capela em sua homenagem, como de fato ocorreria. Depois de construída a capela, a família portuguesa teria trazido do Engenho Muribeca, atual estado de Sergipe, uma imagem do referido santo, imagem essa que ainda hoje compõe o altar da Igreja Matriz do município de Caraúbas.

⁶⁹ O mesmo é comumente mencionado tanto em Mirandas quanto no município de Caraúbas pelas benfeitorias realizadas junto aos grupos rurais ligados ao município de Caraúbas, como é o caso de Mirandas. Segundo relatos dos mirandenses, com a ajuda de padre Lourenço eles conseguiram construir um cacimão, várias moradias e a Capela de São José. Essa última, ainda segundo relatos, teria sido construída com recursos vindos da Holanda, país de origem do referido sacerdote.

⁷⁰ Um dos primeiros habitantes de Mirandas, falecido no ano de 2006.

Diante dessa proposição colocada pelo padre Lourenço, São José passou a ser o padroeiro de Mirandas, sem que, no entanto, os mirandenses deixassem de ser os ‘donos’ da imagem de São Sebastião supostamente doada ao município de Caraúbas pela família do senhor Francisco de Souza Falcão. Uma moradora de Mirandas e atualmente uma das organizadoras da festa de São José na localidade, a senhora Maria de Lourdes da Silva, nos relatou como se deu a disputa e conciliação em torno da imagem de São Sebastião, bem como a ‘sugestão’ do padre Lourenço em torno de São José:

Era o povo queria, a gente queria (referindo-se ao fato dos mirandenses quererem levar São Sebastião para Mirandas), assim no caso. É errado porque ela é da igreja de lá de Caraúbas. Mas isso era no tempo de Antônio Júlio, no tempo dos caboclos mais velhos mesmo num sabe, que tem esse mercado que é o nome dele. É assim no caso, eram os dois São Sebastião né, como chamava: ‘Olhe, leve a imagem de São Sebastião veia, grande, prá Mirandas, pra igreja de Mirandas’. Aí foi ele dizia, padre Lourenço dizia: ‘não pode levar por causa da diocese, porque se aquele São Sebastião foi prá aquela Matriz ela tem que ficar lá.’ Ah mulher, tem muitos anos que fundou Caraúbas, aí como é que podia trazer? Ai disse: ‘ah porque ela é dos caboclos’. Aí padre Lourenço disse no caso: ‘Pois então a Matriz é dos caboclos, porque São Sebastião é da matriz. A matriz é dos caboclos e vamos supor que os caboclos têm as duas casas’. O povo falava assim, aí ninguém conseguiu levar, aí ninguém conseguiu né, ficou São José, mas eles queriam. (Maria de Lourdes da Silva)

Esse discurso acerca da aspiração dos mirandenses em levar a imagem de São Sebastião para Mirandas é conhecido também entre os habitantes de Caraúbas, como nos informou o senhor Miquéias da Costa Sales:

Na verdade, o que os caboclos queriam era levar São Sebastião pra lá pra Mirandas, porque como eles se concentravam lá, eles queriam que a imagem ficasse lá. Não teve confusão porque o padre da época apaziguou né. (Miquéias da Costa Sales) (Grifos da pesquisadora)

E um segundo informante, o senhor Deusdete Fernandes Pimenta, também residente no município de Caraúbas, expõe sua opinião acerca do desejo dos mirandenses de levarem a imagem para Mirandas:

E eu era de acordo eles levarem. Se eu mandasse na igreja eu entregaria o santo a eles, porque foi doado por eles né? Ai Mirandas é um distrito dos ‘caboclo’, foi fundada pelos caboclos. As Mirandas não teve intervenção de ninguém na fundação, a não ser dos caboclos. (Deusdete Fernandes Pimenta)

Como podemos observar, este último informante assume uma posição claramente favorável ao pleito dos caboclos. O fato é que apesar da diversidade de opiniões e anseios,

e mesmo que essa não tenha sido a vontade de todos os mirandenses, atualmente São José é considerado o padroeiro de Mirandas. Assim, todos os anos o referido santo recebe homenagens no dia 19 de março, embora nem todos os mirandenses participem ativamente dos rituais e nem sempre esse seja um dia chuvoso para os habitantes do semi-árido nordestino, como teria intencionado o padre Lourenço ao sugerir a substituição da imagem de São Sebastião por uma de São José.

Abaixo, uma foto da capela de São José em Mirandas:



Foto Nº17: Capela de São José em Mirandas, setembro de 2010.
(Fonte: acervo da pesquisadora).

A moradora de Mirandas responsável pela manutenção da capela de São José, a senhora Maria de Fátima, nos relatou como teria sido a procissão de São José na localidade no ano de 2010: *“Foi bem fraquinha mesmo, até os cantos mesmo não teve porque num tinha quem cantasse, foi a banda⁷¹ que fez a procissão, um abandono grande. Ai depois da festa a gente fez a celebração, só tinha 8 pessoas”*. (Maria de Fátima)

Pode-se perceber que a imagem de São José pode ser pensada enquanto um dos “símbolos” das tensões existentes entre mirandenses e caraubenses, já que eles *“instigam a ação social”*, mais especificamente como “símbolos culturais”, que funcionam como “o

⁷¹ A interlocutora está se referindo a Banda de Música do município de Caraúbas, “Maestro Joaquim Amâncio”, que geralmente é convidada pelos mirandenses para tocar no encerramento da festa de São José, no dia 19 de março.

sustentáculo de processos que envolvem mudanças temporais nas relações sociais” (TURNER, 2008, p.49).

Enquanto isso, São Sebastião continua inspirando fé e devoção tanto para os habitantes de Caraúbas quanto de Mirandas. A esse respeito, vale acrescentar que atualmente existem duas imagens de São Sebastião na Igreja Matriz de Caraúbas, a que supostamente foi trazida pela família de Francisco de Souza Falcão, e outra vinda da França, mais recente “(...) *de tamanho natural, extremamente linda, verdadeira criação de arte sacra.*” (CARVALHO, 1964, p.24). No entanto, somente a imagem trazida de Pernambuco é venerada pelos caboclos mirandenses, tanto que o informante caraubense Miquéias da Costa Sales nos afirmou que:

Aconteça tudo com os caboclos, menos bulir com a imagem de São Sebastião, porque no outro dia a guerra é grande, eles vão atrás onde ela estiver. Se eles souberem que um dia por ventura a imagem de São Sebastião sumiu da matriz a revolta dentro do município é grande. (Miquéias da Costa Sales)

A centralidade dessa imagem faz com que somente ela possa ser transportada no andar da procissão de encerramento da festa de São Sebastião, como é possível observar na fala que se segue:

Houve um ano, relatos de pessoas mais antigas, que essa imagem que fica no nicho mais central da igreja (referindo-se a imagem de origem francesa), no altar mor, foi colocada na procissão do dia 20. Quando os caboclos viram que não era a imagem deles, como eles dizem né, nenhum foi para a procissão, ficaram aqui rezando para a imagem deles e não foram para a procissão com a outra imagem. Porque a deles é a imagem que Leandro Bezerra trouxe. (Miquéias da Costa Sales)

Para José Nunes Cabral de Carvalho (1964) essa não aceitação dos mirandenses em relação à imagem trazida da França, conhecida como ‘São Sebastião, o novo’, deve-se ao fato de que num ano o qual o autor não revela:

(...) O padre fez a procissão com o ‘novo santo’. Nesse ano não choveu. O murmúrio foi muito grande contra a mudança. Nos três anos seguintes, saiu o ‘santo velho’. Três anos de grandes invernos. Volta o padre a insistir na procissão com o ‘santo novo’. Não choveu. (CARVALHO, 1964, p.24)

No entanto, o padre Gerônimo Dantas Pereira apontou uma segunda versão, que parece querer indicar uma ausência de conflitos:

O fato deles não conduzirem e também não retirarem a imagem francesa do altar é porque eles temem, tem um comentário que a própria peste, então eles fizeram a promessa de que se a peste não acometesse a cidade de Caraúbas nunca tirariam a imagem lá do altar mor. (Gerônimo Dantas Pereira)

Para além das possibilidades apresentadas acima, percebemos que a imagem ‘velha’ de São Sebastião é a preferida dos mirandenses não somente porque é a mais antiga ou porque outrora trouxe chuva para os habitantes de Caraúbas e de Mirandas. No fundo, além da fé religiosa e da ligação com o sagrado que a imagem do santo faz emergir, o São Sebastião “velho” simboliza o processo de surgimento dos “caboclos de Caraúbas” e a unidade original dos dois grupos, hoje distintos.

Assim, esta imagem provavelmente tem uma predileção junto aos “caboclos” também em decorrência do fato de ser reconhecida como a dos “seus”, podendo, portanto representar uma possibilidade de demonstrar aos caraubenses quem são os seus “verdadeiros” donos, e analogamente, os “verdadeiros” donos da memória e do passado coletivo dos dois grupos (Mirandas e Caraúbas).

Assim, a imagem de São Sebastião, o ‘velho’, pode resgatar uma visão enobrecedora da figura do “caboclo”, àquele que no passado teria fundado o município de Caraúbas, construído uma igreja em honra a São Sebastião e trazido uma imagem para ali ser venerada todos os anos. Essa visão muitas vezes se encontra encoberta (mas nem por isso ausente) pelo estigma que a identidade cabocla vivencia cotidianamente junto a outros grupos, sobretudo os caraubenses.

O sentido que os mirandenses tentam atribuir à imagem de São Sebastião ‘velho’ parece demonstrar bem o fato dos símbolos guardarem “*sempre certa ambigüidade*” e poderem “*ser manipulados com fins de legitimar o status*” (ZALUAR, 1983, p.34). Aqui se revela a força dos sentimentos coletivos, que parece encontrar na imagem antiga elementos que testemunham a concretude da própria história que fez surgir os “caboclos de Caraúbas”. Logo, a imagem de São Sebastião trazida para o município de Caraúbas por Leandro Bezerra Cavalcante é a sua cristalização mais evidente e de profundo alcance simbólico, pois exprime uma identidade que caboclos e caraubenses estão construindo ao longo das décadas, embora cada um dos grupos reverencie e atribua sentidos distintos a essa identidade, vivida e sentida coletivamente.

Abaixo, uma foto da imagem de São Sebastião, o “novo”, atualmente colocada no nicho central do altar da Igreja Matriz de Caraúbas:

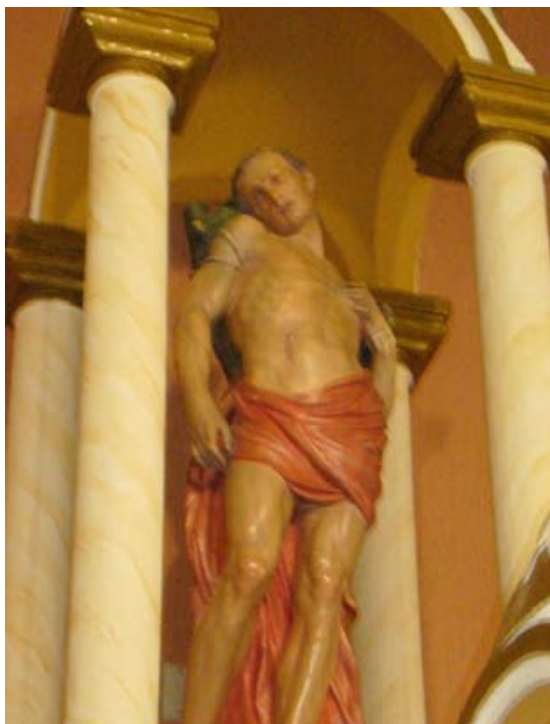


Foto Nº18: Imagem de São Sebastião de origem Francesa, janeiro de 2010. (Fonte: acervo da autora)

E da imagem trazida do Engenho Muribeca, o ‘São Sebastião Pequenino’, o ‘velho’:



Foto Nº19: Imagem de São Sebastião de origem Pernambucana, janeiro de 2010. (Fonte: acervo da autora)

Como é possível observar na foto acima, a imagem de São Sebastião, ‘o velho’, possui os cabelos longos e cacheados. Segundo o padre Gerônimo Dantas Pereira essa obra foi produzida à imagem dos caboclos, como podemos observar na fala abaixo:

Aqui nós temos a imagem deles, a própria imagem de São Sebastião foi confeccionada por eles, por eles mesmo, que tem um semblante mesmo assim de caboclo. Ela é diferente das outras imagens que nós encontramos em outras igrejas, o cabelo negro, grosso, a gente percebe o estilo, a face arredondada. É semelhante aos caboclos. (Gerônimo Dantas Pereira)

4.4- Festa de São Sebastião: palco de tensões e (re) afirmação identitária

Nesse sub-capítulo apresentaremos a festa anual de São Sebastião, o santo considerado padroeiro do município de Caraúbas e “protetor dos caboclos”. A referida festa ocorre no município de Caraúbas entre os dias 10 e 20 do mês de janeiro e constitui-se como o principal evento sócio-religioso não apenas do município de Caraúbas, mas também das localidades vizinhas, como é o caso de Mirandas.

Durante os dez dias de festa podemos perceber que a cidade de Caraúbas ganha um ritmo diferente do habitual, tanto pelo aumento do número de pessoas circulando pela cidade, quanto pelo envolvimento de muitos caraubenses junto à paróquia de São Sebastião. No entanto, as atividades referentes à festa têm início ainda por volta do mês de novembro, quando a imagem de São Sebastião começa a visitar as residências localizadas tanto na sede do município de Caraúbas quanto nas zonas rurais. Todavia, a imagem que é levada nessa peregrinação não é a imagem trazida do Engenho Muribeca, mas sim uma réplica dela.

Um relato acerca da construção dessa réplica e de sua aceitação junto aos mirandenses nos foi ofertado pelo padre Gerônimo Dantas Pereira:

Agora quando eu cheguei em 2008 nós íamos celebrar os 150 anos da paróquia e como a imagem dos caboclos percorria todos os bairros, as comunidades rurais, as capelas, as famílias, principalmente as famílias que têm pessoas idosas ou enfermas, a imagem vai até a residência dessa pessoa, ou à comunidade rural. Então todos os anos ela tinha que passar por uma restauração, então eu sugeri para a comunidade e também para os caboclos, que ajudaram muito, que nós fizemos uma réplica e essa réplica hoje é que faz a peregrinação durante os três meses e ela está no nicho lá no santuário. Ela visita as comunidades e a outra, a original dos caboclos, ela sai no dia 20. Graças a Deus eles aceitaram numa boa. (Gerônimo Dantas Pereira)

Apesar dos “caboclos” terem ajudado e consentido com a construção de uma nova imagem de São Sebastião, a mesma não tem visitado os mirandenses nos últimos anos, fato esse que tem gerado insatisfação entre eles, que nem mesmo sabem informar o porquê dessa ausência. Do mesmo modo ocorre com os colaboradores da paróquia de São Sebastião em Caraúbas, que não souberam, ou não quiseram nos informar acerca do fato mencionado acima, revelando apenas que: *“eu acho que é porque eles (referindo-se aos mirandenses) não pagam o dízimo”*. (Miquéias da Costa Sales)

Todavia, a fé e devoção em São Sebastião impulsionam a ida dos mirandenses ao município de Caraúbas, tanto que a festa de São Sebastião tem se constituído como o momento de maior aproximação entre os primeiros e os habitantes do município de Caraúbas. A realização e organização do evento mobilizam habitantes dos dois grupos, desde o período que antecede a festa até a procissão de encerramento, no dia 20 de janeiro. Logo, a noção de festa que aqui fazemos menção reforça a noção apresentada por Prado (1977), que analisando o domínio das festas camponesas assevera que a festa *“(...) é o tempo em que o distante vira próximo tanto no sentido espacial quanto no humano”*, podendo *“reavivar laços antigos”* e também produzir *“novas alianças”*. (PRADO, 1977, p.83)

Ao longo do nosso mestrado, tivemos a oportunidade de participar e observar as festas do padroeiro no município de Caraúbas realizadas nos anos de 2010 e de 2011. Nessas ocasiões, pudemos perceber que durante os dez dias festivos torna-se comum e, ao mesmo tempo esperado, encontrar algum mirandenses no município, sobretudo no dia 20 de janeiro, dia da procissão de São Sebastião. A esse respeito, vale lembrar que esse fato parece estar intrínseco ao momento festivo, marcado por uma ruptura com a normalidade ou com o que habitualmente observamos na cidade de Caraúbas, onde os habitantes de Mirandas restringem seus espaços de freqüência ao Mercado Público, à mercearia do senhor Sebastião Gurgel de Paiva, à Igreja Matriz e ao bairro Leandro Bezerra, como mencionamos anteriormente.

Percebe-se ainda que o evento festivo traz consigo uma nova visão dos mirandenses. Isso porque durante os festejos em homenagem ao santo considerado padroeiro da cidade, os caraubenses demonstram reconhecer e, ao mesmo tempo legitimar positivamente a identidade vivenciada pelos habitantes de Mirandas. Durante os dez dias de festa essa identidade é comumente exaltada/celebrada, tanto que sua programação inclui uma diversidade de cerimônias profanas e religiosas voltadas aos mirandenses.

Entre essas últimas, cabe-nos destacar a novena⁷² comumente realizada no dia 18 de janeiro. Essa, ao longo dos anos vem homenageando a “Família Cabocla”, que participa ativamente do ritual, tanto através dos cantos e leituras religiosas, quanto do ponto de vista financeiro, já que é de bom grado que os “noiteiros” contribuam com os ônus da noite⁷³. Em parte, essa homenagem prestada aos “caboclos” através da novena ajuda a entender que o santo não vai até Mirandas porque é esperado pelos caraubenses que os mirandenses venham ao encontro do seu santo, que eles anualmente se deslocam até a cidade, caso queiram prestar reverência ao santo tido como protetor do grupo. Na verdade, a exaltação da identidade “cabocla” durante o evento festivo funciona como uma “compensação” pelo fato dos caraubenses terem se apropriado da imagem de São Sebastião. Por isso, os caraubenses festejam a vinda dos mirandenses e encenam uma uniformidade social que não pode ser observada no cotidiano do município. Essa uniformidade social é claramente percebida nos discursos correntes durante a festa, bem como no roteiro para a procissão do ano de 2010, onde se lia:

(...) Graças a fé de Leandro Bezerra na interseção do glorioso Mártir São Sebastião nossa comunidade começa a surgir, pois foi em volta da antiga capela que vieram morar os nossos queridos ‘caboclos’, dando origem assim ao nosso querido município.

Além a novena mencionada acima, a programação da festa de São Sebastião inclui ainda um leilão conhecido como o “Leilão dos caboclos”. Durante esse evento, pudemos perceber que são leiloados, tanto entre mirandenses quanto caraubenses, artigos que variam desde um animal, geralmente um cabrito ou um bezerro, a uma ave e um pote de doce de caju. Vale ressaltar ainda que a maioria dos itens comercializados durante o leilão é doada pelos mirandenses e o mesmo vem sendo organizado por um “caboclo”, o senhor Francisco Hueliton do Nascimento, que atualmente reside no município de Caraúbas e foi presidente da festa de São Sebastião no ano de 2010.

Abaixo, o relato do padre Gerônimo Dantas Pereira sobre o leilão dos ‘caboclos’ e o destino dado à verba adquirida no referido comércio:

⁷² Cerimônia religiosa cuja função é a de “preparar espiritualmente os fiéis para o culto ao santo”, mas que “apresenta já há bastante tempo outro aspecto, qual seja o de desdobrar a festa do dia em outras tantas festas” (PRADO, 1977, p.51)

⁷³ Ver programação da festa de São Sebastião realizada no ano de 2010 no Anexo 3 de nosso trabalho.

O leilão da família cabocla acontece com toda a família mesmo, crianças, tudo. É um leilão grande, tudo que é de prendas que eles (os “caboclos”) possam conseguir, que eles podem oferecer pra o santo, e ainda mais depois que diz que é pra São Sebastião, eles ajudam mesmo, ajudam muito. É todo o recurso é para a paróquia. (Padre Gerônimo Dantas Pereira)

Esse leilão, bem como toda a programação profana ligada a festa de São Sebastião, ocorre numa região mais afastada da Igreja Matriz de Caraúbas, conhecida como a Praça de Eventos, localizada no bairro Leandro Bezerra. Nesse lugar o visitante tem acesso a uma ampla programação laica, que inclui o parque de diversões e as festas dançantes, geralmente embaladas por grupos musicais conhecidos nacionalmente, como Banda Calypso e Aviões do forró.

Diante dos eventos e cerimônias mencionadas acima, bem como do enfoque que a programação da festa de São Sebastião tem dado aos membros da “família cabocla”, entendemos que a festa do padroeiro de Caraúbas pode ser pensada enquanto um momento de legitimação e (re) afirmação da identidade vivenciada pelos habitantes de Mirandas, na medida em que tal identidade é reconhecida, sobretudo pelos caraubenses, que lhe dão notoriedade e deferência nesse momento.

Apesar do caráter conciliador e aglutinador que a festa de São Sebastião parece trazer às relações estabelecidas entre mirandenses e caraubenses, podemos perceber que esse evento não apaga ou extingue as tensões sociais latentes entre mirandenses e caraubenses, e que:

Longe de abolir, inverter ou apagar as hierarquias sociais, o período festivo revela como essas distâncias são recuperadas e reorganizadas em um conjunto pertinente, que ritualiza e recria as distinções sociais cotidianas. (CHIANCA, 2007, p.45)

Logo, a festa de São Sebastião em Caraúbas pode ser analisada enquanto momento de reorganização das distinções e tensões existentes entre mirandenses e caraubenses, na medida em que aparece como fonte de reivindicação e protesto pelos primeiros. Isso porque durante a procissão de encerramento da festa, no dia 20 de janeiro, os mirandenses, respaldados por um passado histórico, reivindicam para si o status de “donos da festa”, do lugar e da imagem trazida de Pernambuco, que só pode ser conduzida sob seus ombros, regra respeitada pelos caraubenses. Vejamos o que o colaborador da Paróquia de São Sebastião fala a esse respeito:

Olha, se você quiser comprar uma briga feroz, você fale pelo menos a eles (se referindo aos mirandenses) que São Sebastião vai em cima de um carro na procissão, você arruma uma mal querência pro resto da vida. Eles não aceitam de jeito nenhum que a imagem vá num carro ou em qualquer coisa. Na procissão dos motoristas tudo bem, mas na procissão de São Sebastião não, o caboclo que tem que levar. E quem não é caboclo imita né, imita a tradição cabocla, porque todo mundo quer levar. (Miquéias da Costa Sales)

E o padre Gerônimo Dantas Pereira complementa:

E sempre, sempre a imagem sendo conduzida nos ombros dos caboclos, eles não aceitam, não admitem de forma alguma ser conduzida em carro, em veículos, tem que ser nos ombros mesmo. E eles conduzem com toda alegria mesmo e com todo fervor, tanto que na última festa (referindo-se a festa ocorrida no ano de 2010) nós tivemos assim um grande temporal, um temporal mesmo torrencial, e eles sempre conduzindo a imagem, muita fé mesmo. Teve um momento que eu até falei assim, algumas pessoas sempre se esquivam né, na chuva, tem medo de se molhar, aquela coisa toda. Mas eu até conversando com alguns eu disse: ‘quem tem fé vai comigo conduzir a imagem.’ Então eles foram saindo aqui das dependências da casa paroquial, da igreja, do centro de inclusão aqui, da garagem. Então, o percurso todo debaixo de chuva e eles levando a imagem. (Gerônimo Dantas Pereira)

Na ocasião mencionada pelo interlocutor acima, os membros do grupo “caboclo” começaram a chegar à Igreja Matriz de São Sebastião por volta das 15 horas, quando muitas das moradias e prédios comerciais caraubenses já estavam devidamente ornamentados para homenagear o santo padroeiro do município. Enquanto isso, o andor com a imagem de São Sebastião estava sendo adornado no santuário do município de Caraúbas, de onde seria levado em veículo motorizado à Igreja Matriz de Caraúbas. No entanto, tanto o padre Gerônimo como Miquéias nos informaram que os “caboclos” foram informados anteriormente de que a imagem seria levada do santuário para a Igreja Matriz em veículo motorizado, mas que ao chegar à igreja seria colocada em seus ombros. Como ambos os informantes afirmaram, para “evitar qualquer confusão”.

Por volta das 16 horas os responsáveis pela organização da festa e da procissão de São Sebastião deram início aos rituais que antecederiam a procissão propriamente dita, embora naquele dia chovesse forte. Inicialmente, foi chamada para compor a frente da procissão a equipe de liturgia, os coroinhas, os representantes das pastorais, escoteiros, os representantes da maçonaria, entre eles os DeMolays e as filhas de Jó, a banda de música do município e por último a imagem de São Sebastião. Enquanto essa última se aproximava da Igreja Matriz, o narrador da procissão encarregava-se de ler a história da imagem e da igreja Matriz e os “caboclos” já se colocavam ansiosos defronte ao carro,

aguardando que a imagem de São Sebastião fosse colocada sob os seus ombros, como se convencionou ao longo dos anos.

Abaixo, uma foto da imagem de São Sebastião ainda sob o veículo:



Foto N°20: Preparação para a procissão de São Sebastião, janeiro de 2011.
(Fonte: acervo da pesquisadora)

E mais uma foto com a imagem de São Sebastião já colocada sob os ombros de alguns “caboclos” mirandenses:



Foto N°21: Procissão de São Sebastião, janeiro de 2011.
(Fonte: acervo da pesquisadora)

Diante do exposto, acreditamos que durante a procissão de São Sebastião os papéis e as representações de poder preponderantes entre mirandenses e caraubenses parecem ser invertidos, colocados sob outra hierarquia. Nessa ocasião, a impressão que temos é a de que os ‘caboclos’ de Mirandas não estão mais dispostos a renunciar ou abrir mão do lugar que desejam ocupar; não apenas frente à imagem do seu padroeiro, mas, sobretudo, frente aos grupos com os quais eles se relacionam, no caso aqui os caraubenses.

Essa forma de hierarquização que, por vezes, as procissões de santos fomentam, foi anteriormente descrita por Pierre Sanchis (1983), quando em suas análises acerca das romarias portuguesas. Para ele, nessas ocasiões, algumas pessoas ou grupos se colocavam numa “*maior ou menor proximidade em relação à estátua*”, dependendo da posição que ocupavam na sociedade. E esta “*hierarquização*” tinha o papel de confirmar ou consolidar “*as hierarquias sociais*” existentes, ou ao contrário, serviam como instrumento de “*contestação simbólica e de estabelecimento de outra hierarquia.*” (SANCHIS, 1983, p.120)

No caso dos habitantes de Mirandas, a procissão de São Sebastião aparece como um espaço de afrontamento, de tensão e de disputa, não apenas por um lugar mais próximo em relação à imagem, mas, sobretudo, por um lugar o qual os mirandenses gostariam de ocupar junto à sociedade caraubense, a saber, o de fundadores da localidade, de “*donos da*

tradição cabocla”. Logo, apesar de seu caráter eminentemente religioso, a procissão revela aspectos significativos do cotidiano e da vida social dos grupos em questão, que comumente estão encobertos por uma aparente unidade intergrupar. A esse respeito, Émile Durkheim (1996, p.464) já considerava que a religião pode ser pensada com uma espécie de espelho da realidade e do social, refletindo *“todos os seus aspectos, mesmo os mais vulgares e repulsivos”*.

Assim, alguns rituais da festa de São Sebastião aparecem como palco de legitimação da identidade cabocla e aproximação entre os indivíduos dos dois grupos. Ao mesmo tempo que evidenciam as contradições existentes entre os “caboclos” e os caraubenses, já que a festa *“(…) longe de constituir um fenômeno alienante, separado e distante da vida real, volta-se também a resolução de problemas reais, através da organização dos grupos em nível local”* (AMARAL, 1998, p.07).

Nesse sentido, é possível perceber que essa festa está construída sob um passado que anualmente se renova e legitima os dois grupos: caboclos e caraubenses. Logo, ela pode nos servir como uma porta de entrada para pensar a construção identitária do grupo caboclo, já que, como revela Cordeiro, *“a análise do momento festivo pode ser usada como janela para observação de determinados processos sociais e culturais que fazem parte do cotidiano”* (CORDEIRO, 1997, p.23). E mais ainda: *“A festa anual de uma cidade exprime, recorrentemente, um conjunto de imagens culturais que afirmam a sua singularidade e a sua identidade própria.”* (Idem)

No caso dos mirandenses, parece ser no contato com outros grupos e de forma muito propícia durante a festa de São Sebastião, que conseguimos perceber a singularidade da identidade por eles compartilhada. Isso é reforçado pelas suas características fenotípicas, já que comumente eles são identificados pelos lisos cabelos pretos, mas também pelas preferências quanto às cores e modelos das vestimentas, ou ainda pelas camisas com dois bolsos e pela forte devoção a São Sebastião.

No que se refere a essa última característica, tivemos a oportunidade de perceber que ao término da procissão do ano de 2010 muitas pessoas, sobretudo os mirandenses, tentaram pegar para si uma rosa colocada sob o andor de São Sebastião, motivados pela crença de que a mesma é passível de realizar milagres. Tanto esse fato quanto relatos da crença dos mirandenses podem ser percebidos na fala que segue:

Sempre que termina a procissão, teve até uma cabocla que me fez esse pedido hoje, sempre que termina eles querem levar uma flor né. Tem até alguns que usam a flor para fazer um chá. Eles acham que a flor é milagrosa, eles admitem mesmo isso. Até mesmo aquele, ou o arranjo floral mesmo, o oásis, tem deles que levam até o oásis, com tudo mesmo. (Padre Gerônimo Dantas Pereira)

Durante a missa de encerramento da festa, no dia 20 de janeiro às 10 horas, tivemos a oportunidade de presenciar o ensejo dos devotos pelas flores colocadas sobre o andor de São Sebastião. Na ocasião, chamou nossa atenção um senhor posicionado defronte ao andor com a imagem do padroeiro de Caraúbas por toda a celebração. Ao término da cerimônia, nos aproximamos e percebemos que o mesmo insistia com uma colaboradora da igreja para que ela lhe desse uma flor. Aproveitamos então a oportunidade para entrevistá-lo, ocasião na qual ficamos sabendo que o mesmo se chamava Alexandre Bezerra de Puma.

Após o término de nossa entrevista, como ele não obtivera sucesso junto a colaboradora da paróquia de São Sebastião, relatamos então o seu caso à mesma, apresentando o tempo em que ele se encontrava diante do andor. Depois de um tempo, a colaboradora cedeu e disse que quando todos os devotos saíssem da igreja ela lhe daria uma flor. Abaixo, uma foto do senhor Alexandre Bezerra de Puma com a flor e com a camisa de dois bolsos:



Foto Nº22: Retrato do senhor Alexandre Bezerra de Puma, janeiro de 2010. (Fonte: acervo da pesquisadora)

Durante a nossa entrevista, indagamos o porquê dele usar uma camisa com dois bolsos, ao que o informante respondeu:

Porque eu sou caboclo mesmo. Tem muita gente de outras famílias, mas eu sou puro. É tanto que minhas camisas é sempre assim, minha esposa compra o tecido e faz, porque ela já foi costureira num sabe?

E o senhor é da família de Leandro Bezerra?

Informante: Sou. Leandro Bezerra é esse bairro que você diz ali né? Sou. Eu num tô dizendo a você que eu sou caboclo puro mesmo.

A fala do informante Alexandre Bezerra de Puma revela que Leandro Bezerra, enquanto figura mitológica responsável pela fundação do grupo caboclo, nem sempre assume relevância. Neste caso, são os sinais diacríticos utilizados no presente que assumem lugar de destaque. Não por acaso, o informante insiste em afirmar que a camisa que usava no momento da entrevista tinha sido feita por sua mulher, deixando claro que essa peça se diferenciava de qualquer outra e, portanto singulariza também o seu usuário. Quando indagado se pertencia à família de Leandro Bezerra, o informante responde à nossa indagação como se esta fosse quase uma blasfêmia. Neste caso, o lugar, o bairro caraubense que leva o nome de Leandro Bezerra aparece como um solo sagrado que confirma a pureza cabocla do informante.

Na fala deste informante, na maneira de pensar e afirmar a sua “pureza” cabocla, bem como nos sinais diacríticos por ele ostentados se encontra a revelação do que é ser caboclo nos dias atuais.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Sou um caboclo sonhador meu senhor viu, não queira mudar meu verso. Se é assim não tem conversa, meu regresso para o brejo diminui a minha reza. Coração tão sertanejo, vejam como anda plangente o meu olhar, mergulhado nos becos do meu passado, perdido na imensidão desse lugar...”

(Flávio José, Caboclo Sonhador- Composição de Maciel Melo)

Como demonstrado ao longo do trabalho, a identidade vivenciada pelos habitantes de Mirandas está construída a partir da “mistura” entre elementos ligados ao passado do grupo (já que é no passado que os mirandenses encontram “justificativas” para o uso de sinais diacríticos e do “apelido” pelo qual eles se tornaram conhecidos na região), e elementos presentes, relacionados à vida cotidiana mirandense e às relações estabelecidas com os caraubenses.

Do mesmo modo, acreditamos que a noção de “caboclo” utilizada para categorizar os mirandenses parece ser uma noção reconstituída a partir da junção de elementos tomados de empréstimo do passado e de elementos novos, construídos na interação desses com os pares. Uma categoria que no passado provavelmente remontava a uma perspectiva étnica, mas que na atualidade de nossos dias se apresenta como uma etiqueta, um rótulo que assume um sentido distinto do original. Logo, não podemos falar de uma emergência étnica em Mirandas tendo em vista o fato de que os próprios atores sociais não se definem enquanto descendentes indígenas e sim como “descendentes portugueses”. Assim, em alusão à música em epígrafe, os versos que compõem a vida dos caboclos de Mirandas contam a ligação desse povo com os seus antepassados do Cabo e das terras portuguesas. Os mirandenses até reconhecem outras ligações com povos e lugares, mas os versos que cantam em alto som, para si e para os outros, são aqueles que ressaltam as suas ligaduras com os portugueses.

Para além da não identificação étnica dos habitantes de Mirandas, percebemos que no passado os mesmos demonstravam insatisfação ou repulsa ao serem chamados de caboclos, termo que, quase sempre, fazia menção à idéia de pessoas não-letradas, ignorantes, praticantes de endogamia. Por isso essas características, quando mencionadas por mirandenses, aparecem sempre relacionadas ao passado do grupo, à visão de que hoje as coisas mudaram e que *“hoje as coisas já tudo mudado, já tem muito caboclo estudado, de conhecimento, naquela época não”*. (Manoel Auspício Bezerra Magro)

Como bem afirmou o informante, as ‘coisas’ mudaram, tanto que no presente o uso do termo “caboclo” causa orgulho aos mirandenses, sobretudo porque o sentido que eles

atribuem ao termo remonta a família portuguesa a qual a historiografia atribui a fundação do município de Caraúbas. No presente, ser conhecido como “caboclo” é ter orgulho de estar entre os maiores e melhores produtores de doce de caju da região, já que tivemos a oportunidade de demonstrar que eles acionam com inteligência social os elementos capazes de agregar valor social às suas identidades.

Paralelamente, no município de Caraúbas o termo caboclo também é acionado em vários sentidos e conotações. Durante as ocasiões que fogem à “normalidade”, tal como durante a festa de São Sebastião em Caraúbas, os caboclos são vistos como “*peessoas muito devotas*” (Padre Gerônimo Dantas Pereira), que não deixam de contribuir com a paróquia e que assistem as missas todos os sábados. Durante o referido evento, no ano de 2010, uma informante moradora do município de Caraúbas nos afirmou que “*de certo modo, todos nós somos caboclos né, de caboclo aqui todo mundo tem um sanguinho*” (Jaqueline Góis), fazendo menção ao fato de Caraúbas ter sido fundada pelos “caboclos”. Contudo, como vimos ao longo deste trabalho, somente os habitantes de Mirandas são conhecidos como tais.

Semelhante interpretação percebemos ao conversar com caraubenses a respeito do recenseamento realizado pelo IBGE nos anos de 2000 e 2010, que identificou as terras mirandenses como pertencentes ao município de Upanema e não mais a Caraúbas, como vinha ocorrendo ao longo dos anos. Nessas ocasiões, percebemos que os caraubenses, na tentativa de manterem os “mirandenses por perto”, afirmam que “*perder Mirandas é como perder a própria história*”. (Miquéias da Costa Sales)

Apesar dessa suposta unidade apontada pelos informantes mencionados acima, é na cidade de Caraúbas também que se marcam as diferenças entre caraubenses e mirandenses. Na vida cotidiana do município de Caraúbas percebemos que existe uma missa para os caboclos, uma mercearia e um bairro identificados como “preferidos” dos mirandenses. Percebemos ainda que a identidade dos mirandenses é marcadamente estigmatizada e que os mesmos são vistos como pessoas “arredias”, “ignorantes” e que “*mal cumprimentam as pessoas da cidade*”. Isso sem falar das festas do padroeiro de Caraúbas, ocasiões que se tornaram propícias para perceber as tensões eminentes entre os dois grupos, já que o referido evento aparece para os mirandenses como um espaço de afrontamento entre eles e os habitantes do município de Caraúbas. Nessas ocasiões (diferentemente do que ocorre durante as feiras livres realizadas no município, e do que provavelmente teria ocorrido com relação à suposta “imposição” de São José como padroeiro de Mirandas), os “caboclos”

reivindicam um lugar e assumem uma posição, fazendo com que percebamos que o fato dos mirandenses não permitirem que outras pessoas conduzam a imagem de São Sebastião durante a procissão não é tão somente expressão da fé dos mirandenses. Essa restrição diz muito dos “caboclos” e do desejo que têm de adquirir visibilidade e legitimação frente aos caraubenses. E, inversamente, parece dizer muito também dos caraubenses, que aceitam e que não querem “*perder a própria história*”.

Nesse sentido, tanto a imagem de São José quanto a de São Sebastião aparecem como símbolos religiosos que são manipulados com a finalidade de legitimar e reivindicar posições. Mais que isso, são símbolos que representam não apenas o ‘consenso’, mas também as “*contradições, as quais são mascaradas na unidade aparente que os símbolos representam*”. (ZALUAR, 1983, p.34)

A exaltação da cultura cabocla durante a festa de São Sebastião e a “renúncia” dos caraubenses de conduzirem a imagem do santo durante a procissão são atitudes que exprimem formas de contornar os conflitos que são eminentes. Conflitos esses que podem ser traduzidos na imposição de São José como padroeiro de Mirandas. Curiosamente, como notamos acima, a festa de São Sebastião também exprime esse momento de efusão e de encontro, no qual mirandenses e caraubenses se sentem congregados em uma mesma fé e comunidade.

As formas pelas quais se definiram as relações estabelecidas entre mirandenses e caraubenses em muito nos lembram às estabelecidas entre os Nuer e os Dinka, apresentados por Evans-Pritchard (1993). Esses grupos, segundo o autor, se definiam e se pensavam enquanto rivais ou adversários, sendo que nas ocasiões em que a manutenção de ambos se colocava em perigo, como durante as guerras com outros grupos, os mesmos se uniam para combater o inimigo.

No entanto, as contradições se fazem presente não apenas nas relações entre os “caboclos” e os caraubenses, mas também nas visões e práticas cotidianas dos primeiros. E a identidade “cabocla” aparece como um conjunto de elementos que por vezes se mostra funcionando em sintonia, mas que também são manipulados, afirmados ou negados de acordo com os interesses presentes em cada circunstância. Assim, muitas vezes, é interessante não ser visto como homem ignorante, mas em outra circunstância pode ser interessante meter medo no interlocutor, deixando claro que “caboclo” é homem de uma palavra só. Por vezes é salutar se mostrar como moderno e estudado, se afastando de um passado de ignorância, ou então ressaltar que as roupas utilizadas trazem em si o apego a

uma forte tradição. É em meio a elementos que apontam para o passado, e que ao mesmo tempo se congregam com elementos do presente, que os “caboclos de Caraúbas” vão (re) configurando as suas existências.

Diante do exposto, acreditamos que a identidade vivenciada pelos mirandenses se constrói também a partir de paradoxos, podendo ser pensada enquanto uma “identidade contrastiva”, tal como definida por Roberto Cardoso de Oliveira (1976). Uma identidade que se afirma na relação de complemento e de oposição com os moradores de Caraúbas e de outros lugares. Esses outros, com os seus dizeres e as suas práticas, ajudam os “caboclos” a serem o que são. E eles são muito mais do que esse trabalho foi capaz de dizer e de entender sobre suas existências. Eles se fazem entre muitas realizações e projetos, sonhos e desejos, entre doces de cajus, histórias de vida, vacas, roupas azuis, bigodes avantajados, cabelos longos.

A terra árida sobre a qual vivem teria outro gosto se não tivesse o doce sabor que os “caboclos” dão a ela, desde os tempos que só a lembrança é capaz de acessar e trazer à tona, misturando o passado às vivas emoções do cotidiano.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma. **Observação participante e survey**: uma experiência de conjugação. Em: A aventura sociológica. Edson Nunes (Org.). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978; p.125-151.

AMARAL, Rita de Cássia. **Sentidos da festa à brasileira**. Em: Travessia. Revista do migrante. Publicação do CEM- Centro de Estudos Migratórios, Ano XI, N.31, maio-agosto de 1998. ISSN: 0103-5576.

ARRUTI, José Maurício Andion. **A emergência dos “remanescentes”**: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. Mana, Rio de Janeiro, v.3, n.2. out. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso realizado em: 20/05/2010.

BECKER, Howard. **“Outsiders”**. Em: Outsiders. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008; p.15-30

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia**: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRUM, Ceres Karam. **“Esta terra tem dono”**: representações do passado missionário no Rio Grande do Sul. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.

CARVALHO, José Nunes Cabral de. **Nota prévia sobre a endogamia no grupo isolado dos caboclos**, município de Caraúbas. Coleção Mossoroense, (série B, nº. 334), 1983.

_____. **O Padroeiro de Caraúbas**: São Sebastião dos “Cachoeira”. Separata dos Arq. Inst. Antrop. Natal: v.1 n.2, Dezembro de 1964; p.23-28.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da terra**: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte. 1ª ed. Fundação José Augusto, 1968; p.170.

CAVIGNAC, Julie. **A etnicidade encoberta**: índios e negros no Rio Grande do Norte. Em: Mneme. Revista de humanidades, v.4, n.8, 2003. Disponível em: www.cerescaico.ufrn.br/mneme. Acesso realizado em 21/08/2010.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **A festa do interior**: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX. Natal: EDUFRN, 2006.

_____. **Imagens rurais e identidades cidadinas na festa junina**. Em: Os urbanitas, ano 4, v.4, nº6, dez. 2007. ISSN: 1806-0528.

_____. **Quando o campo está na cidade**: migração, identidade e festa. Disponível em: www.revistas.ufg.br/index.php/fchf. Acesso realizado em 14/06/2010.

CORDEIRO, Índias Graça. “Introdução – Contextos e percursos de uma investigação”. Em: **Um Lugar na Cidade: Cotidiano, Memória e Representação no Bairro da Bica**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997; p.19-36.

DAMATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo ou como ter “Anthropological Blues”**. Em: *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DA SILVA, Claudia Maria Moreira. **“Em busca da realidade”**: a experiência da etnicidade dos eleotérios (Catu/RN). Dissertação de mestrado, UFRN, 2007.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa: O sistema totêmico da Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer**. Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. COELHO, Ana M. Goldberger (trad.). São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

FALCÃO, Roberta Borges de Medeiros. **O desenvolvimento local sustentável no semi-árido nordestino: um estudo de caso na comunidade de Mirandas, Caraúbas/RN**. Natal: trabalho de dissertação de mestrado, Pós-graduação em Serviço Social, UFRN, 2005.

GEERTZ, Clifford. **Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico**. Em: *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997; p.85- 107.

GOFFMAN, Erving. “Estigma e Identidade Social” e “Desvios e Comportamento Desviante”. Em: **Estigma**. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1988; p.11-55, 151-158.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GUERRA, Jussara Galhardo Aguirres. **Mendonça do Amarelão: caminhos e descaminhos da identidade indígena no Rio Grande do Norte**. Dissertação de mestrado, UFPE, 2007.

GURGEL, Marcos Roberto Fernandes. **“Caboclos de Miranda”**: Tradição e fé no solo sagrado de São Sebastião. Monografia de final de curso, UERN, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. SIDOU, Beatriz (trad.). São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWN, Eric. RANGER, Terena (org.). **A invenção das tradições**. Cavalcante, Celina Cardim (trad.). 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997; p.9-23.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico do Brasil: características gerais da população: população por cor, raça e sexo segundo as

mesorregiões, as microrregiões e os municípios. Natal, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>, acesso realizado em 21/02/2011.

INSTITUTO DO DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE. Perfil do município de Caraúbas, Rio Grande do Norte, 2008. Disponível em: <http://www.idema.rn.gov.br/>. Acesso realizado em 22/03/2011.

INSTITUTO SANGARI. Mapa da violência 2010. Disponível em: www.sangari.com/mapadaviolencia/mapa2010.html. Acesso realizado em 08/07/2011.

JORNAL GAZETA DO OESTE, 16 DE MAIO DE 2007. Disponível em: www.gazetadooeste.com.br. Acesso realizado em 20/03/2011.

LÈVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas Elementares do Parentesco.** (Trad.) FERREIRA, Mariano. Petrópolis: Vozes, 1982.

MACÊDO, Helder Alexandre Medeiros de. **Caboclas brabas:** história indígena do sertão do Seridó por meio da memória de seus moradores. X Encontro Nacional de História oral. Testemunhos: história e política, 2010. ISBN: 978-85-7315-769-7. Disponível em: <http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/>. Acesso realizado em 21/01/2011.

MAGNANI, José G. **“Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”.** Em: Na Metrópole. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.

MARTINS, Pedro. **Anjos de cara suja:** etnografia da comunidade cafuza. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MAYOL, Pierre. **“Morar”.** Em: A invenção do Cotidiano 2. Rio de Janeiro: Vozes, 1996; p.37-69.

MORAIS, Glória Cristina de Oliveira. **Para uma possível etnografia da comunidade do Pêga (Portalegre/RN).** Mneme- Revista de humanidades. V.4, n.8, 2003. ISSN- 1518-3394. Disponível em: www.cerescaico.ufrn.br/mneme. Acesso realizado em 29/09/2010.

_____. **Entre parentes:** cotidiano, religiosidade e identidade na serra de Portalegre/RN. Dissertação de mestrado, UFRN, 2005.

MORAIS, Marcus César Cavalcante de. **Terras Potiguares.** 3. ed. Natal: Editora Foco, 2007; p.56-57.

MOTA, Nonato. **Notas sobre a Ribeira do Apodi.** Coleção Mossoroense, série B, n. 602, 1989. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. **Ensaio de Antropologia Histórica.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999; p.99-151.

OLIVEIRA, Maria Consuelo de. **Visão antropológica da família Cachoeira:** os caboclos de Caraúbas. Monografia de final de curso, UERN, 1994.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. Seguido de Grupos Étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. (trad.) Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PRADO, Regina de Paula Santos. **“Todo ano tem”**. As festas na estrutura social camponesa. Dissertação de mestrado apresentada na UFRJ, 1977.

SANCHIS, Pierre. **Arraial: Festa de um povo**. As romarias portuguesas. Matos, Madalena Mendes de. (trad.). Coleção Portugal de perto, N.3, edição 3PP 829. Publicações Dom Quixote, 1983.

SIGAUD, Lygia. **A morte do caboclo**: um exercício sobre sistemas classificatórios. Em: Boletim do Museu Nacional, n. 30. Rio de Janeiro: Nova série, 1978; p.01-28.

SITE OFICIAL DO MUNICÍPIO DE CARAÚBAS. (Disponível em: www.caraubas.rn.gov.br). Acesso realizado em 20/02/2011.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

TURNER, Victor. **“Dramas sociais e metáforas rituais”**. Em: Dramas, campos e metáforas. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008; p.19-54.

_____. **“Os símbolos do ritual ndembu”**. Em: Floresta de símbolos. Aspectos do ritual ndembu. Rio de Janeiro: EdUFF, 2005; p.49-82.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus**- Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

WEBER, Max. **Relações comunitárias étnicas**. Em: Economia e Sociedade: fundamentos da Sociologia compreensiva. V.1. Brasília: UNB, Imprensa oficial, 2004; p.267-277.

ANEXOS

ANEXO 1: Sesmaria de Francisco de Souza Falcão

Publica forma.

Señr. Rr. Por da Fazenda Real = Dir. e Cont.
 Fran.^{co} de S.^o Falcão, moradores na Ribeira
 do Apydy, desta Capitania, q.^o p.^o vem
 de Sua justiça lhe p.^o necessário o traslado
 de de sua data q.^o lhe foi consertida p.^o este
 Governo da Catanga da Pedra confrontando
 com a pedra p.^o a água do Cam.^o do paucuma
 p.^o av.^o m.^o lhe faça a m.^o mandar lhe
 dar o traslado da referida data. S. R. M.
 P. do q.^o constar = Albuquerque = Traslado
 do que pede = Fran.^{co} Chavier de Almeida
 Henriquez, moço fidalgo da Casa de Sua ma-
 jestade Cavalleiro professo na ordem de
 Christo, Cap.^o mor Gov.^o das armas da capi-
 tania do Rio G.^o de p.^o do dito S.^o q.^o se - faço
 saber nos q.^o esta m.^o carta de data e sis-
 tancia p.^o vem q.^o p.^o q.^o a mim me envi-
 ou a dizer p.^o sua petição p.^o crizto
 Fran.^{co} de Souza Falcão, cujo tier, he q.^o se-
 guinte: Señr. Cap.^o mor e Gov.^o dir. Fran.^{co}
 de S.^o Falcão m.^o na missão do Apydy dis-
 tricto desta Capitania q.^o g.^o Supp.^o tem
 seus gados vacum e cavallar os quaes ayda
 q.^o thados p.^o não ter lugar capan de se
 rearer de q.^o se lhe tem causado q.^o graves
 consideraveis perdas e como esse Supp.^o
 tem descoberto hum pedaço de terra na
 Catanga da Pedra confrontando com a m.^o
 pedra d.^o água do Cam.^o do Paucuma dentro
 da m.^o Catanga em humba baixa q.^o me-
 do suide tem humba cacimba com a-

abundancia d'agua p.^a oriaçõs de segundas,
 e esta devoluta e desaproveitada, donde
 quer elle supp.^l haver tres legoas de com-
 prido e outras tres de largura. Pede a
 vni.^{ce} se digue a vista do referido con-
 siderar lhe a dita terra p.^a data q.^l pede
 fazendo-se da largura comprim.^{to} e do
 comprim.^{to} largura, mettendo de dentro
 a dita faixa com todas as agoas e riuas
 vizinhas q.^l occuparem e puderem ha-
 ver dentro das tres legoas E. R. M. Infor-
 me o R. or. Por da F.^a das Rias. = B. = Leu. D.^{or}
 Por estando as terras q.^l o supp.^l pede
 devolutas e desaproveitadas se lhe devem
 conceder p.^a q.^l as cultivar e possuir não
 prejudicando a terceiros nem excedendo
 a faixa e as m.^l da ley e hompens de S.
 M. = Cid.^o do Natal 5 de Abr.^o de 1745 annos
 Bento Ferr.^o Morcillo. = Leu. Cap.^o e
 Governador com o q.^l informa o Ercebispo
 informo a vni.^{ce} e fará q.^l for servido
 Cid.^o do Natal 5 de Abr.^o de 1745 = Iqua-
 cig de Sousa Rocha Branco; Passe carta
 de data ao supp.^l de tres legoas de com-
 prido e humia de largo, na parte con-
 frontada com sua peticao observando-
 se em tudo as ordenis de El Rei. = Mi-
 randa = Par do q.^l meu despacho se paca
 e mandei paca a presente carta de
 data e situacia p.^a q.^l faço merei au-
 nome de El Rei p.^a sua Rias homp.^l
 de 22 de Abr.^o de 1715 ao supp.^l de tres
 legoas de terra de comprido e humia

de largo na parte confrontada em sua
 petição não excedendo a taxa sem pre-
 judicando a herer.^o para esse dito Fran.^o
 de Sousa Falcão e seus herdeiros e gene-
 dentes e descendentes excepto religiosos
 e q.^o lograra com todas suas águas mo-
 tas e campos besteados e fegraduros e
 m.^o huteis q.^o nellos houver e em condi-
 ção de as povoar mediz e demarcar
 dentro do quinquennio da Rey e serci obri-
 gado a dar p.^o as ditas Terras com
 livres ao concelho para fontes pontes e
 pedreiras a pagarem a disimio q.^o d.^o
 dos fructos que deflas houver e dentro
 esse fym anno haver a confirmação
 de El Rei p.^o seu concelho, ulpaniazinha
 peso q.^o ordeno ao Dr. P.^o da Faz.^o Ri-
 al the de e faer dar a posse Rial effe-
 tiva e gertual jua forma e custumada e
 as m.^o da orden do livro quarto titulo
 43 Sob pena de se haverem p.^o devolu-
 tas e se darem a q.^o as pedir q.^o p.^o fir-
 mada de tudo the mandei passar a pre-
 sente por arriguada e sellada com o sig-
 nete de minhas annas, que se registarã
 nos livros da secretaria deste Gov.^o e nas
 da Faz.^o Rial desta capitania dada e
 passada nesta cid.^o de Minas Capi-
 tania do Rio Gr.^o do Norte aos 5 de
 86.^o anno do Naçim.^o de Nosso Seny.
 Jeyus Lemirto de 17.45. annos. Abau.
 el das Gizeus de Chir.^o, secretario des-
 te Gov.^o o fca. = Francisco Xavier de

Miranda, Henrique. = Tenho o seguinte.
 Carta de data e simulario p.^{la} q.^{ta} vni.^{ce}
 liguza por bem de conceder em nome
 do El. Rei ao Supp.^{co} Fran.^{co} de Sousa Vas.
 cao tres fequas de terra de comprido e
 humo de largo, confrontadas em sua
 peticão que nesta em conformidade
 (aqui tinha uma palavra inintelligivel por
 destruida), das clausulas referidas p.^{ta} vni.
 ver. - Registrada no livro de registro,
 q.^{to} serve nesta secretaria do Gov.^o des-
 ta Capitania a q.^{ta} toca a ~~destruida~~ uma
 palavra aqui) p.^{ta} F. 279. Lid.^o de Natas
 5 de 8 br.^o de 1445 = Manoel das Neves de
 Oliv.^o = Cuyra-se registre-se. - Bravos
 Bento Ferr.^o Moricinho. Escrição da Sas.
 Rias a registar no m.^o dia mes e anno
 a siya declarado e não continua m.
 em dito registro q.^{to} se acha no livro 1.^o
 a F. 187. p.^{ta} q.^{ta} cu Fran.^{co} Pim.^o Tex.^o Es-
 crição da Sas.^{da} Rias nesta Lid.^o de Natas
 Capitania do Rio Gr.^o do Norte p.^{ta} selto
 Rias que n.^o q.^{ta} o que fiz trasladar do pro-
 prio registro o q.^{to} me reporto em obser-
 vancia do despacho retro do provedor da
 Sas.^{da} Rias, o D.^o Antonio Carri.^o de Abu-
 quergue, fardou aos treys dias do mes
 de Abril de 776 annos fiz cravar e as-
 signar. Desta bursa 820 n.^o = Fran.^{co} Pim.^o
 Tex.^o = Era o que se continha em dito
 documento que me foi apresentado para
 ser reproduzido por copia legal e authe-
 tica, e ao qual me reporto; tendo do

mesmo bem e fielmente extraído a pre-
 sente publica forma, que depois comparei
 e comparei com o original, e por achaf a
 em tudo conforme, a subscriso e assigno
 em publico e raro, entregando a ao
 portador juntamente com aquelle refui-
 do original. Do que dou fe, nesta cidade
 de Caruaru, em 3 de Dezembro de 1934.
 Eu Hugo Lino d' Oliveira, Tabelião Publico effec-
 tivo que a escrevi e assigno firmamento o
 meu signal publico de que uso, dou fe.

Em test. M. O de verdade de
 Hugo Lino d' Oliveira Tabelião Publico



Caruaru, 11 de Dezembro de 1936
 Sr. Carlos de Souza
 Jonas Figueira
 Hugo Lino



ANEXO 2: Folder da I Feira do caju caboclo



OBJETIVO

Promover o conhecimento das inovações tecnológicas na produção da cajucultura e construir um espaço de comercialização e de debate sobre a inserção competitiva dos produtos da agricultura familiar e dos pequenos empreendedores urbanos nas cadeias produtivas, numa perspectiva de viabilizar as condições de sustentabilidade dos empreendimentos e, conseqüentemente, promover a elevação na renda das famílias empreendedoras.

CAJU CABOCLO: DOCE FEITO MEL

A região de Mirandas, no município de Caraúbas, envolve uma população de aproximadamente 3 mil habitantes e tem como maior fonte de renda a cajucultura, dada as favoráveis condições climáticas que resultam em um grande potencial na área agrícola da região acima referida.

Considera-se ainda que a cajucultura significa para o município de Caraúbas além da atividade agrícola de maior peso na economia local, uma componente cultural importante, haja vista a influência determinante na forte cultura da raça cabocla, principal habitante da região produtora de Mirandas.

Os caboclos preservam seus costumes de danças, vestimentas, festas e crenças intrinsecamente relacionados com o trato, o consumo e o comércio do caju.

PROGRAMAÇÃO

8:00 h - Missa Solene.

9:00 h - Abertura Oficial do Evento.

9:15 h - Apresentação Cultural. Grupo de dança cabocla.

9:30 h - SEMINÁRIO:
"Mapeamento e Organização da Cadeia Produtiva do Caju Caboclo Caraubense: Desafios e Oportunidades."

Palestra: *Realidade atual e perspectivas para a cajucultura do Médio Oeste Potiguar.*

Palestrante: Francisco Caramurú de O M Paiva - Gerente Geral da ARCO OESTE

Relato de experiência: *Verticalização da produção de caju no Pará em LORENA.* Antonio de Leda

10:20 h - Degustação de receitas a base de Caju.

10:30 h

Palestra: *Alternativas e inovações tecnológicas para a produção da cajucultura de base familiar*

Palestrante: Reginaldo Gomes Nobre - Pesquisador e Agrônomo EMBRAPA/ATOS.

11:20 h - FEIRA: Visitas às barracas das associações.

16:00 h - Festival do Caju.

Premiação para - Caju mais doce. - Maior caju. - Maior castanha. - Etc

17:30 h - Encerramento oficial do evento.

18:00 h Corrida de argolinha

Anexo 3: Folder da programação da festa de São Sebastião em Caraúbas, realizada no ano de 2010.



16 DE JANEIRO (sábado)

19h – Novena

Tema: "Jesus rejeita a hipocrisia social", Mc 2, 13-17

Pregador – Padre Erivon Maia, Administrador Paroquial de Nossa Senhora das Dores – Itaú/RN.

Noiteiros – Associação Theotonilo Neves de Brito, Família Maçonica, Apostolado do Sagrado Coração de Jesus, PETI, Afilhados (as).

17 DE JANEIRO (domingo)

19h – Novena

Tema: "Vida nova para os homens", Jo 2, 1-11

Pregador – Padre Lenilson Silva das Chagas, Administrador Paroquial de São José Operário, Jandaira-RN.

Noiteiros – Ministério da Visitação, Imprensa, Radialistas, Renovação Carismática Católica, CRAS, AFICEL, Caraubenses Ausentes, Afilhados (as).

18 DE JANEIRO (segunda-feira)

19h – Novena

Tema: "Jesus provoca ruptura", Mc 2, 18-22

Pregador – Padre Antônio José do Vale Bezerra de Góis, Administrador Paroquial de Nossa Senhora das Graças, Afonso Bezerra-RN.

Noiteiros – Família Cabocla, Marchantes, Contabilistas, Apostolado de Mãe Rainha, Família Cachoeira, Feirantes, Afilhados (as).

19 DE JANEIRO (terça-feira)

19h – Novena

Tema: "Jesus liberta da lei", Mc 2, 23-28

Pregador – Padre Alcimário Pereira de Oliveira, Pároco da Igreja Matriz de Cristo Ressuscitado e de Santa Rita de Cássia, Ponta Negra, Natal-RN.

Noiteiros – Três Poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário, OAB, Conselho Tutelar, Motoristas, Mototaxistas, Ciclistas, Atletas, Afilhados (as).

20 DE JANEIRO (quarta-feira)

6h – Igreja Matriz – Missa

10h – Igreja Matriz – Missa solene da Festa – (Afilhados (as))

Tema: "São Sebastião: vida a serviço de Deus, um desafio para todos".

Pregador – Monsenhor Lucas Batista Neto, Pároco da Igreja Matriz de Santo Afonso Maria de Ligório, Mirassol, Natal-RN. Membro dos Conselhos de Consultores e Presbiteral, Diretor da Escola Diáconal, Mirassol, Natal-RN.

16h – Procissão de São Sebastião

Descerramento das Bandeiras e show pirotécnico.

EVENTOS

- 09/01 – 10h Vestição dos Novos Coroinhas
- 10/01 – 8h II Cavalgada com São Sebastião - saída do Posto Imperial
- 10h Missa do Vaqueiro no Saia Rodada Park Show
- 12h Leilão da Cavalgada com Show de artistas locais
- 16/01 – 8h Reunião com Pais e Padrinhos (Batizados)
- Obs.: Trazer o registro da criança
- 16h Casamentos Comunitários
- 21h Sorteio da CDL na Praça de Eventos
- 17/01 – 8h Batizados de Adultos
- 12h30 Almoço dos Caraubenses Ausentes na AABB

- 16h Blingo de São Sebastião em frente à Igreja Matriz.
- 18 e 19/01- 8h Batizados de Crianças
- 18/01 – 21h Leilão da Família Cabocla na Praça de Eventos
- 19/01 – 16h Procissão dos Motoristas
- 21h Leilão de São Sebastião na Praça de Eventos
- 20/01 – 6h Missa na Igreja Matriz
- 10h Missa Solene da Festa
- 16h Procissão de São Sebastião
- 19h Show Pirotécnico

LEMBRETES

Diariamente

- 5h – Alvorada
- 7h – Missa (11 a 19/01)
- 12h – Salva
- 15h – Reunião com os Noiteiros
- 19h – Novena